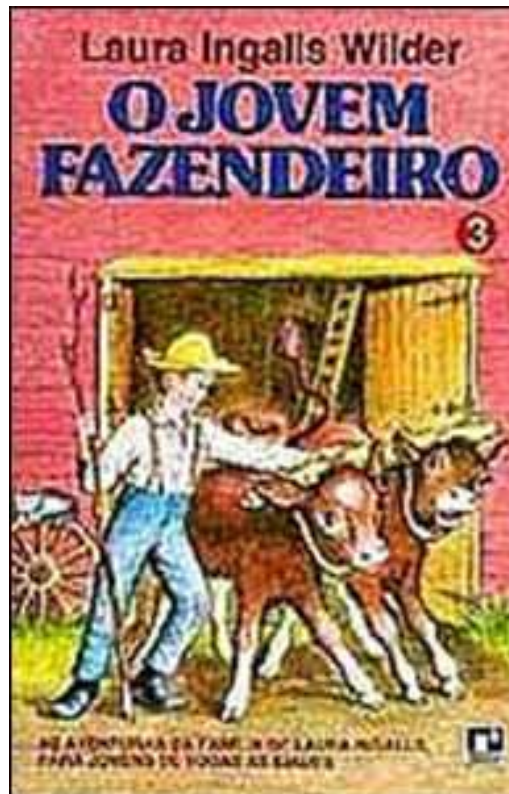




O RAPAZ DA QUINTA (O JOVEM FAZENDEIRO)

LAURA INGALLS WILDER

UMA CASA NA PRADARIA - 3

A OBRA QUE DEU ORIGEM À SÉRIE DE TV - A VIDA ÁRDUA DE UMA FAMÍLIA NO OESTE SELVAGEM... UMA OBRA PARA SER LIDA POR CRIANÇAS, JOVENS E ADULTOS.



ÍNDICE

1. Dias de escola	7/0
2. Anoitecer de Inverno	14/0
3. Noite de Inverno	23/0
4. Surpresa	28/0
5. Dia de anos	33/1
6. Enchendo a casa do gelo	42/1
7. Noite de Sábado	47/1
8. Domingo	52/1
9. Adestrando os vitelos	60/2
10. A Roda do Ano	65/2
11. Primavera	71/2
12. O Funileiro	78/2
13. O cão desconhecido	82/3
14. Tosquia	88/3
15. Onda de frio	93/3
16. Dia da Independência	98/3
17. Verão	107/4
18. Governando a casa	115/4
19. Colheita temporã	127/4
20. Colheita tardia	133/5
21. Feira do Condado	139/5
22. Outono	151/5
23. O sapateiro	156/6
24. O pequeno trenó de atrelar	163/6
25. A debulha	167/6
26. Natal	170/6
27. Transporte de madeira	178/7
28. A carteira do Sr. Thompson	185/7
29. Jovem Agricultor	194/7

1. DIA DE ESCOLA

Corria o mês de Janeiro na parte norte do estado de Nova Iorque, há 67 anos. Havia neve alta por todo o lado: amontoava-se nos ramos nus dos carvalhos, dos bordos e das bétulas, dobrava os galhos dos cedros e dos abetos vermelhos, mais em baixo, e cobria de uma espécie de ondas os campos e as cercas de pedra.

A caminho da escola, um rapazinho descia penosamente uma longa estrada através da floresta, com o seu irmão mais velho, Royal, e com as suas duas irmãs, Elisa Jane e Alice. Royal tinha 13 anos, Elisa Jane 12 e Alice 10. Almanzo, o rapazinho, era o mais novo de todos e aquela era a primeira vez que ia à escola, pois ainda não completara 9 anos.

Tinha de andar depressa, para acompanhar os outros, e de levar a lancheira.

- O Royal é que devia levá-la - protestou o rapazinho. - Ele é maior do que eu.

Royal caminhava à frente, alto e quase um homem, de botas, e foi Elisa Jane quem respondeu:

- Não, Manzo. Agora é a tua vez de a levar, por seres o mais pequeno.

Elisa Jane era mandona. Sabia sempre o que era melhor e obrigava Almanzo e Alice a fazê-lo.

7

Almanzo estugava o passo atrás de Royal, e Alice fazia o mesmo atrás de Elisa Jane, nos trilhos fundos feitos pelos patins dos trenós. De ambos os lados havia neve empilhada a grande altura. A estrada descia por uma encosta comprida, depois atravessava uma pontezinha e prosseguia mais de quilómetro e meio através da floresta gelada, até à escola.

O frio mordida as pálpebras de Almanzo e punha-lhe o nariz dormente, mas ele estava quentinho sob as boas roupas de lã, todas feitas com lã do rebanho do pai. A roupa interior era de um branco-creme, mas a mãe tingira a lã para a roupa de fora.

O fio para o seu casaco e para as suas calças compridas fora tingido com cascas de noqueira branca. Depois a mãe tecera e pusera o tecido de molho, para encolher e ficar uma fazenda pesada e grossa. Nem vento, nem frio, nem sequer uma carga de chuva conseguia traspasar a boa fazenda grossa que a mãe fazia.

Para o colete de Almanzo usara lã fina, tingida de vermelho-cereja, e tecera uma fazenda fina e macia. Era leve e quente e de uma bonita cor.

As calças compridas, castanhas, de Almanzo, Prendiam-se ao colete por meio de uma enfiada de brilhantes botões de metal, a toda a volta da cintura. O colete era abotoado até ao queixo, muito aconchegado, e o mesmo acontecia com a gola do sobretudo de grossa fazenda castanha. A mãe fizera-lhe o boné da mesma fazenda grossa castanha, com umas ricas orelheiras que se abotoavam debaixo do queixo. E as suas luvas encarnadas tinham um cordão que subia pelas mangas do sobretudo e por trás do pescoço, para evitar que as perdesse.

Calçava um par de meias bem aconchegadas por cima das pernas das ceroulas e outro por cima das pernas das calças compridas castanhas, e sobre ambos os pares calçava mocassins - mocassins que eram exactamente como os que os índios usavam.

As meninas cobriam a cara com grossos véus, quando saíam no Inverno; mas Almanzo era rapaz e expunha a cara ao ar cortante. Tinha as faces vermelhas como maçãs e o nariz ainda mais vermelho do que uma cereja. Ao fim de calcorrear mais de quilómetro e meio, ficou contente quando viu a escola.

Erguia-se, isolada, na floresta gelada, no sopé do monte Hardscrabble. Subia fumo da chaminé e o professor abria um caminho, com uma pá, através da neve amontoada até à porta.

Cinco rapazes crescidos brigavam na neve alta, perto do carreiro.

Almanzo assustou-se, quando os viu. Royal fingiu não ter medo, mas tinha. Eram os matulões da povoação de Hardscrabble e toda a gente tinha medo deles.

Espatífavam os trenós dos rapazinhos pequenos, só para se divertirem. Agarravam rapazinhos pelas pernas e giravam com eles, até os largarem e deixarem cair de cabeça na neve alta. Às vezes, obrigavam dois miúdos a lutar um com o outro, embora eles não quisessem e pedissem que os deixassem em paz.

Aqueles matulões tinham 16 ou 17 anos e só frequentavam a escola no meio do período do Inverno. Iam para espancar o professor e obrigar a escola a fechar. Gabavam-se de que nenhum professor conseguia acabar o período de Inverno naquela escola, e a verdade é que ainda nenhum acabara.

Naquele ano, o professor era um homem novo, pálido e magro, chamado Sr. Corse. Bondoso e paciente, nunca chicoteava os rapazinhos por eles não saberem escrever uma palavra. Almanzo sentia-se indisposto quando pensava como os calmeirões espancariam o Sr. Corse, que não tinha corpo para lutar com eles.

Havia silêncio na sala de aula e ouvia-se o barulho que os crescidos faziam no exterior. Os outros alunos falavam baixinho, de pé junto do grande fogão do meio da sala. O Sr. Corse estava sentado à secretária. Lia um livro, com a face magra apoiada numa das mãos esguias. Levantou a cabeça e saudou, agradavelmente:

- Bons dias.

Royal, Elisa Jane e Alice responderam-lhe cortesmente, mas Almanzo não disse nada. Parou junto da secretária, a olhar para o professor. O Sr. Corse perguntou-lhe:

- Sabes que esta noite vou contigo para tua casa?

Almanzo estava tão perturbado que não foi capaz de responder.

- Pois vou - continuou o Sr. Corse. - É a vez do teu pai.

Cada família da área recolhia o professor durante duas semanas. Ele ia de propriedade em propriedade, até ter passado duas semanas em todas elas. Depois dava por concluído aquele período e encerrava a escola.

Enquanto falava, o Sr. Corse bateu na secretária com a régua; eram horas de começar a aula. Todos os rapazes e raparigas ocuparam os seus lugares. As raparigas ficavam do lado esquerdo da sala e os rapazes do lado direito, com o grande fogão e a caixa da lenha no meio. Os mais crescidos sentavam-se nos bancos de trás, os médios nos do meio e os mais pequenos nos da frente. Todos os bancos eram do mesmo tamanho.

8 9

Os mais crescidos quase não podiam enfiar os joelhos debaixo da carteira e os mais pequenos não podiam apoiar os pés no chão, pois não chegavam lá.

Almanzo e Miles Lewis andavam na primeira classe e, por isso, ficavam no banco da frente, que não tinha carteiras. Tinham de ficar com a cartilha na mão.

Em seguida, o Sr. Corse foi à janela e bateu nos vidros. Os rapazes crescidos entraram em tropel, de brincadeira e a rir alto.

Empurraram a porta estrondosamente e entraram de cambulhada.

Bill Ritchie era o chefe do bando. Quase tão corpulento como o pai de Almanzo, os seus punhos eram como os do pai do rapazinho. Bateu com os pés, para sacudir a neve, e foi sentar-se pesadamente num banco de trás. Os outros quatro também fizeram todo o barulho que puderam.

O Sr. Corse não disse nada.

Não era permitido falar na aula nem estar desassossegado. Todos os alunos deviam estar perfeitamente quietos e de olhos postos na lição. Almanzo e Miles pegaram na cartilha e tentaram não bambolear as pernas. Estas costumavam cansar-se tanto, de estarem penduradas do banco, que lhes doíam. Às vezes, uma perna dava um safanão brusco para a frente, sem que Almanzo tivesse tempo de a deter. Depois esforçava-se para fingir que não acontecera nada, mas bem sentia o Sr. Corse a olhar para ele.

Nos bancos de trás, os rapazes crescidos cochichavam, mexiam-se e batiam com os livros. O Sr. Corse disse, severamente:

- Um pouco menos de desassossego, por favor.

Ficaram quietos um momento, mas depois recomeçaram. Queriam que o Sr. Corse experimentasse castigá-los. Se o fizesse, saltar-lhe-iam os cinco em cima.

Por fim, foi chamada a primeira classe e Almanzo escorregou do banco e dirigiu-se com Miles para a secretária do Sr. Corse. O professor pegou na cartilha de Almanzo e indicou-lhe palavras para soletrar.

Quando andara na primeira classe, Royal chegara muitas vezes a casa, à noite, com a mão hirta e inchada. O professor dava-lhe reguadas na palma da mão, porque Royal não sabia a lição. Então o pai dizia:

- Se o professor voltar a bater-te, depois ainda te dou uma tarefa que te há-de ficar de memória.

Mas o Sr. Corse nunca dava reguadas na mão de um rapazinho.

Quando Almanzo não conseguia soletrar uma palavra, o Sr. Corse dizia-lhe:

- Ficas na aula durante o recreio e estudas.

No recreio, as meninas saíam primeiro. Punham os capuzes e as capas e saíam sossegadamente. Passados quinze minutos, o Sr. Corse batia na janela e elas entravam, penduravam os agasalhos à entrada e pegavam de novo nos livros. Os rapazes podiam então sair, também durante quinze minutos.

Saíam para o frio, às corridas e aos gritos. Os primeiros a chegar ao exterior, começavam a atirar bolas de neve aos outros. Os que tinham trenós amarinhavam pelo monte Hardscrabble acima, deitavam-se de bruços nos trenós e vinham desarvorados pela longa e íngreme encosta abaixo. Davam cambalhotas na neve, corriam, lutavam, atiravam bolas de neve e lavavam a cara uns aos outros com neve e sempre a gritar com quanta força tinham.

10 11

Quando era obrigado a passar o recreio no seu lugar, Almanzo sentia-se envergonhado, por ter de ficar com as meninas.

Ao meio-dia, como de costume, foram autorizados a andar à vontade na aula e conversar uns com os outros, mas sem fazer barulho. Elisa Jane abriu a lancheira do almoço na sua carteira. Tinham pão com manteiga e chouriço, Foscas de massa frita, maçãs e quatro deliciosas tartes de maçã, fofas e tostadinhas, com fatias de maçã e xarope castanho e saboroso,

que se derretiam na boca.

Depois de comer todas as migalhas da sua tarte e de lamber os dedos, Almanzo foi ao balde da água que estava em cima de um banco, ao canto, encheu uma concha e bebeu. Em seguida pôs o boné, vestiu o sobretudo, calçou as luvas e saiu para brincar.

O Sol brilhava quase a pino, e a neve toda estava ofuscante, a cintilar. Os transportadores de lenha desciam o monte Hardscrabble. Empoleirados nos trenós carregados de toros empilhados, os homens estalavam o chicote e gritavam aos cavalos, que sacudiam a cabeça e faziam chocalhar a enfiada de guizos que traziam ao pescoço.

Os rapazes correram aos gritos, e foram prender os seus trenós aos dos homens, e os rapazes que não tinham levado os trenós subiam a encosta e desceram sobre as cargas de lenha.

Passaram alegremente pela escola e continuaram pela estrada abaixo. Voavam bolas de neve com grande abundância. Em cima da lenha, os rapazes lutavam e empurravam-se uns aos outros para os montes de neve acumulada. Almanzo e Miles desceram aos gritos, no trenó do segundo.

Parecia não ter decorrido nem um minuto desde que tinham saído da escola. Mas para voltar precisariam de muito mais tempo. Primeiro andaram, depois trotaram e por fim correram, ofegantes, com medo de chegarem atrasados. Mas compreenderam que estavam mesmo atrasados. O Sr. Corse bateria a todos.

A sala de aula estava silenciosa. Não queriam entrar, mas não tiveram outro remédio. Entraram sorrateiros, muito calados. O Sr. Corse estava sentado à sua secretária e as meninas ocupavam os seus lugares, a fingir que estudavam. Do lado dos rapazes, todos os lugares estavam vazios.

Almanzo dirigiu-se para o seu banco, no meio do assustador silêncio, pegou na cartilha e esforçou-se para não respirar muito alto. O Sr. Corse não disse nada.

Bill Ritchie e os outros crescidos não se ralaram, fizeram todo o barulho que lhes apeteceu quando ocuparam os seus lugares. O Sr. Corse esperou que o silêncio voltasse. Depois disse:

- Desta vez fecho os olhos ao vosso atraso. Mas que não volte a acontecer.

Todos sabiam que os crescidos voltariam a chegar atrasados. O Sr. Corse não os podia castigar porque eles lhe dariam uma tarefa, e era isso mesmo que eles queriam.

12 13

2 - ANOITECER DE INVERNO

O ar estava parado e gelado e os ramos pequenos estalavam, com o frio. A neve desprendia uma luz cinzenta, mas as sombras adensavam-se na floresta. Escurecia quando Almanzo subiu penosamente a última e comprida encosta para a casa da quinta.

Estugava o passo atrás de Royál, que estugava o passo atrás do Sr. Corse. Alice ia muito depressa atrás de Elisa Jane, no outro sulco de trenó. Levavam a boca tapada, por causa do frio, e não diziam nada.

A neve arredondava o telhado da casa alta, pintada de vermelho, e dos beirais pendia uma franja de grandes sinelos. A frente da casa estava escura, mas havia um rasto de trenó para os grandes estábulos, tinha sido aberto um caminho para a porta lateral e nas janelas da cozinha brilhava a luz de

velas.

Almanzo não entrou em casa. Entregou a lancheira a Alice e foi para os estábulos com Royal.

Eram três barracões compridos, enormes, à volta de três lados do pátio quadrado. Todos juntos, deviam ser os melhores estábulos da região.

Almanzo foi primeiro à cavalaria, que ficava virada para a casa e tinha 30 metros de comprimento. A enfiada das baias dos cavalos ficava ao meio; a uma extremidade ficava a divisão dos bezerros e, a seguir, o aconchegado galinheiro, e na outra extremidade ficava a casa da carruagem, tão grande que cabiam lá duas carruagens e o trenó, com espaço bastante para desatrelarem os cavalos, que passavam daí para as suas baias, sem precisarem de sair de novo para o frio.

O celeiro grande começava do lado ocidental da cavalaria e formava o lado ocidental do pátio. No meio do celeiro grande ficava o piso do grande celeiro, com grandes portas que davam para os prados, a fim de por elas poderem passar carros carregados de feno. A um lado ficava o grande depósito de feno, com 15 metros de comprimento e 60 de largura, cheio de feno até ao pico do telhado alto.

A seguir ao piso do celeiro grande haviam 14 baias para as vacas e para os bois, a que se seguiam o barracão das máquinas e depois o das ferramentas. Aí, contornava-se a esquina e chegava-se ao estábulo do sul.

Nele ficavam a casa da forragem, a seguir as pocilgas, depois o curral dos vitelos e por fim o piso do estábulo do sul, que era a eira. Ainda maior que o piso do celeiro grande, era nele que estava a máquina de joeirar.

A seguir ao piso do estábulo do sul havia um curral para gado novo e, depois deste, o redil das ovelhas. E não havia mais nada no estábulo do sul.

Do lado oriental do pátio erguia-se uma apertada cerca de tábuas com mais de 3,5 metros de altura. Os três grandes estábulos e a cerca envolviam o pátio aconchegado. O vento podia assobiar e a neve bater contra as suas paredes, mas entrar não entravam. Por muito tempestuoso que fosse o Inverno, raramente havia mais de 60 centímetros de neve no pátio abrigado.

Quando Almanzo entrava nos grandes barracões, fazia-o sempre pela porta pequena da cavalaria. Adorava cavalos. Gostava de vê-los ali, nas suas baias espaçosas, limpos e lustrosos, de um castanho brilhante e com compridas crinas e caudas pretas.

Os sensatos e calmos cavalos de trabalho mastigavam feno, placidamente. Os cavalos de três anos aproximavam os focinhos através das traves, e pareciam segredar uns com os outros. Depois, devagarinho, passavam as narinas ao longo do pescoço uns dos outros. Um fino morder e ei-los que relinchavam, se empinavam e escoicinhavam, de brincadeira. Os cavalos velhos viravam a cabeça e olhavam, como avós a observar os netos. Mas os potros corriam, excitados, nas pernas finas e olhavam de olhos fixos, como que admirados.

Todos eles conheciam Almanzo. Quando o viam, arrebitavam as orelhas e os seus olhos brilhavam suavemente:

Os de três anos aproximavam-se de contentes, e estendiam a cabeça para o afagar. O seu focinho, com algumas crinas espetadas, era macio como veludo e a madeixa - ou topete - de

cabelo fino da testa era macia como seda. Arqueavam altivamente o pescoço firme e redondo e a crina preta cobria-os como uma franja vasta. Podia-se passar a mão por aqueles pescoços firmes e curvos, quentes sob a crina.

Mas Almanzo não se atrevia a fazê-lo. Não estava autorizado a tocar nos bonitos cavalos de três anos. Não podia entrar nas suas baias, nem sequer para as limpar. Tinha só 8 anos e o pai não o deixava lidar com os cavalos jovens nem com os potros. O pai ainda não confiava nele, porque os potros e os cavalos jovens por adestrar estragam-se com muita facilidade.

Um rapaz sem tino podia assustar um cavalo novo, ou arreliá-lo, ou até bater-lhe, e isso dava cabo do animal. Aprenderia a morder, a dar coices e detestar as pessoas e, depois, nunca seria um bom cavalo.

Mas Almanzo era atilado, nunca assustaria ou magoaria um daqueles bonitos potros. Era sempre sossegado, meigo e paciente, incapaz de assustar um potro nem de lhe gritar, mesmo que ele lhe pisasse um pé. Mas o pai não queria acreditar que fosse assim.

Por isso, Almanzo só pôde olhar ansiosamente para os azougados cavalos de três anos. Tocou-lhes ao de leve no focinho aveludado e depois afastou-se deles e vestiu a bata do estábulo por cima da roupa boa da escola.

O pai já dera água aos animais todos e estava a começar a dar-lhes cercal. Royal e Almanzo pegaram em forquilhas e foram de baia em baia, a retirar o feno sujo do chão e a substituí-lo por fresco, das manjedouras, que espalhavam para fazer camas limpas para as vacas, os bois, os vitelos e as ovelhas.

Não precisavam de fazer camas para os porcos, pois eles faziam-nas e conservavam-nas limpas.

No estábulo do sul, os dois vitelos de Almanzo estavam numa baia. Chegaram-se para as traves, a empurrarem-se um ao outro, quando o viram. Eram ambos vermelhos e um tinha uma mancha branca na testa, o que levava Almanzo a chamar-lhe «Estrela». O outro era todo ele vermelho brilhante e Almanzo chamava-lhe «Brilhante».

Estrela e Brilhante eram bezerros novos, com menos de um ano. Os seus chifres pequeninos mal tinham começado a endurecer no cabelo macio, junto das orelhas. Almanzo coçava-os à volta dos pequenos chifres porque os bezerros gostam disso. Enfiavam o focinho húmido e rombo por entre as traves e lambiam com a língua áspera.

Almanzo tirou duas cenouras da manjedoura das vacas, partiu-as aos bocadinhos e deu-as, bocadinho a bocadinho, a Estrela e Brilhante.

Depois pegou de novo na forquilha e subiu para cima dos montes de feno. Estava escuro, lá no alto. Da lanterna de folha, com buracinhos aos lados, colocada na coxia, em baixo, saía pouca luz. Royal e Almanzo não estavam autorizados a levar uma lanterna para os montes de feno, com receio do fogo.

Mas em poucos momentos habituavam-se a ver na penumbra.

Trabalhavam depressa, a lançar feno, com as forquilhas, para as manjedouras, em baixo. Almanzo ouvia o barulho que os animais faziam a comer. Os montes de feno estavam quentes, do calor do gado todo que se encontrava em baixo, e o feno tinha um cheiro adocicado. Havia também o cheiro dos cavalos e das vacas e o cheiro lanoso das ovelhas. E antes de os rapazes acabarem de encher as manjedouras, juntou-se a todos esses cheiros o odor quente e bom do leite, que caía, espumoso, no balde do pai.

Almanzo pegou no seu banquinho de ordenhar e num balde e

sentou-se na baia da «Flor», para mungir. As suas mãos ainda não eram suficientemente fortes para mungir uma vaca leiteira difícil, mas já conseguia mungir a «Flor» e a «Mandona», que eram boas vacas velhas, que davam o seu leite sem dificuldade e quase nunca lhe batiam com a cauda fustigante nos olhos ou viravam o balde com uma das patas traseiras.

Almanzo sentou-se com o balde entre os pés e começou a mungir sem parar: "esquerda, direita, suiche suiche!" Os jorros de leite caíam, inclinados, no balde, enquanto as vacas apanhavam o grão com a língua e mastigavam as suas cenouras.

Os gatos do estábulo arqueavam o corpo ao canto da baia, a ronronar alto. Estavam lustrosos e gordos dos ratos que comiam. Cada um deles tinha orelhas grandes e cauda comprida, sinais certos de que eram bons caçadores de ratos. Patrulhavam os estábulos dia e noite, para não deixarem os ratos e os ratinhos aproximarem-se dos depósitos de forragem, e às horas de ordenha regalavam-se com pratos de leite morno.

Quando Almanzo acabou de ordenhar, encheu os pratos para os gatos. O pai entrou na baia da Flor com o seu balde e o seu banco e sentou-se para recolher as últimas e mais ricas gotas de leite dos úberes da vaca. Mas Almanzo não lhe deixara nada.

16 17

Depois o pai entrou na baia da Mandona. Saiu logo a seguir e disse:

- És um bom ordenhador, filho.

Almanzo virou-se e deu um pequeno pontapé na palha do chão, tão satisfeito que era incapaz de falar. Agora já podia mungir vacas sozinho; o pai não precisava de vir recolher o resto do leite, depois dele. Não tardaria a mungir as leiteiras mais difíceis.

O pai de Almanzo tinha olhos azuis agradáveis e brilhantes. Era um homem forte, com comprida e macia barba castanha e cabelo da mesma cor, também macio. A sua bata de lã castanha chegava-lhe ao cimo das botas altas, cruzava-se-lhe no peito largo e ajustava-se-lhe à cintura por meio de um cinto. A parte de baixo cobria-lhe as calças de bom tecido de lã castanho.

O pai era um homem importante. Tinha uma boa quinta. Conduzia os melhores cavalos da região. A sua palavra valia tanto como a sua assinatura e todos os anos punha dinheiro no banco. Quando o pai ia a Malone, toda a gente da cidade lhe falava respeitosamente.

Royal aproximou-se com o seu balde do leite e a lanterna e disse, em voz baixa:

- Pai, o Bill Ritchie Calmeirão foi hoje à escola.

Os buracos da folha da lanterna salpicavam tudo de luzinhas e sombras. Almanzo notou que a expressão do pai se tornou solene; afagou a barba e abanou lentamente a cabeça. Almanzo esperou, ansioso, mas ele não disse nem uma palavra, pegou na lanterna e deu uma última volta aos estábulos, para se certificar de que estava tudo em ordem para a noite. Depois foram para casa.

O frio cortava. A noite estava negra e sem vento e as estrelas eram pontinhos luminosos no céu. Almanzo sentiu-se grato quando entrou na grande cozinha, quente do lume e da luz das velas. Estava esfomeado.

Água macia, do barril da chuva, aquecia no fogão. Primeiro o pai, depois Royal e por fim Almanzo, lavaram-se na bacia que se encontrava em cima do banco, junto da porta. Almanzo limpou-se à toalha de linho, que girava num eixo, e depois endireitou-se e, diante do espelho pequeno da parede, dividiu o cabelo húmido com um risco ao meio e penteou-o bem, para baixo.

A cozinha estava cheia de saias de balão, que balançavam e giravam. Elisa Jane e Alice atarefavam-se a acabar o jantar. O cheirinho agradável e salgado do presunto a fritar, tostadinho, deu a Almanzo a impressão de que o estômago lhe dava uma volta.

Parou um instante à porta da despensa. A mãe estava a coar o leite, ao fundo do comprido aposento, de costas para ele. As prateleiras de ambos os lados estavam carregadas de boas coisas para comer. Havia, empilhados, grandes queijos amarelos, não menos grandes bolos castanhos de açúcar de bordo, pães de côdea estaladiça, acabados de cozer, quatro grandes bolos e uma prateleira inteira cheia de empadões. Um dos empadões estava cortado e um bocadinho de crosta caíra, tentadoramente. Ninguém daria pela sua falta.

Almanzo ainda nem sequer se mexera, mas Elisa Jane gritou:

- Acaba com isso, Almanzo! Mãe!

Sem se virar, a mãe disse:

- Deixa estar isso, Almanzo. Perdes a vontade para o jantar.

Todas aquelas palavras pareceram a Almanzo tão idiotas, que ficou furioso. Um pedacinho de empadão não podia tirar a vontade para o jantar.

18 19

Morria de fome e elas não o deixariam comer enquanto não pusessem o jantar na mesa. Não fazia sentido. Mas, claro, não pôde dizer isso mesmo à mãe; tinha de lhe obedecer sem uma palavra.

Deitou a língua de fora a Elisa Jane. Ela não lhe podia fazer nada: tinha as duas mãos ocupadas. Depois foi muito depressa para a sala de jantar.

A luz do candeeiro ofuscava. Junto do fogão de sala quadrado, metido na parede, o pai falava de política com o Sr.

Corse. A cara do pai estava virada para a mesa do jantar e, por isso, Almanzo não se atreveu a tocar em nada.

Havia tentadoras fatias de queijo, um prato de trémula galantina, pratos de vidro de geleias e conservas, um jarro alto de leite e uma caçarola fumegante de feijões no forno, com um naco tostadinho de toucinho na crosta castanha, a estalar.

Almanzo olhou para tudo aquilo e o estômago deu-lhe outra volta. Engoliu em seco e afastou-se, devagar.

A sala de jantar era bonita. O papel das paredes, castanho-chocolate, tinha riscas verdes e enfiadas de florinhas encarnadas, e a mãe tecera a carpete de bocados de pano a condizer: tingira os trapos de verde e castanho-chocolate e tecera-os em faixas, com uma risca fininha de trapos encarnados e brancos, tecidos juntos, entre elas. Os armários altos, de canto, estavam cheios de coisas fascinantes: conchas, madeira petrificada, pedras curiosas e livros. Por cima da mesa central estava suspenso um «castelo de ar». Alice fizera-o com palhas de trigo amarelas e limpas, unidas frouxamente e com bocados de pano colorido aos cantos.

A mais ligeira brisa fazia-o estremecer e oscilar e a luz do candeeiro brilhava nas palhas douradas.

Mas, para Almanzo, a mais bonita de todas as coisas foi a mãe, que entrou com a grande travessa de louça com salgueiros desenhados cheia de presunto a rechinar.

A mãe era baixa, roliça e bonita. Tinha olhos azuis e o seu cabelo castanho era macio como as asas de um pássaro. Uma série de botõezinhos encarnados descia-lhe pelo vestido de lã cor de vinho abaixo, da gola de linho branco ao avental branco atado à cintura. As suas grandes mangas pendiam, como enormes sinos vermelhos, de cada lado da travessa azul. Transpôs a abertura da porta com uma pequena pausa e um puxãozinho, porque a sua saia de balão era mais larga do que a porta.

O rico cheirinho do presunto foi Quase superior às forças de Almanzo.

A mãe pôs a travessa na mesa e olhou para verificar se estava tudo em ordem e a mesa posta como devia ser. Tirou o avental e foi pendurá-lo na cozinha. Esperou que o pai acabasse o que estava a dizer ao Sr. Corse, mas por fim anunciou:

- James, o jantar está pronto.

Pareceu demorar muito tempo até estarem todos nos seus lugares. O pai sentou-se à cabeceira da mesa e a mãe na outra extremidade, defronte dele. Depois tiveram de inclinar a cabeça, enquanto o pai pedia a Deus que abençoasse a comida.

Em seguida, houve uma pequena pausa, antes de o pai desdobrar o guardanapo e o enfiar no colarinho.

Encheu então os pratos, começando pelo do Sr. Corse.

Seguiu-se o da mãe, depois o de Royal e os de Elisa Jane e Alice. Por fim, encheu o prato de Almanzo.

- Obrigado - agradeceu o rapazinho, dizendo a única palavra que lhe era permitida à mesa.

As crianças deviam ser vistas e não ouvidas. O pai, a mãe e o Sr. Corse podiam conversar, mas Royal, Elisa Jane, Alice e Almanzo tinham de ficar calados.

Almanzo comeu os feijões no forno, macios e adocicados.

Comeu o bocado de toucinho, que se lhe derreteu na boca como manteiga. Comeu batatas cozidas farinhentas, com molho castanho, do presunto, e comeu presunto, claro. Mordeu com vontade o pão barrado de manteiga e não deixou nem uma migalhinha da côdea tostada e dourada.

20 21

Deitou abaixo num instante um monte de puré de nabo e outro de abóbora amarela guisada. Depois suspirou e enfiou melhor a ponta do guardanapo na gola do colete vermelho. Comeu ameixas de conserva, doce de morango, geleia de uvas e cascas de melancia perfumadas e de conserva. Sentia um grande conforto interior. Devagar, comeu uma grande fatia de tarte de abóbora.

Ouviu o pai dizer ao Sr. Corse:

- O Royal disse-me que os rapazes de Hardscrabble foram hoje à escola.

- Foram, sim - confirmou o Sr. Corse.

- Consta-me que andam a dizer que correrão consigo.

- Creio que tentarão - disse o professor.

O pai soprou-o chá que deitara no pires. Provou, bebeu e deitou um pouco mais de chá.

- Já correram com dois professores - informou. - O ano passado feriram Jonas Lane tão gravemente que ele veio a morrer disso, mais tarde.

- Bem sei. Jonas Lane e eu andámos na escola juntos. Ele era meu amigo.

O pai não disse mais nada.

22

3 - NOITE DE INVERNO

Depois do jantar, Almanzo foi cuidar dos seus mocassins.

Todas as noites se sentava junto do fogão da cozinha e os esfregava com sebo. Chegava-os ao calor e espalhava o sebo a desfazer-se com a palma da mão.

Enquanto o cabedal estivesse bem engordurado, os seus mocassins manter-se-iam confortavelmente macios e conservar-lhe-iam os pés secos. Por isso, Almanzo só deixava de espalhar o sebo quando o cabedal não absorvia mais.

Royal também se sentava junto do fogão, a ensebar as botas.

Almanzo não tinha botas; tinha de usar mocassins porque ainda era pequeno.

A mãe e as irmãs lavavam a louça e varriam a cozinha e a despensa, enquanto em baixo, na grande cave, o pai cortava cenouras e batatas para dar às vacas, no dia seguinte.

Terminado o trabalho, o pai subiu a escada da cave com um grande jarro de sidra doce e um tacho cheio de maçãs. Royal pegou na pipoqueira e encheu um

púcaro de milho. A mãe juntou as cinzas do lume da cozinha, para as brasas ficarem amorradas durante a noite, e quando todos saíram da cozinha apagou as velas.

Instalaram-se todos, bem aconchegados, à volta do grande fogão da parede da casa de jantar. A parte de trás do fogão ficava na sala, aonde ninguém ia, a não ser quando tinham visitas. Era um rico fogão. Aquecia a casa de jantar e a sala, a sua chaminé aquecia os quartos, no andar de cima, e toda a sua parte superior era um forno.

Royal abriu a portinhola de ferro e, com o atiçador, partiu os toros queimados e transformou-os numa camada de brasas.

23

Deitou três punhados de milho na grande pipoqueira de arame e sacudiu-a por cima do lume. Pouco depois, um bago de milho estalou, depois outro, depois três ou quatro ao mesmo tempo...

e, de repente, as centenas de pontiagudos bagos de milho estoiraram todas ao mesmo tempo.

Quando a grande frigideira ficou cheia de pipocas brancas e macias, Alice regou-as com manteiga derretida, sacudiu-as e temperou de sal. Ficaram quentes e estaladiças, a saberem deliciosamente a manteiga e a sal, e toda a gente pôde comer quanto lhe apeteceu.

A mãe tricotava e embalava-se na sua cadeira de balanço, de espaldar alto. O pai raspava cuidadosamente um cabo de machado novo, com um pedaço de vidro. Royal fazia uma corrente de elos pequeninos, de uma vara de pinho macio, e Alice, sentada na sua almofada, fazia o seu bordado a lã. Entretanto, iam todos comendo pipocas e maçãs e bebendo sidra doce. Todos, excepto Elisa Jane, que lia em voz alta as notícias do semanário de Nova Iorque.

Almanzo estava sentado num banco junto do fogão, com uma maçã na mão, uma tigela de pipocas ao lado e a caneca de sidra na chaminé, perto dos pés. Mordia a maçã sumarenta, depois comia umas pipocas e a seguir bebia um golo de sidra. Pensava nas pipocas.

As pipocas eram uma coisa americana. Ninguém, além dos índios, comera pipocas, até os Peregrinos chegarem à América (1). No primeiro Dia de Acção de Graças convidaram os índios para jantar. Eles aceitaram e puseram em cima da mesa um grande saco cheio de pipocas. Os Peregrinos não sabiam o que era. As mulheres dos Peregrinos também não. Os índios tinham pipocado o milho, mas provavelmente não era muito bom.

Provavelmente não lhe tinham posto manteiga ou sal e devia estar frio e duro, depois de o transportarem num saco de pele.

Almanzo observava cada bago antes de o comer. Eram todos de forma diferente. Já comera milhares de punhados de pipocas e nunca encontrara dois bagos iguais. Depois pensou que se tivesse leite, comeria pipocas com leite.

Pode-se encher um copo até à borda de leite, e outro copo do mesmo tamanho até à borda de pipocas, e depois deitar as pipocas, uma por uma, no leite sem que este se entorne. Não se pode fazer o mesmo com pão.

* - Os Peregrinos (Pilgrim Fathers, em inglês) foram os Pertencentes à seita religiosa dos Puritanos que fundaram a colónia de Plymouth, na Nova Inglaterra, em 1620. (M da T.)

24

As pipocas e o leite são as únicas duas coisas que se podem juntar sem ocupar mais espaço.

E além disso são boas para comer. Mas Almanzo não estava com muita fome e sabia que a mãe não queria que Lhe fossem mexer nas vasilhas do leite. Se se mexe no leite quando a nata está a subir, ela não fica tão espessa. por isso, Almanzo comeu outra maçã e bebeu sidra a acompanhar as pipocas, e não falou sequer em pipocas com leite.

Quando o relógio bateu nove horas, chegou a altura de se deitarem. Royal arrumou a sua corrente e Alice o seu bordado. A mãe espetou as agulhas na bola de lã e o pai foi dar corda ao relógio alto, pôs outra acha no fogão e fechou-lhe as tampas.

- Está uma noite fria - observou o Sr. Corse.

- 25 graus abaixo de zero - confirmou o pai. - E arrefecerá mais, antes de amanhecer.

Royal acendeu uma vela e Almanzo seguiu-o, sonolento, para a porta da escada. O frio da escada despertou-o imediatamente.

Galgou os degraus, a correr. O quarto estava tão frio que teve dificuldade em desabotoar a roupa e enfiar a comprida camisa de noite, de lã, e o barrete. Devia ajoelhar-se para rezar,

25

mas não ajoelhou. Doía-lhe o nariz, do frio, e batia os dentes. Meteu-se na fofa cama de penas de ganso, entre os cobertores, e puxou a roupa até ao queixo.

Quando deu por si, o relógio alto, do rés-do-chão, batia a meia-noite. A escuridão comprimia-lhe os olhos e a testa e parecia cheia de agulhinhas de gelo. Ouviu alguém no rés-do-chão e depois a porta abrir-se e fechar-se. Era o pai que ia aos estábulos.

Nem mesmo os grandes estábulos chegavam para conter toda a riqueza do pai em vacas e bois, cavalos, porcos, vitelos e ovelhas. Vinte e cinco cabeças de gado novas tinham de dormir debaixo de um telheiro, no pátio dos estábulos. Se ficassem imóveis toda a noite, em noites tão frias como aquela, gelariam no sono. Por isso, à meia-noite, com o frio mais cortante, o pai levantava-se do calor da sua cama e ia acordar os animais.

O pai estava a acordar o gado jovem, na noite escura e fria. Estalava o chicote e corria atrás dos animais, à volta do pátio. Corria e obrigava-os a galopar, até o exercício os aquecer.

Almanzo abriu outra vez os olhos. A vela espirrava na escrivaninha e Royal estava a vestir-se. O seu bafo gelava, branco, no ar. A luz da vela era fraca, como se a escuridão tentasse apagá-la.

De súbito, Royal desapareceu, a vela também já ali não estava e a mãe chamava, do fundo da escada:

- Almanzo! Que se passa? Estarás doente? São cinco horas!

Saiu da cama, a tremer de frio. Vestiu as calças e o colete e correu pela escada abaixo, para se abotoar junto do fogão da cozinha. O pai e Royal tinham ido para os estábulos. Almanzo Pegou nos baldes do leite e saiu, apressado. A noite parecia muito grande e parada e as estrelas brilhavam como geada no céu preto.

Quando, terminadas as tarefas matinais, voltou para a cozinha quente com o pai e o irmão, o pequeno-almoço estava quase pronto. E que bem cheirava! A mãe fazia panquecas e a grande travessa azul, mantida junto do fogão para se conservar quente, estava cheia de fofos e castanhos bolos de salsichas mergulhados no seu molho castanho.

Almanzo lavou-se e penteou-se o mais depressa que pôde. Assim que a mãe acabou de coar o leite, sentaram-se todos à mesa e o pai pediu a bênção para o pequeno-almoço.

Havia flocos de aveia com abundante manteiga espessa e açúcar de bordo. Havia batatas fritas e dourados bolos de trigo mouro - tantos quantos Almanzo quis comer - com salsichas e molho, ou com manteiga e xarope de bordo.

Havia compotas, doces e geleias de fruta e roscas fritas. Mas do que Almanzo

gostava mais era de tarte de maçã, com o seu melaço grosso e saboroso e a sua crosta estaladiça. Comeu duas grandes fatias.

Depois, com as orelheiras do boné a tapar-lhe as orelhas, o cachecol enrolado à volta do pescoço e do nariz e a lancheira na mão enluvada, começou a descer a longa estrada, para outro dia de escola.

Não queria ir. Não queria lá estar quando os rapazes crescidos espancassem o Sr. Corse. Mas tinha de ir para a escola porque estava quase a fazer 9 anos.

26 27

4 - SURPRESA

Todos os dias ao meio-dia os carregadores de lenha desciam a encosta do monte Hardscrabble e os rapazes atrelavam os seus trenós aos patins dos trenós deles e vinham lançados pela estrada abaixo. Mas desciam apenas uma pequena distância e regressavam à escola a horas. Só o Bill Ritchie Calmeirão e os seus amigos não se importavam com as horas nem com a ameaça de castigo do Sr. Corse.

Um dia, chegaram depois de terminado o recreio. Quando entraram na aula, barulhentos, sorriram todos atrevidamente ao Sr. Corse. Este esperou que eles se sentassem e depois levantou-se, pálido, e disse:

- Se isto volta a acontecer, castigo-os.

Todos sabiam que voltaria a acontecer no dia seguinte.

Quando Royal e Almanzo chegaram a casa, nessa noite, contaram ao pai. Almanzo disse que não era justo. O Sr. Corse não tinha sequer tamanho para lutar com um daqueles calmeirões, e eles atirar-se-iam a ele todos ao mesmo tempo.

- Quem me dera ser crescido, para lutar com eles! - exclamou o rapazinho.

- Filho, o Sr. Corse contratou-se para ensinar na escola - respondeu-lhe o pai. - Os curadores da escola foram leais com ele, disseram-lhe no que se ia meter. Mesmo assim, ele aceitou. Portanto, o assunto é com ele e não contigo.

- Mas talvez eles o matem! - insistiu Almanzo.

- Isso é com ele - repetiu o pai. - Quando um homem aceita um trabalho, leva-o até ao fim. Se Corse é o homem que suponho, não agradecerá a ninguém que se intrometa.

Mas Almanzo não pôde deixar de repetir:

- Não é justo. Ele não pode lutar com todos os cinco.

- Não me admiraria se tivesses uma surpresa, filho - disse o pai. - Bem, rapazes, mas agora despachem-se, pois estas tarefas daqui não podem esperar toda a noite.

Por isso, Almanzo começou a trabalhar e não disse mais nada.

Durante toda a manhã seguinte, sentado no seu banco com a cartilha na mão, não foi capaz de estudar. Temia o que ia acontecer ao Sr. Corse. Quando a primeira classe foi chamada, não soube ler a lição e teve de ficar com as raparigas, no recreio. Oh, como gostaria de desancar Bill Ritchie!

Ao meio-dia saiu para brincar e viu o Sr. Ritchie, o pai de Bill, descer a encosta no seu trenó carregado. Os rapazes deixaram-se ficar onde estavam, a observar o Sr. Ritchie. Era um homenzarrão rude, de voz e riso grossos. Sentia-se orgulhoso de Bill, porque o filho era capaz de espancar professores e obrigar a escola a fechar.

Ninguém correu para atrelar o seu trenó ao do Sr. Ritchie; mas Bill e os outros rapazes crescidos subiram para cima da carga de madeira. Contornaram a curva da estrada, a falar muito alto, e desapareceram. Os outros rapazes não brincaram mais. Ficaram parados, a falar do que ia acontecer.

Quando o Sr. Corse bateu na janela, entraram muito sérios, e muito sérios se sentaram.

Nessa tarde ninguém sabia a lição. O Sr. Corse chamou classe após classe e os alunos alinharam-se, com a biqueira dos sapatos a tocar numa fenda do chão, mas não souberam responder às perguntas do professor. No entanto, o Sr. Corse não castigou ninguém.

- Amanhã daremos a mesma lição - disse, Todos sabiam que o Sr. Corse não estaria lá amanhã, Uma das meninas mais pequenas começou a chorar e depois mais três ou quatro apoiaram a cabeça na carteira e soluçaram, Mas Almanzo teve de ficar quieto no seu banco, a olhar para a cartilha.

Passado muito tempo, o Sr. Corse chamou-o à secretária, para saber se já era capaz de ler a lição. Almanzo sabia todas as palavras, mas tinha um nó na garganta que não o deixava dizê-las. Ficou a olhar para a página, enquanto o Sr. Corse esperava. Nisto, ouviram gritar os rapazes crescidos.

28 29

O Sr. Corse levantou-se e colocou a mão magra, suavemente, no ombro de Almanzo, puxou-o e disse:

- Vai para o teu lugar, Almanzo.

A aula estava silenciosa. Estavam todos à espera do que ia passar-se. Os rapazes crescidos subiram o carreiro, a gritarem e a empurrarem-se uns aos outros. A porta abriu-se ruidosamente e Bill Ritchie Calmeirão entrou, bamboleante. Os outros rapazes vinham atrás dele.

O Sr. Corse olhou-os e não disse nada. Bill Ritchie riu-se-lhe na cara e ele continuou sem falar. Os rapazes crescidos empurraram Bill, que voltou a rir-se do Sr. Corse.

Depois avançaram todos, barulhentos, pela coxia e dirigiram-se para os seus lugares.

O Sr. Corse levantou a tampa da sua secretária e uma das suas mãos desapareceu atrás da tampa levantada. Chamou:

- Vem cá, Bill Ritchie.

Bill Calmeirão levantou-se de um pulo, despiu o casaco e gritou:

- Vamos, rapazes! - e avançou pela coxia.

Almanzo sentiu-se indisposto, por dentro. Não queria ver, mas não tinha outro remédio.

O Sr. Corse saiu de trás da secretária, a mão que estivera oculta pela tampa reapareceu e uma comprida e fina correia preta assobiou no ar.

Era um chicote de couro com 4,5 metros de comprimento. O Sr.

Corse segurava o cabo curto, reforçado de ferro e capaz de matar um boi. O látego estreito e comprido enrolou-se à volta das pernas de Bill e o professor puxou. Bill desequilibrou-se e quase caiu. Veloz como um relâmpago preto, o chicote rodou de novo, voltou a enrolar-se e o Sr. Corse voltou a puxar.

- Vem cá, Bill Ritchie - disse, enquanto puxava Bill para a frente e recuava.

Bill não conseguia tocar-lhe. O látego assobiava cada vez mais depressa, estalava e enrolava-se, e o Sr. Corse, também cada vez mais depressa, puxava Bill e quase o fazia cair.

Andar assim Para trás e para diante, no espaço desocupado defronte da secretária, O chicote não parava de se enroscar em Bill e o Sr. Corse não parava de dar um passo atrás e fazê-lo estalar de novo.

As calças de Bill já estavam cortadas pela correia, assim como a camisa, e os seus braços sangravam, da mordedura do chicote, que ia e vinha e assobiava, tão velozmente que nem se via. Bill deu uma corrida e o soalho estremeceu quando o chicote o agarrou e puxou para trás.

30

Bill levantou-se, a praguejar, e tentou chegar à cadeira do professor, para Lha atirar. O chicote voltou a agarrá-lo e a puxá-lo.

O rapaz começou a berrar como um bezerro. Tartamudeou e suplicou.

O chicote continuou a assobiar, a enrolar-se e a puxar.

Pouco a pouco, puxou Bill até à porta. O Sr. Corse empurrou-o de cabeça para o exterior e fechou a porta à chave. Depois voltou-se muito depressa e chamou:

- Agora, John, vem cá tu.

John estava na coxia, de olhos arregalados. Girou nos calcanhares e tentou fugir, mas o Sr. Corse deu um passo rápido, apanhou-o com o chicote e puxou-o para a frente.

- Oh, por favor, por favor, professor! - suplicou John.

O Sr. Corse não lhe respondeu. Ofegava e o suor corria-lhe pela cara. O chicote continuava a assobiar e a enroscar-se, a puxar John para a porta.

31

O Sr. Corse atirou-o também para fora, voltou a fechar a porta e virou-se.

Os outros rapazes crescidos tinham aberto a janela. Um, dois, três, saltaram, caíram na neve alta e fugiram.

O Sr. Corse enrolou muito bem o chicote e pô-lo em cima da secretária. Enxugou o suor da cara com o lenço, endireitou o colarinho e disse:

- Royal, queres fazer o favor de fechar a janela?

Royal levantou-se e, em bicos de pés, foi fechar a janela.

Então o Sr. Corse chamou para a lição de aritmética. Ninguém sabia a lição. Durante o resto da tarde, ninguém soube lição nenhuma. E não houve recreio nessa tarde: esqueceram-se todos dele.

Almanzo estava ansioso por que a aula terminasse, para poder sair com os outros rapazes e gritar. Os crescidos tinham sido vencidos! O Sr. Corse tinha vencido o bando de Bill Ritchie, do povoado de Hardscrabble!

Mas Almanzo só soube o melhor da história quando ouviu o pai conversar com o Sr. Corse, ao jantar.

- O Royal disse-me que os rapazes não correram consigo - observou o pai.

- Pois não - confirmou o professor. - Graças ao seu chicote de couro.

Almanzo parou de comer e olhou para o pai. O pai soubera, desde o princípio. Tinha sido o chicote de couro do pai que levava a melhor sobre Bill Ritchie! Almanzo tinha a certeza de que o pai era o homem mais esperto do mundo, assim como o maior e o mais forte.

O pai estava a falar. Dizia que, enquanto deslizavam no trenó do Sr. Ritchie, os rapazes crescidos lhe tinham dito que iam desancar o professor nessa tarde. O Sr. Ritchie tinha achado graça. Estava tão convencido de que os rapazes fariam isso mesmo, que dissera a toda a gente da cidade que já o tinham feito e, de regresso a casa, parara para dizer ao pai de Almanzo que Bill desancara o Sr. Corse e a escola ia fechar outra vez.

Almanzo pensou na grande surpresa que o Sr. Ritchie devia ter tido quando chegara a casa e vira Bill.

32

5 - DIA DE ANOS

No dia seguinte, enquanto Almanzo comia as suas papas de aveia, o pai disse-lhe que fazia anos. Almanzo esquecera-se.

Fazia 9 anos naquela fria manhã de Inverno.

- Há uma coisa para ti no telheiro da lenha - acrescentou o pai.

Almanzo quis ir logo ver o que era. Mas a mãe disse-lhe que se não comesse o pequeno-almoço ficaria doente e teria de tomar remédio. Por isso, ele começou a comer o mais depressa que podia e ela repreendeu-o:

- Não comas colheradas tão grandes.

As mães estão sempre a ralhar por causa da maneira como os filhos comem. A bem dizer, não há nenhuma maneira de eles comerem que lhes agrade.

Mas, por fim, o pequeno-almoço terminou e Almanzo foi ao telheiro da lenha. Encontrou uma pequena canga para vitelos! O pai fizera-a de cedro vermelho, de modo que era resistente e muito leve. Era só para ele. O pai explicou:

- Sim, filho, agora já tens idade suficiente para adestrar os vitelos. Nesse dia, Almanzo não foi à escola. Não tinha de ir à escola quando havia coisas mais importantes a fazer. Levou a pequena canga para o estábulo e o pai foi com ele. Almanzo pensou que, se soubesse lidar bem com os vitelos, talvez o pai o deixasse ajudá-lo com os potros no ano seguinte. Estrela e Brilhante estavam na sua baia quentinha, no estábulo do sul.

33

Os seus flancos vermelhos estavam lustrosos e sedosos das muitas esfregas que Almanzo lhes dera. Chegaram-se para ele, quando entrou na baia, e lamberam-no com a língua húmida e áspera. Julgavam que Lhes ia levar cenouras. Não sabiam que ia ensiná-los a portar-se como bois adultos.

O pai ensinou-o a colocar cuidadosamente a canga no pescoço macio dos animais. Devia raspar as curvas interiores com um bocado de vidro, até a canga se ajustar perfeitamente e a madeira estar lisinha como seda. Depois Almanzo tirou as barras da baia e os surpreendidos vitelos seguiram-no para o ofuscante pátio, frio e coberto de neve.

O pai segurou uma ponta da canga, enquanto Almanzo colocava a outra no pescoço de «Brilhante». Em seguida, Almanzo levantou o arco, por baixo do pescoço da Brilhante e enfiou as suas extremidades nos buracos para elas feitos na canga. Depois enfiou uma cavilha de madeira numa das extremidades do arco, por cima da canga, para o arco se manter no seu lugar.

Brilhante torcia a cabeça e tentava ver a estranha coisa que lhe tinham posto no pescoço. Mas Almanzo soubera amansá-lo tão bem que o animal suportou tudo sossegadamente. O rapaz deu-lhe um bocado de cenoura.

«Estrela» ouviu-o mastigar e veio buscar a sua parte. O pai empurrou-o para o lado da Brilhante, debaixo da outra metade da canga, e Almanzo passou-lhe o outro arco por baixo do corpo e prendeu-o com a cavilha de madeira respectiva, Pronto, Já tinha a sua pequena junta de bois.

Por fim, o pai amarrou uma corda às pontinhas dos chifres de Estrela e Almanzo pegou na corda. Parou defronte dos vitelos e gritou:

- Giddap!

O pescoço de Estrela estendeu-se, estendeu-se, cada vez mais comprido. Almanzo puxou e, finalmente, Estrela andou para a frente. Brilhante mugiu e puxou para trás. A canga torceu a cabeça da Estrela e obrigou-o a parar, e os dois vitelos ficaram parados, a perguntar a si mesmos que viria a ser tudo aquilo. O pai ajudou Almanzo a empurrá-los, até estarem outra vez bem ao lado um do outro. Depois disse, "-Olha, filho, deixa-te a resolver o problema" - e entrou no estábulo.

Almanzo compreendeu, então, que já tinha realmente idade para fazer coisas importantes sozinho.

Ficou parado na neve a olhar para os bezerros, que o fitavam inocentemente. Como haveria de ensinar-lhe o que Giddap!

significava? Não havia maneira nenhuma de lhes dizer", Mas ele tinha de descobrir uma maneira de lhes explicar:

- Quando eu digo "Giddap!", devem andar em frente.

Almanzo pensou um bocado e depois deixou os vitelos, foi à caixa da forragem das vacas e encheu as algibeiras de cenouras. Voltou e colocou-se o mais longe que pôde defronte dos vitelos, a segurar a corda com a mão esquerda. Meteu a mão direita na algibeira da bata do estábulo, gritou "Giddap!" e mostrou a Estrela e a Brilhante uma cenoura que segurava na mão.

Os animais aproximaram-se, ávidos.

- Giddap! - gritou Almanzo, quando o alcançaram, e eles pararam para receber a cenoura.

Deu um bocado a cada um e, quando o comeram, recuou de novo e, com a mão na algibeira, gritou:

- Giddap!

Foi surpreendente a maneira como aprenderam depressa que Giddap! significava andar para a frente e aí! significava parar.

34 35

Estavam a comportar-se como bois adultos quando o pai chegou à porta do estábulo e disse:

- Já chega, filho.

Almanzo não achava que chegasse, mas, claro, não contradisse o pai.

- Os vitelos zangam-se e deixam de ligar importância ao que lhes dizemos se os fazemos trabalhar de mais, ao princípio.

Além disso, são horas de almoçar.

Almanzo nem podia acreditar. A manhã inteira passara como se fosse um minuto.

Tirou as cavilhas de madeira, baixou os arcos e levantou a canga do pescoço dos vitelos antes de levar Estrela e Brilhante para a sua baia quentinha. O pai mostrou-lhe então como se limpava a canga e os arcos com punhados de feno limpo, antes de a pendurar no seu lugar. Devia ter sempre o cuidado de a limpar e conservar seca, para que o pescoço dos vitelos não ficasse dorido.

Na cavalaria, parou só um minuto a olhar para os potros.

Gostava de Estrela e Brilhante, mas os vitelos eram desajeitados e lentos, comparados com os bonitos, esbeltos e rápidos potros. As suas narinas freíam, quando respiravam, e as suas orelhas mexiam-se tão rapidamente como se fossem pássaros. Sacudiam a cabeça, com um agitar de crinas, escarvavam delicadamente com as pernas delicadas e os pequenos cascos e tinham os olhos cheios de fogueira.

- Gostava de ajudar a adestrar um potro - arriscou-se Almanzo a dizer.

- Isso é trabalho de homem, filho - respondeu-lhe o pai. - Um pequeno erro basta para estragar um bom potro.

Almanzo não disse mais nada e dirigiu-se, muito sério, para casa.

Era estranho estar a comer sozinho com o pai e a mãe.

Comeram na mesa da cozinha, porque naquele dia não havia visitas. A cintilação da neve, no exterior, fazia brilhar a cozinha. O chão e as mesas estavam brancos, de tanto serem esfregados com lixívia e areia. As frigideiras de estanho brilhavam como prata, as panelas e os tachos de cobre pareciam de ouro nas paredes, a chaleira murmurava ao lume e os gerânios do parapeito da janela eram mais vermelhos do que o vestido da mãe.

Almanzo tinha muita fome. Comeu em silêncio, a encher afanosamente o grande vazio que tinha dentro de si, enquanto o pai e a mãe conversavam. Quando acabaram de comer, a mãe levantou-se e começou a pôr os pratos no alguardar.

36

- Enche a arca de lenha, Almanzo - mandou. - E depois há outras coisas que podes fazer.

Almanzo abriu a porta do telheiro da lenha, que ficava perto do fogão, e viu na sua frente um trenó manual, novinho!

Custou-lhe a acreditar que fosse para ele. A canga dos vitelos era o seu presente de anos.

- De quem é este trenó, pai? - perguntou. - É... não é para mim?

A mãe riu-se e o pai perguntou, com os olhos a brilhar:

- Conheces outro rapazinho de 9 anos que o queira?

Era um bonito trenó. O pai fizera-o de noqueira, comprido e esbelto, com ar de ser veloz. Os patins de noqueira tinham estado de molho e sido amoldados em curvas compridas e perfeitas, que pareciam prontas para voar. Almanzo afagou a madeira fixa e brilhante. Tinha sido tão bem polido que nem se sentia a cabeça das cavilhas de madeira que uniam as diversas partes. Tinha uma barra de madeira entre os patins, para apoiar os pés.

- Põe-te a andar! - disse a mãe, a rir. - Leva esse trenó lá para fora, pois é lá o seu lugar.

A temperatura mantinha-se firmemente em 25 graus negativos, mas o Sol brilhava e Almanzo brincou toda a tarde com o trenó.

Claro que não deslizava em neve macia e funda, mas na estrada havia dois trilhos duros, feitos pelos patins de outros trenós. Almanzo largou o trenó no cimo do monte, saltou-lhe para cima e lá foi, por ali abaixo. Mas o trilho era curvo e estreito e, por isso, como era inevitável, Almanzo foi atirado contra as barreiras de neve alta. O trenó virou-se de pernas para o ar e ele caiu de cabeça. Mas libertou-se da neve e subiu de novo a encosta.

Foi diversas vezes a casa buscar maçãs, roscas fritas e bolinhos. No rés-do-chão silencioso e quente não estava ninguém. Mas no andar de cima ouvia-se o bater do tear da mãe e o cliquéti-claque da lançadeira, num vaivém constante. Almanzo abriu a porta do telheiro da lenha e ouviu o som suave de uma faca afagadora e o flap do virar de uma telha de madeira. Subiu a escada para a oficina do pai, no sótão. As luvas com neve agarrada pendiam-lhe do pescoço, presas pelo fio, e Almanzo levava uma rosca frita na mão direita e dois bolinhos na esquerda. Deu uma dentada na rosca e depois outra num bolinho. O pai estava sentado, com uma perna de cada lado, do banco afagador, junto da janela. O banco subia obliquamente para ele e, no cimo do declive, emergiam duas cavilhas de madeira.

37

À direita do pai encontrava-se uma rima de telhas toscas, que ele cortara com o machado de troncos curtos de carvalho.

Pegou numa telha e colocou a sua extremidade contra as cavilhas. Depois assentou a faca afagadora e puxou para cima.

Uma passagem alisou a telha e outra tornou a extremidade de cima mais fina do que a de baixo. O pai tirou a telha e virou-a. Mais duas passagens desse lado e ficou pronta. O pai colocou-a na rima das telhas acabadas e colocou outra contra as cavilhas.

As suas mãos moviam-se suave e rapidamente. Não pararam nem mesmo quando ele levantou a cabeça e sorriu a Almanzo.

- Tens-te divertido, filho?

- Posso fazer isso, pai? - perguntou Almanzo.

O pai chegou-se para trás, para arranjar espaço à sua frente. Almanzo sentou-se e meteu o resto da rosca frita na boca. Agarrou as pegas da faca comprida e puxou cuidadosamente para cima. Não era tão fácil como parecia. Por isso, o pai colocou as suas grandes mãos sobre as dele e, juntos, afagaram a telha, até ficar lisinha.

Depois Almanzo virou-a e afagaram o outro lado. Era só isso que ele queria fazer. Saiu do banco e foi ver a mãe.

As suas mãos pareciam voar e o seu pé direito batia no pedal do tear. Para trás e para diante, a lançadeira voava da sua mão direita para a sua mão esquerda e de novo para a direita, entre os fios direitos da urdidura e, rapidamente, os fios entrecruzavam-se e apanhavam depressa o fio que a lançadeira deixava para trás.

"Tum!", dizia o pedal. "Cliquéti-claque!", respondia a lançadeira. "Bum!", volvia a trave manual, e lá voava a lançadeira para trás.

A sala de trabalho da mãe era grande e luminosa e aquecida pela chaminé do fogão de aquecimento. A cadeira de balanço pequena da mãe estava junto de uma janela e, a seu lado, um cesto de trapos para tapetes, rasgados e à espera de serem cosidos. A um canto estava a roca ociosa. Ao longo de uma das paredes

havia prateleiras cheias de meadas de fio de lã encarnado, amarelo, castanho e azul, que a mãe tingira no último Verão.

Mas o tecido que estava no tear era acinzentado: a mãe estava a tecer lã não tingida de uma ovelha branca e de uma ovelha preta, cujo fio fora torcido junto.

38 39

- Para que é isso? - perguntou Almanzo.

- Não se aponta, é má educação - respondeu-lhe a mãe em voz bem alta, para ser ouvida acima do barulho do tear.

- Para quem é? - insistiu Almanzo, desta vez sem apontar.

- Para o Royal. É o seu fato para a Academia.

No Inverno seguinte, Royal iria para a Academia de Malone e a mãe estava a tecer a fazenda para o seu fato.

Estava, pois, tudo aconchegado e confortável dentro de casa.

Almanzo desceu, tirou mais duas roscas de massa frita do boião e voltou a brincar ao ar livre com o seu trenó.

As sombras não tardaram, porém, a descer das encostas orientais e ele teve de arrumar o trenó e ajudar a dar água aos animais, pois eram horas disso.

O poço ficava um bocado longe dos estábulos. Havia uma casinha por cima da bomba e a água corria por uma calha aberta na parede para a grande calha de beber, no exterior. As calhas estavam cobertas de gelo e a manivela da bomba estava tão fria que queimaria como fogo se alguém lhe tocasse com um dedo nu.

Havia rapazes que desafiavam outros para lambar a manivela de uma bomba, no tempo frio. Almanzo, porém, não era tão tolo que aceitasse o desafio. A língua ficaria colada ao ferro e quem caísse na asneira ou morreria de fome ou, se deixaria parte da língua lá pegada.

Almanzo entrou na casinha da bomba e bombeou com toda a sua força, enquanto o pai levava os cavalos a beber na calha exterior. O pai trazia primeiro as parelhas, com os potros novinhos atrás das mães. Depois trazia os potros mais velhos, um de cada vez. Ainda não estavam bem domados e empinavam-se, saltavam e puxavam a corda do cabresto, por causa do frio. Mas o pai segurava bem e não os deixava fugir.

Entretanto, Almanzo ia bombeando o mais depressa que podia.

A água jorrava da bomba com um som gelado e os cavalos metiam nela o focinho trémulo e bebiam depressa.

Depois o pai substituiu-o na bomba. Encheu a calha grande até acima, foi aos estábulos e deixou sair o gado.

O gado não precisava de ser levado a beber: ia ele próprio, avidamente, e bebia enquanto Almanzo bombeava. Depois recolhia apressadamente aos estábulos quentes e cada animal ia para o seu lugar. Cada vaca ia para a sua baia e enfiava a cabeça entre os seus postes. Nunca se enganavam.

40

O pai não sabia se era por terem mais tino do que os cavalos, ou por terem tão pouco tino que faziam tudo por hábito.

Em seguida, Almanzo pegou na forquilha e começou a limpar as baias, enquanto o pai media aveia e ervilhas nas arcas da forragem. Royal chegou da escola e terminaram os três o trabalho, como de costume. O dia de anos de Almanzo terminara.

Pensou que no dia seguinte teria de voltar para a escola. Mas nessa noite o pai disse que era altura de cortar gelo e Almanzo e Royal podiam ficar em casa para ajudar.

6 - ENCHENDO A CASA DO GELO

O tempo estava tão frio que a neve parecia areia debaixo dos pés. Um pouco de água atirada ao ar, caía transformada em pequenas bolas de gelo. Nem mesmo do lado sul da casa, ao meio-dia, a neve amolecia. Um tempo assim era perfeito para cortar gelo, porque quando se levantassem os blocos da lagoa não correria água nenhuma: congelaria imediatamente.

O Sol nascia e todas as encostas orientais dos montes de neve acumulada estavam rosados à sua luz, quando Almanzo se aninhou debaixo das peles, entre o pai e Royal, no trenó grande e se puseram a caminho da lagoa do rio das Trutas.

Os cavalos trotavam depressa, a sacudir a cabeça e a agitar os guizos. Via-se-lhes o bafo sair em vapor das narinas. Os patins do trenó rangiam na neve dura. O ar frio entrava pelo nariz dormente de Almanzo, mas de minuto a minuto o Sol brilhava mais, arrancava da neve pequenas cintilações de luz vermelha e verde e através da floresta brilhavam os reflexos brancos dos sincelos.

Era mais de quilómetro e meio para a lagoa na floresta. A certa altura, o pai apeou-se e pôs as mãos no focinho dos cavalos. A respiração congelara-lhes nas narinas e isso tornava-lhes difícil respirar. As mãos do pai derreteram a geada que se formara e eles continuaram a trotar vivamente.

O Joe «Francês» e o John «Preguiçoso» já estavam à espera na lagoa quando o trenó chegou. Eram franceses que viviam em pequenas casas de troncos na floresta.

Não tinham quintas, Caçavam, preparavam armadilhas e pescavam, cantavam, gracejavam e dançavam - e bebiam vinho tinto em vez de sidra. Quando o pai precisava de contratar um homem, eles trabalhavam para ele e o pai pagava-lhes com carne de porco salgada das barricas da cave.

Estavam parados na lagoa coberta de neve, de botas altas, casaco aos quadrados e boné de peles com orelheiras, e tinham o bigode comprido cheio de gelo da respiração. Cada qual tinha o seu machado ao ombro e também estavam munidos de serras traçadoras.

Uma serra traçadora era uma lâmina comprida e estreita, com cabos de madeira nas extremidades. Tinha de ser manejada por dois homens, que a puxavam para a frente e para trás, através da superfície que queriam cortar. Mas não podiam serrar gelo dessa maneira, pois o gelo estava sólido debaixo dos pés e não podiam cortar um dun lado e outro do outro.

Quando os viu, o pai riu-se e perguntou-lhes:

- Então, já atiraram a moeda ao ar?

Toda a gente riu, menos Almanzo, que não conhecia a história. Por isso, o Joe Francês contou-lha:

- Uma vez, dois irlandeses receberam ordem de ir cortar gelo com uma serra traçadora. Era a primeira vez que cortavam gelo.

Olharam para o gelo, olharam para a serra e, por fim, Pat tirou uma moeda da algibeira e disse:

"-Agora, Jamie, nada de batota. Cara ou coroa, para saber quem vai lá para baixo?"

Almanzo riu-se da ideia de alguém ir lá para baixo, para a água escura e fria, sob o gelo, para puxar uma extremidade de uma serra traçadora. Era engraçado haver gente que não sabia como se cortava gelo. Foi com os outros, através do gelo, para o cimo da lagoa. Soprava um vento cortante, que levantava farrapos de neve à sua frente. Por cima da água funda, o gelo apresentava-se liso e escuro, quase limpo de neve. Almanzo observou Joe e John, que abriram com o machado um

grande buraco triangular. Retiraram os bocados de gelo partido e levaram-nos, deixando o buraco cheio de água.

- Tem cerca de 50 centímetros de grossura - informou John Preguiçoso.

- Então serrem o gelo com 50 centímetros - disse o pai. John Preguiçoso e Joe Francês ajoelharam à beira do buraco, enfiaram as serras traçadoras na água e começaram a serrar.

Alguém puxava o cabo das serras debaixo de água...

43

Lado a lado, serraram duas fendas rectas através do gelo, a 50 centímetros uma da outra e com 6 metros de comprimento.

Depois, com o machado, John quebrou o gelo e um bloco de 50 centímetros de largura, 50 centímetros de espessura e 6 metros de comprimento, subiu um bocadinho e ficou a flutuar, solto.

Com uma vara, John empurrou o bloco na direcção do buraco triangular e, quando a ponta ficou de fora, desfazendo a fina camada de gelo que começara a formar-se na água, Joe serrou bocados de 50 centímetros. O pai apanhou esses cubos com uma grande tenaz de gelo e carregou-os no trenó.

Almanzo correu para a beira do buraco, a fim de ver serrar.

Nisto, mesmo na beira, escorregou.

Sentiu-se cair de cabeça na água escura, sem que as suas mãos pudessem agarrar fosse o que fosse. Sabia que mergulharia e seria arrastado, debaixo do gelo sólido. A forte corrente puxá-lo-ia sob o gelo e ninguém conseguiria encontrá-lo.

Afogar-se-ia, mantido pelo gelo no fundo escuro.

Joe Francês agarrou-o mesmo a tempo. Ouviu um grito, sentiu uma perna agarrada por mão forte e estatelou-se de súbito no bom gelo sólido. Levantou-se. O pai corria na sua direcção e pareceu-lhe enorme e terrível.

- Devias levar a maior tarefa da tua vida! - ralhou o pai.

- Sim, pai - murmurou Almanzo.

Sabia que era assim, que devia ter tido mais cuidado. Um rapaz de 9 anos já tem idade suficiente para não fazer tolices simplesmente porque não pensa um bocadinho antes de as fazer.

Almanzo sabia que era assim e sentia-se envergonhado. Teve a impressão de que se tornara muito pequenino, dentro da roupa, e as pernas tremiam-lhe com medo da tarefa. O chicote estava no trenó...

- Desta vez escapas - decidiu o pai. - Mas afasta-te da beira da água, ouviste?

- Sim, pai - murmurou de novo Almanzo, e afastou-se do buraco para não voltar a aproximar-se.

O pai acabou de carregar o trenó. Depois estendeu as mantas em cima do gelo e Almanzo sentou-se nelas e com Royal e o pai dirigiram-se para a casa do gelo, que ficava perto dos estábulos.

44

A casa do gelo era feita de tábuas com grandes fendas entre si. Ficava bem levantada do chão, em cima de blocos de madeira, e parecia uma grande gaiola. Só o chão e o telhado eram sólidos. No chão estava um grande monte de serradura, que o pai tinha ido buscar à serração. Com uma pá, o pai espalhou a serradura no chão, até ficar com 7 a 8 centímetros de espessura. Depois colocou os blocos de gelo em cima da serradura, também afastados 7 a 8 centímetros uns dos outros. Em seguida voltou à lagoa e Almanzo e Royal ficaram a trabalhar na casa do gelo.

Encheram as aberturas entre os cubos de gelo de serradura e calcaram-na bem, com paus. Depois lançaram o monte todo de serradura, Para cima do gelo, num canto, e no chão onde a serradura estivera colocaram cubos de gelo e envolveram-nos bem em serradura. Em seguida, cobriram tudo com uma camada de 7 a 8 centímetros de serradura.

Trabalharam o mais depressa que puderam, mas antes de acabarem o Pai voltou com outro carregamento de gelo. Colocou outra camada de cubos de gelo, com intervalos de 7 a 8 centímetros, e foi-se embora, deixando aos rapazes o trabalho de encher bem as fendas de serradura calcada, de espalharem serradura em cima do gelo e de voltarem a transferir a restante, à pá, Para cima.

45

Trabalhavam com tanto afinco que o exercício os mantinha quentes. Muito antes do almoço, porém, Almanzo já tinha uma fome de lobo. Mas não podia parar o tempo suficiente para ir a casa buscar uma rosca frita. Tinha a impressão de ter o meio do corpo oco e uma coisa qualquer a roê-lo por dentro.

Ajoelhou-se no gelo, a deitar serradura para as fendas com mãos enluvadas e a calcá-la com um pau o mais depressa que podia, perguntou a Royal:

- Que gostarias mais de comer?

Falaram de entrecosto, peru recheado, feijão no forno, pão de milho estaladiço e outras coisas boas. Mas Almanzo disse que o que gostava mais no mundo era de maçãs fritas com cebola.

Quando, por fim, entraram em casa para almoçar, na mesa estava um grande prato de maçãs fritas com cebola! A mãe sabia que ele gostava muito e fizera-as para ele.

Almanzo serviu-se quatro vezes, abundantemente, de maçãs e cebolas fritas juntas. Comeu ainda carne assada com molho, puré de batata e cenouras e nabos com manteiga, além de inúmeras fatias de pão com manteiga e geleia de maçã azeda.

- Muito custa alimentar um rapaz que está a crescer! - exclamou a mãe, ao pôr-lhe no prato limpo uma grossa fatia de pudim e ao chegar-lhe o jarro de natas doces salpicadas de noz-moscada.

Almanzo deitou as natas espessas nas maçãs aninhadas na massa fofa e tostada. O caramelo castanho espalhou-se à volta das natas e Almanzo pegou na colher e não deixou nem um bocadinho.

Depois, até à hora de tratar dos animais, ele e Royal trabalharam na casa do gelo, e o mesmo aconteceu no dia seguinte e no outro. Ao escurecer do terceiro dia, o pai ajudou-os a espalhar a última camada de serradura sobre os últimos cubos de gelo, junto do telhado da casa do gelo. E pronto, esse trabalho estava concluído.

Envolvidos em serradura, os cubos de gelo não se derreteriam nem no maior calor do Verão. Seriam de lá tirados um por um e a mãe faria sorvete, limonada e gemada gelada.

46

7 - NOITE DE SÁBADO

Chegou a noite de sábado. A mãe passara o dia inteiro a cozer pão e bolos, e quando Almanzo foi à cozinha buscar os baldes do leite ainda estava a fritar roscas. A cozinha rescendia ao seu agradável cheirinho quente, ao cheiro do pão e dos bolos acabados de cozer e ao caramelo das tartes.

Almanzo tirou a maior rosca do prato e mordeu a sua ponta estaladiça. A mãe enrolava a massa dourada e cortava-a em tiras compridas, que depois voltava a

enrolar, dobrava e torcia. Os seus dedos pareciam voar, mexiam-se tão depressa que quase não se viam. As tiras de massa até pareciam torcer-se sozinhas debaixo das suas mãos e saltar para a grande frigideira de cobre cheia de gordura quente.

"Plump!", iam para o fundo, enquanto subiam bolinhas à superfície. Depois eram as próprias roscas que subiam, ficavam a flutuar e a inchar lentamente, até se virarem sozinhas debaixo para cima, ficando a parte dourada mergulhada na gordura e a parte já castanha e inchada fora dela.

A mãe dizia que se viravam sozinhas porque tinham sido torcidas. Algumas mulheres faziam um tipo novo de rosca, mais moderna, redonda e com um buraco no meio. Mas as roscas redondas não se viravam sozinhas e a mãe não tinha tempo para as virar; era mais rápido torcê-las.

47

Almanzo gostava do dia da cozedura, mas não gostava da noite. No sábado à noite não havia serão aconchegado junto do fogão, com maçãs, pipocas e sidra. Sábado à noite era noite de banho.

Depois do jantar, Almanzo e Royal voltavam a vestir o casaco, a pôr o boné e o cachecol e a calçar as luvas, pegavam numa das tinas que estavam fora de casa e levavam-na para o barril da água da chuva.

A neve emprestava a tudo um ar fantasmagórico. As estrelas estavam geladas no céu e da vela da cozinha coava-se apenas uma luz fraca.

O barril da água da chuva estava coberto por grossa camada de gelo e o buraco do meio, onde o gelo era partido todos os dias para evitar que o barril rebentasse, tornava-se cada vez mais pequeno. Royal bateu-lhe com a machada e quando esta atravessou o gelo, com uma espécie de "ufche!", a água veio rapidamente ao de cima, porque o gelo a comprimia por todos os lados.

É estranho que a água cresça quando gela. Tudo o mais encolhe, com o frio.

Almanzo começou a tirar água e bocados de gelo flutuante para a tina. Era um trabalho frio e lento, aquele de tirar água através do buraco estreito, e ele teve uma ideia.

Das telhas do beiral da cozinha pendiam compridos singelos. Na parte de cima, eram um bloco de gelo sólido, mas depois afunilavam e as suas pontas quase chegavam à neve. Almanzo agarrou numa e sacudiu, mas só conseguiu partir a ponta.

A machada colara-se, gelada, ao chão do alpendre, onde Royal a pusera, mas Almanzo conseguiu soltá-la. Pegou-lhe com ambas as mãos e atirou-se aos singelos, à machadada. Caiu uma avalanche de gelo, com um barulho de ensurdecer. Um barulho e tanto!

- Ena! - exclamou Royal, mas Almanzo atirou-se de novo aos singelos e dessa vez o barulho foi ainda maior.

- És maior do que eu, bate-lhe com os punhos - sugeriu Almanzo.

Royal bateu nos singelos com ambos os punhos e o irmão atacou-os de novo com a machada. O barulho era infernal.

Almanzo gritava, Royal gritava e iam partindo cada vez mais bocados de gelo, que voavam por todo o alpendre ou iam cravar-se na neve. Ao longo do beiral havia uma fenda, como se o telhado tivesse perdido alguns dentes.

A mãe abriu, de repente, a porta da cozinha.

48

- Deus nos valha!

- Exclamou a mãe. - Royal, Almanzo, estais magoados?

- Não, mãe - respondeu Almanzo, atrapalhado.

- Que se passa? Que estais fazendo?

Almanzo sentiu-se culpado. No entanto, não tinham estado, realmente, a brincar, quando havia trabalho para fazer.

- A arranjar gelo para a água do banho, mãe - respondeu.

- Credo, nunca ouvi tanto barulho! Precisaís de gritar como comanches?

- Não, mãe - respondeu Almanzo.

A mãe fechou a porta, pois o frio fazia-lhe bater os dentes.

Em silêncio, Almanzo e Royal apanharam o gelo caído e, também em silêncio, encheram a banheira. Estava tão pesada que cambalearam, ao transportá-la, e foi o pai que teve de a levantar para o fogão da cozinha.

O gelo fundiu-se enquanto Almanzo ensebava os mocassins e Royal as botas. Na despensa, a mãe estava a encher o tacho grande de feijão cozido, cebolas e pimentos, além do pedaço de toucinho e do melaço, a cobrir tudo. Depois Almanzo viu-a abrir os barris da farinha. Deitou farinha de centeio e de milho no grande alguidar amarelo, acrescentou leite, ovos e outras coisas e mexeu, e depois despejou a massa amarelo-acinzentada na forma de cozer.

- Vem buscar a forma do pão de centeio e milho, Almanzo; mas tem cuidado, não entornes.

A mãe pegou no tacho do feijão e Almanzo seguiu-a mais devagar, com a pesada forma do pão de centeio e milho. O pai abriu as grandes portas do forno do fogão de aquecimento e a mãe meteu lá dentro os feijões e o pão, que ficariam a cozer lentamente até ao almoço de domingo.

Em seguida, Almanzo ficou sozinho na cozinha, para tomar banho. A muda de roupa interior estava nas costas de uma cadeira, para arejar e aquecer, e noutra cadeira estavam o pano de se lavar, a toalha e a panelinha de sabão mole. Foi buscar outra tina ao telheiro da lenha e pô-la no chão, defronte da porta aberta do forno.

Tirou o colete, um par de meias e as calças e depois passou água quente da tina que estava ao lume para a que se encontrava no chão. Tirou o outro par de meias e a roupa interior e o calor do forno causou-lhe uma sensação agradável na pele nua. Regalou-se com o calor e pensou que podia muito bem limitar-se a vestir a roupa interior lavada, sem tomar banho. Mas a mãe veria, quando ele fosse à sala de jantar...

Por isso, entrou na água, que lhe cobriu os pés. Com os dedos, tirou um bocado de sabão castanho e viscoso da panelinha e espalhou-o no pano de se lavar. Depois esfregou-se todo.

A água estava tépida à volta dos pés, mas o corpo sentia-a fria. A sua barriga molhada deitava fumo, do calor do forno, mas as suas costas estavam arrepiadas. E quando se virou ao contrário, pareceu-lhe que as costas se lhe empolavam, do calor, enquanto a parte da frente do corpo gelava. Lavou-se, por isso, o mais depressa que pôde, enxugou-se e vestiu a roupa interior quentinha, as compridas ceroulas de lã e a comprida camisa de dormir, também de lã.

Só então se lembrou das orelhas. Pegou outra vez no pano e esfregou as orelhas e a parte de trás do pescoço, antes de pôr o barrete de dormir.

Sentiu-se muito limpo e bem disposto, com a pele macia na roupa lavada e quente. Era a sensação da noite de sábado.

Era uma sensação agradável, sem dúvida, mas não tanto que Almanzo tomasse propositadamente um banho para a experimentar.

Se pudesse fazer a sua vontade, só tomaria banho na Primavera!

Não teve de despejar a tina, porque se fosse ao exterior depois do banho apanharia frio e poderia constipar-se. Alice despejá-la-ia e lavá-la-ia antes de tomar o seu banho. Depois Elisa Jane despejaria a água do banho de Alice e Royal a de Elisa Jane e a mãe despejaria a de Royal. Mais tarde, o pai despejaria a água onde a mãe se lavara, tomaria o seu banho e na manhã seguinte despejaria a tina pela última vez.

Almanzo entrou na sala de jantar aconchegado na roupa interior lavada e branco-creme, de meias, camisa de dormir e barrete de dormir. A mãe olhou-o e ele aproximou-se, para ser inspeccionado.

A mãe largou o tricot e viu-Lhe as orelhas e a parte de trás do pescoço e a cara bem lavada. Deu-Lhe um abraço e disse:

- Pronto, toca a andar para a cama!

Almanzo acendeu uma vela e subiu rapidamente a escada fria, apagou a vela e saltou para a cama macia e fria. Começou a rezar mas adormeceu antes de acabar.

50 51

8 - DOMINGO

Quando, na manhã seguinte, Almanzo entrou na cozinha com dois baldes quase a transbordar de leite, a mãe estava a fazer panQuecas acamadas, porque era domingo.

A grande travessa azul estava ao borralho no fogão, cheia de fofos bolos de salsichas, Elisa Jane cortava tartes de maçã e Alice distribuía as papas de aveia pelos pratos, como de costume. Mas a travessa azul mais pequena estava em cima do fogão, chegada para trás, e erguiam-se nela, como torres altas, dez pilhas de panQuecas.

Coziam mais dez panquecas na grelha fumegante e, assim que iam ficando prontas, a mãe acrescentava outra panqueca a cada pilha, amanteigava-a abundantemente e cobria-a com açúcar de bordo. A manteiga e o açúcar derretiam-se juntos, embebiam as fofas panquecas e escorriam-lhes pelas arestas tostadas.

Era a isso que se chamava panquecas acamadas. Almanzo gostava mais delas do que de qualquer outro tipo de panQuecas.

A mãe continuou a fazê-las até os outros comerem as papas de aveia. Por muitas panQuecas acamadas que fizesse, nunca eram de mais. Comeram todos pilha atrás de pilha, e Almanzo ainda estava a comer quando a mãe empurrou a cadeira para trás e exclamou:

- Valha-nos Deus, oito horas! Tenho de voar!

Realmente, a mãe parecia voar. Os seus pés não paravam e as suas mãos moviam-se tão depressa que mal se viam, Nunca se sentava durante o dia, a não ser à roca ou ao tear, e nessas alturas as suas mãos voavam, os seus pés pedalavam, a roca transformava-se numa mancha vaga e o tear não parava: Tum!

Bum! Cliquéti-claque! Mas na manhã de domingo obrigava todos os outros a andarem também depressa.

O pai esfregou e escovou a parelha castanha de tiro, até os cavalos brilharem, Almanzo limpou o trenó e Royal deu lustro aos arreios adornados de prata. Atrelaram os cavalos e depois voltaram a casa, a fim de vestirem a roupa de domingo.

A mãe estava na despensa, a colocar a tampa no empadão de galinha dos domingos. O empadão levava três galinhas gordas, que estavam cobertas pelo molho fervilhante. A mãe estendeu a tampa de massa e revirou-lhe as pontas, e o molho apareceu através dos dois pinheiros que ela cortara na massa. Meteu o empadão no forno do fogão de aquecimento, onde já se encontravam os feijões e o pão de centeio e milho. O pai acrescentou o lume com achas de nogueira e fechou-lhe as portas, enquanto a mãe começava a preparar-lhe a roupa domingueira e a vestir-se também.

A gente pobre tinha de usar burel, aos domingos, e Royal e Almanzo usavam fazenda feita em casa, Mas o pai, a mãe e as irmãs apresentavam-se todos catitas, com roupas que a mãe fizera de tecidos comprados no armazém e feitos por máquinas.

Fizera o fato do pai de boa casimiRa preta. A sobrecasaca tinha gola de veludo verde e a camisa era de bretanha francesa, A gravata era de seda preta e ao domingo, em vez de botas, usava sapatos de fino calfe.

A mãe vestia de merino castanho, com uma gola de renda branca e folhos de renda nos punhos das mangas largas, em forma de sino. Fora ela própria que fizera a renda com uma linha fina, que lembrava teias de aranha. Tinha tiras de veludo castanho à volta das abas e pelo corpete abaixo, e ela fizera a touca do mesmo veludo castanho, com duas tiras de veludo a dar um laço debaixo do queixo.

Almanzo sentia-se orgulhoso da mãe, na sua bonita roupa domingueira. As irmãs também estavam bonitas, mas ele não sentia o mesmo a respeito delas.

As suas saias de balão eram tão grandes que Royal e Almanzo se viam aflitos para entrar no trenó e não tiveram outro remédio senão encolher-se e deixar aqueles enormes balões cobrir-lhes os joelhos. Mesmo assim, se acaso se mexiam, Elisa Jane ralhava logo: "'Tem cuidado, desastrado!'"

52 53

E Alice queixava-se: "Oh, as minhas fitas estão todas amarrotadas!"

Mas quando ficaram todos instalados sob as mantas de pele de búfalo, com tijolos quentes aos pés, e o pai deixou partir os cavalos empinados, Almanzo esqueceu tudo o mais.

O trenó deslizava, veloz como o vento. Os bonitos cavalos reluziam ao sol, de pescoço arqueado, cabeça erguida e as pernas esbeltas a devorarem a estrada nevada. Pareciam voar, com a lustrosa crina comprida e a cauda a esvoaçar na deslocação de ar causada pela velocidade.

O pai ia muito direito e todo orgulhoso, a segurar as rédeas e a deixar os cavalos ir tão depressa quanto lhes apetecesse. Nunca utilizava o chicote, os seus cavalos eram mansos e estavam perfeitamente adestrados. Bastava-lhe puxar ou soltar as rédeas e eles obedeciam-lhe. Os seus cavalos eram os melhores do estado de Nova Iorque, ou talvez até de todo o mundo. Malone ficava a 8 km de distância, mas o pai nunca saía de casa antes de faltar meia hora para o serviço religioso. A parelha percorria os 8 km a trote e ao pai ainda sobrava tempo para os levar para o estábulo e cobrir de mantas, e estar nos degraus da igreja quando o sino tocava.

Quando pensava que ainda faltavam anos e anos para poder segurar umas rédeas e conduzir cavalos como aqueles, Almanzo quase não podia suportar a tristeza que isso lhe causava.

Num abrir e fechar de olhos, o pai conduzia o trenó para os abrigos da igreja, em Malone. Os abrigos eram um edifício baixo e comprido, a toda a volta dos quatro lados de um largo.

Entrava-se no largo através de uma cancela. Todos os homens que pertenciam à igreja pagavam uma renda por um abrigo, consoante os seus meios, e o do pai era o melhor: tão grande que entrava lá para desatrelar, e havia espaço para uma manjedoura com caixas de forragem e feno e aveia.

O pai deixou Almanzo ajudá-lo a cobrir os cavalos, enquanto a mãe e as irmãs sacudiam as saias e endireitavam as luvas. Em seguida, dirigiram-se todos, vagarosamente, para a igreja. O primeiro toque de sino soou quando já se encontravam nos degraus.

Depois disso, não havia nada a fazer além de ficar quieto e calado até o sermão acabar. Eram duas longas horas. As pernas de Almanzo doíam-lhe e apeteceia-lhe bocejar, mas não se atrevia sequer a mexer-se. Tinha de permanecer perfeitamente imóvel e nunca desviar os olhos do rosto solene e da barba irrequieta do pregador. Almanzo não conseguia compreender como é que o pai sabia que ele não estava a olhar para o pregador. Mas a verdade é que sabia, sempre.

54 55

Por fim, acabou. Almanzo sentiu-se melhor à luz do sol, fora da igreja. Aos domingos, os rapazes não deviam correr, nem rir, nem falar alto, mas podiam conversar sossegadamente, e Frank, o primo de Almanzo, estava ali.

O pai de Frank era o tio Wesley, proprietário da fábrica de fécula de batata e morador na cidade. Não tinha uma quinta.

Por isso, Frank era apenas um rapaz da cidade e brincava com outros rapazes da cidade. Mas naquela manhã de domingo apresentava-se com um boné comprado numa loja.

Era de fazenda aos quadrados, tecida à máquina, tinha orelheiras e abotoava-se debaixo do queixo. Frank desabotoou as orelheiras e mostrou a Almanzo que se podiam virar para cima e abotoar no alto do boné. Disse que tinha vindo da cidade de Nova Iorque e que o pai o comprara no armazém do Sr.

Case.

Almanzo nunca vira um boné assim e desejou ter um.

Royal afirmou que se tratava de um boné idiota e perguntou a Frank:

- Que sentido fazem umas orelheiras que se abotoam no alto do boné? Ninguém tem orelhas no alto da cabeça! - Almanzo ficou assim a saber que o irmão também queria um boné daqueles.

- Quanto custou? - perguntou Almanzo.

- Cinquenta cêntimos - respondeu-lhe o primo, todo vaidoso.

Almanzo compreendeu que não poderia ter um boné daqueles. Os que a mãe fazia eram aconchegados e quentes e, portanto, seria um desperdício estúpido comprar um boné. Cinquenta cêntimos era muito dinheiro.

- Só queria que visses os nossos cavalos - disse a Frank.

- Ora, não são teus! - replicou Frank. - São do teu pai. Tu não tens cavalo nenhum, nem sequer um potro.

- Vou ter um potro - afirmou Almanzo.

- Quando?

Precisamente nesse momento, Elisa Jane chamou por cima do ombro:

- Anda, Almanzo! O pai está a atrelar a parelha!

Afastou-se, apressado, atrás da irmã, mas Frank ainda lhe disse, em voz baixa:

- Também não vais ter potro nenhum!

Almanzo entrou, muito sério, no trenó, a pensar se alguma vez seria suficientemente crescido para ter alguma coisa que quisesse. Quando era mais pequeno, o pai deixava-o, às vezes, segurar nas pontas das rédeas, enquanto ele conduzia os cavalos, mas agora já não era nenhum bebé. Queria conduzir ele próprio a parelha. O pai deixava-o escovar, almofaçar e friccionar os mansos e velhos cavalos de trabalho, e levá-los para serem atrelados à grade. Mas nem sequer deixava entrar nas baías onde estavam os fogosos cavalos de tiro ou os potros. Quase nem se atrevia a afagar-lhes o nariz macio através das traves de madeira ou a coçar-lhes um bocadinho a testa, debaixo do topete. O pai dizia:

- Vocês, rapazes, afastai-vos dos potros. Em cinco minutos podeis ensinar-lhes manhas que eu depois levarei meses a tirar-lhes.

Sentiu-se um bocadinho melhor quando se sentou à mesa para comer o bom almoço de domingo. A mãe partiu o pão de centeio e milho na tábua apropriada, junto do seu prato. A colher do pai penetrou fundo no empadão de galinha: tirou grandes pedaços de crosta espessa e pô-los no prato com a fofa e amarela parte de baixo virada para cima; regou-os com molho, e depois tirou grandes pedaços de galinha tenra, carne escura e carne branca a separar-se dos ossos. Acrescentou um monte de feijões no forno, com uma fatia trémula de toucinho por cima. À beira do prato, empilhou rodela de beterraba vermelha-escurada, conservada em vinagre. Por fim, estendeu o prato a Almanzo.

Almanzo comeu tudo, em silêncio. Depois comeu uma fatia de tarte de abóbora e sentiu-se muito cheio por dentro. Mas ainda arranjou espaço para uma fatia de tarte de maçã com queijo.

Depois do almoço, Elisa Jane e Alice lavaram e limparam a louça, mas os pais, Royal e Almanzo não fizeram absolutamente nada. Passaram a tarde toda sentados na sala de jantar quente, que dava sono. A mãe lia a Bíblia, Elisa Jane lia um livro e o pai cabeceava, acordava de repelão e recomeçava a cabecear. Royal apalpava a corrente de madeira que não podia afeiçoar e Alice esteve muito tempo a olhar pela janela. Quanto a Almanzo, ficou sentado, quieto. Não teve

outro remédio. Não tinha autorização para fazer nada, pois o domingo não era dia de trabalho nem de brincadeira: era dia de ir à igreja e ficar quieto.

Por isso, sentiu-se contente quando chegou a hora de tratar dos animais.

56 57

9 - ADESTRANDO OS VITELOS

Almanzo andara tão atarefado a encher a casa do gelo que não tivera tempo para dar outra lição aos vitelos. Por isso, na segunda-feira de manhã disse ao pai:

- Posso faltar hoje à escola, não posso, pai? Se não trabalho com os vitelos, eles esquecem o que aprenderam.

O pai afagou a barba e os seus olhos brilharam.

- Parece-me que um rapaz também pode esquecer as suas lições - observou.

Almanzo não pensara nisso. Reflectiu um momento, antes de responder:

- Bem, eu tive mais lições do que os vitelos e, além disso, eles são mais novos do que eu.

O pai estava muito sério, mas a sua barba escondia um sorriso. A mãe interveio:

- Ora, deixa o rapaz ficar em casa, se ele quer! Não Lhe fará mal uma vez por outra, e ele tem razão: os vitelos precisam de ser adestrados.

Por isso, Almanzo foi ao estábulo e chamou os vitelos para o gelado do pátio. Colocou-lhes a pequena canga ao pescoço e depois ajustou os arcos e prendeu-os com a cavilha de madeira.

Por fim atou uma corda à volta dos chifrezinhas de Estrela.

Fez tudo isso sozinho.

Passou a manhã toda a recuar, pouco a pouco, à volta do pátio, ora a gritar "Giddap!", ora "Aí!". Estrela e Brilhante

avançavam sem hesitar quando ele gritava "Giddap!" e paravam quando gritava "Aí!", e tiravam-lhe, com a língua, os bocados de cenoura das mãos enluvadas.

De vez em quando, ele próprio comia um bocado de cenoura crua. A parte de fora era a mais gostosa. Soltava-se como um anel grosso e sólido e era doce. A parte de dentro era mais sumarenta e clara como gelo amarelo, mas tinha um gosto pouco agradável.

Ao meio-dia, o pai disse que os vitelos já tinham trabalhado o suficiente para um dia e prometeu que nessa tarde ensinaria Almanzo a fazer um chicote.

Foram à floresta e o pai cortou alguns galhos de um bordo esguio, conhecido por «bordo riscado». Almanzo transportou-os para a oficina do pai, por cima do barracão da lenha, e ele mostrou-Lhe como se tirava a casca da árvore em tiras e se entrançavam estas para fazer um chicote. Primeiro atou as pontas de cinco tiras e depois entrançou-as, de modo a formarem uma trança redonda e resistente.

Passou a tarde toda sentado ao lado da bancada de trabalho do pai: o pai afeiçoava telhas de madeira e Almanzo entrançava cuidadosamente o seu chicote, exactamente como o pai entrançava os grandes chicotes de couro. Quando ele virava e torcia as tiras, a fina casca exterior esfarelava-se e caía, deixando a macia e branca casca interior. O chicote teria ficado branco se as mãos de Almanzo lhe não tivessem posto algumas manchas.

Não conseguiu acabá-lo antes da hora de tratar dos animais e no dia seguinte teve de ir à escola. Mas todas as noites entrançava o chicote, sentado junto do fogão, até ele ficar com 1,5 metros de comprimento. Então o pai emprestou-lhe a navalha e ele desbastou um cabo de madeira, ao qual prendeu o chicote com tiras de casca de bordo riscado. Estava pronto!

Seria um bom chicote até secar e ficar quebradiço, no Verão seguinte. Almanzo conseguia fazê-lo estalar quase tão ruidosamente como o pai estalava um chicote de couro. E acabou-o mesmo a tempo, pois precisava dele para dar a próxima lição aos vitelos.

Chegara a altura de os ensinar a virar para a esquerda quando gritava "Hó!" e para a direita quando lhes gritava "Gi!" Começou assim que o chicote ficou pronto. Passava todos os sábados de manhã no pátio dos estábulos, a ensinar Estrela e Brilhante. Nunca lhes batia com o chicote; limitava-se a fazê-lo estalar.

Sabia que não se conseguia ensinar nada a um animal batendo-lhe ou gritando-lhe, zangado. Tinha de se mostrar sempre brando, calmo e paciente, mesmo quando eles cometiam erros.

58 59

Estrela e Brilhante tinham de gostar dele e de confiar nele, de saber que nunca lhes bateria, pois se lhe ganhassem medo nunca seriam bons e esforçados bois de trabalho.

Agora obedeciam-lhe sempre quando lhes gritava "Giddap!" ou "Aí!". Por isso, já não precisava de se colocar à sua frente. Colocava-se do lado esquerdo de Estrela. Estrela ficava junto dele e, portanto, era o boi de dentro. Brilhante ficava do outro lado de Estrela e, portanto, era o boi de fora.

Almanzo gritou "Aí!" e estalou o chicote com toda a força, ao lado da cabeça de Estrela. Estrela desviou-se, para se afastar do chicote, e isso fez com que ambos os animais virassem para a direita. Depois Almanzo gritou "Giddap!" e deixou-os andar um bocadinho, sossegados.

Em seguida, fez o chicote enrolar-se e estalar no ar, do outro lado de Brilhante, ao mesmo tempo que gritava "Hó!" Brilhante desviou-se do chicote, o que fez com que ambos os bois virassem para a esquerda.

Às vezes, assustavam-se e começavam a correr. Então Almanzo gritava "Aí!", numa voz profunda e solene como a do pai. Se mesmo assim não paravam, corria atrás deles e fazia-os voltar.

Quando isso acontecia, tinha de voltar a adestrá-los durante muito tempo com "Giddap!" e "Aí!". Precisava de ser muito paciente.

Numa manhã de sábado muito fria, os animais, que se sentiam brincalhões, fugiram mal ele estalou o chicote. Escoicinharam e correram, a berrar, à volta do pátio, e quando tentou detê-los foram direitos a ele e derrubaram-no na neve. E continuaram a correr, porque gostavam de correr. Praticamente, nessa manhã não conseguiu fazer nada com eles. Ficou tão furioso que todo ele tremia e lhe deslizavam lágrimas pela cara.

Apeteceu-lhe gritar com aqueles vitelos maus, dar-lhes pontapés e bater-lhes na cabeça com o cabo do chicote. Mas não o fez. Levantou o chicote, atou de novo a corda aos chifres de Estrela e obrigou-a a dar duas voltas ao pátio, andando quando ele gritava "Giddap!" parando quando gritava "Aí!" Mais tarde, contou o que se passara ao pai, pois achava que pessoa tão paciente como ele fora com vitelos demonstrara ter ciência suficiente para, ao menos, ser autorizada a almoçar os potros. Mas o pai pareceu nem pensar nisso e limitou-se a dizer:

- Tens razão, filho. Com lentidão e paciência é que se consegue. Continua a proceder assim e verás que ainda terás uma boa junta de bois.

No sábado seguinte, Estrela e Brilhante obedeceram-lhe na perfeição. Não precisaria de estalar o chicote, porque eles obedeciam à sua voz, mas mesmo assim estalou-o, porque gostava.

Nesse sábado, os rapazes franceses, pierre e Louis foram visitá-lo. O pai de pier era John Preguiçoso e o de Louis era Joe Francês. Viviam com muitos irmãos e muitas irmãs nas pequenas casas da floresta e caçavam, pescavam e colhiam bagas. Não tinham nunca de ir à escola. Mas apareciam muitas vezes para trabalhar ou brincar com Almanzo.

Ficaram a ver, enquanto Almanzo exibia os seus vitelos no pátio. Estrela e Brilhante estavam a portar-se tão bem que isso deu a Almanzo uma ideia esplêndida. Foi buscar o bonito trenó do seu aniversário e, com uma verruma, abriu um buraco na trave da frente, entre os patins. Depois foi buscar uma

das correntes do pai e uma chaveta do trenó grande e atrelou os vitelos ao seu trenó.

A canga tinha um pequeno anel de ferro do lado de baixo a meio, exactamente como as cangas grandes.

Almanzo enfiou o varal do seu trenó nesse anel até à pequena travessa, que não o deixou entrar mais. Depois prendeu uma ponta da corrente ao anel de ferro e enrolou a outra à volta da chaveta, no buraco da travessa, e prendeu-a. Quando Estrela e Brilhante puxassem, arrastariam o trenó pela corrente.

Quando parassem, o varal hirto do trenó obrigaria este a parar.

- Agora, Louis, entra para o trenó - disse Almanzo.o.

- Não, eu sou maior! - Protestou Pierre, a empurrar Louis. - Eu vou primeiro.

- Acho melhor não - aconselhou Almanzo. - Quando sentirem Peso, os vitelos são capazes de desatar a correr. Deixa o Louis ir primeiro, porque é mais leve.

- Não, não quero - recusou Louis.

- Acho que é melhor ires - insistiu Almanzo.

- Não - teimou Louis.

- Estarás com medo? - perguntou Almanzo.

- Está, está com medo! - afirmou Pierre.

- Não estou nada com medo! - protestou Louis, - só não quero, pronto.

- Está com medo - troçou Pierre.

- Pois está - concordou Almanzo. Louis voltou a teimar que não estava nada com medo.

- Isso é que estás! - afirmaram Almanzo e pierre.

60 61

Disseram que parecia um gato escaldado e um bebé e Pierre acrescentou que fosse para junto da mamã. Por isso, por fim, Louis sentou-se, cauteloso, no trenó.

Almanzo estalou o chicote e gritou:

- Giddap!

Estrela e Brilhante arrancaram, mas pararam logo. Tentaram virar-se, para verem o que estava atrás deles, mas Almanzo repetiu, severamente:

- Giddap!

Desta vez, arrancaram e continuaram a andar. Almanzo caminhava ao lado deles, a estalar o chicote e a gritar: "Aí!"

Conseguia assim fazê-los dar a volta ao pátio. Pierre correu e entrou também para o trenó e os animais continuaram a portar-se bem. Por isso Almanzo abriu a porta do pátio.

Pierre e Louis apressaram-se a saltar do trenó e o primeiro disse:

- Eles fogem!

- Acho que sei conduzir os meus próprios vitelos - volveu Almanzo.

Voltou para o seu lugar, ao lado de Estrela, estalou o chicote e gritou: "Giddap!" Conseguiu, assim, que Estrela e Brilhante trocassem a segurança do pátio pelo grande, vasto e cintilante mundo exterior.

Gritou "Hó!" e gritou "Gi!", passou com eles pela casa e conduziu-os à estrada. Os animais pararam quando ele gritou "Aí!"

Pierre e Louis tinham-se, entretanto, entusiasmado. Saltaram para o trenó, mas Almanzo mandou-os sair: ele também queria andar. Sentou-se à frente, Pierre sentou-se agarrado a ele e Louis agarrou-se a Pierre. Esticaram as pernas para fora e mantiveram-nas hirtas, acima da neve. Almanzo estalou orgulhosamente o chicote e gritou:

"Giddap!"

Estrela levantou a cauda, Brilhante levantou a cauda, e levantaram ambos as patas traseiras. O trenó ressaltou e, de repente, aconteceu tudo ao mesmo tempo.

"Bó-ó-ó!", berrou Estrela. "Bó-ó-ó-ó!", respondeu Brilhante.

Mesmo diante da cara de Almanzo, voavam cascos e caudas, ruidosamente.

- Aí! - gritou o rapaz. - Aí!

"Bó-ó!", respondeu-lhe Brilhante. "Bó-ó-ó!", repetiu Estrela. Era muito mais rápido do que deslizar pela encosta abaixo. Árvores, neve e patas traseiras de vitelos, estava tudo misturado. Todas as vezes que o trenó descia e batia no chão, os dentes de Almanzo entrechocavam-se.

Brilhante corria mais depressa do que Estrela. Iam sair da estrada... o trenó ia virar-se...

- Hó! Hó! - gritou Almanzo, ao mesmo tempo que caía de cabeça na neve alta. - Hó!

A sua boca aberta ficou cheia de neve. Cuspiu-a, lutou para se soltar da neve e levantou-se a custo.

Estava tudo imóvel. A estrada encontrava-se deserta. Os vitelos tinham desaparecido e o trenó também. Pierre e Louis estavam a levantar-se da neve. Louis praguejava em francês, mas Almanzo não lhe prestou atenção. Pierre cuspiu neve, limpou-a da cara e praguejou, também:

- Sacrebleu! (1) E disseste tu que sabias conduzir os teus vitelos! Eles não fugiam, hem?

Almanzo viu os lombos vermelhos dos vitelos lá muito em baixo, na estrada, quase enterrados na neve amontoada sobre a vedação de pedra.

* Em Francês: Irra! Apre!. (M da T.)

62 63

- Eles não fugiram - respondeu a Pierre. - Correram, apenas.

Estão ali.

Desceu, para ver o que acontecera. Tinham a cabeça e os lombos fora da neve, a canga estava torcida e o pescoço dos animais virado, nos arcos. Com os focinhos um contra o outro e os olhos arregalados e espantados, pareciam perguntar, mutuamente: "Que aconteceu?" Pierre e Louis ajudaram a desenterrá-los e ao trenó. Almanzo endireitou a canga e a corrente. Depois parou diante deles e gritou:

"Giddap!", enquanto Pierre e Louis empurravam, por trás. Os vitelos subiram para a estrada e Almanzo encaminhou-os para o estábulo. Obedeceram-lhe, de boa vontade. Almanzo caminhava ao lado de Estrela, a estalar o chicote e a gritar, e os animais faziam tudo quanto ele lhes mandava. Pierre e Louis iam atrás, a pé. Dispensavam a boleia.

Almanzo meteu os animais na baia e deu-lhe um punhado de milho. Limpou cuidadosamente a canga e pendurou-a. Pendurou o chicote no prego respectivo. Limpou a corrente e a chaveta e arrumou-as onde o pai as deixara. Depois disse a Pierre e a Louis que se sentassem atrás dele e escorregaram no trenó pela encosta abaixo até serem horas de tratar do gado.

Nessa noite o pai perguntou-lhe:

- Tiveste algum problema esta tarde, filho?

- Não - respondeu Almanzo. - Descobri, apenas, que tenho de ensinar Estrela e Brilhante a conduzirem quando eu vou de boleia.

E assim se fez, no pátio dos estábulos.

64

10 - A RODA DO ANO

Os dias começaram a tornar-se mais compridos, mas o frio tornou-se mais intenso. O pai disse:

- Quando os dias começam a crescer o frio começa a aumentar.

Por fim, a neve amoleceu um pouco nas encostas dos lados sul e oeste. Ao meio-dia, os sincelos pingavam. A seiva subia nas árvores, era tempo de fazer açúcar. Nas manhãs frias, pouco antes de nascer o Sol, Almanzo e o pai seguiam para o bosque de bordos. O pai levava uma grande canga de madeira aos ombros e Almanzo levava uma pequena. Das extremidades das cangas pendiam tiras de casca de bordo riscado com grandes ganchos de ferro, e de cada gancho tinha um grande balde de madeira suspenso.

O pai abrira um buraquinho em todos os bordos e enfiara-lhes um tubinho de madeira. A seiva doce dos bordos pingava dos tubos para pequenos baldes.

Almanzo ia de árvore em árvore e despejava a seiva nos seus balões grandes. O peso derreava-lhe os ombros, mas ele imobilizava os baldes com as mãos, para evitar que oscilassem.

65

Quando estavam cheios, ia despejá-los no grande caldeirão.

O grande caldeirão pendia de um poste cravado entre duas árvores. O pai mantinha uma fogueira acesa debaixo do caldeirão, para ferver a seiva:

Almanzo gostava de andar pela agreste floresta gelada. Pisava neve que nunca tinha sido pisada antes e só as suas próprias pegadas o seguiam. Afanosamente, despejava os baldes pequenos nos grandes e quando tinha sede bebia um pouco de seiva fina, doce e gelada.

Gostava de voltar para junto da fogueira crepitante, aticá-la e ver as faúlhas saltar. Aquecia a cara e as mãos ao calor das chamas e aspirava o cheiro da seiva a ferver. Depois voltava à floresta.

Ao meio-dia a seiva fervia toda no caldeirão. O pai abria a lancheira e Almanzo sentava-se no tronco ao lado dele. Comiam e conversavam. Tinham os pés estendidos para o lume e uma pilha de troncos atrás. A toda a volta havia neve, gelo e floresta bravia, mas eles estavam confortáveis e aconchegados.

Depois de comerem, o pai ficava junto da fogueira, a tomar conta da seiva, mas Almanzo procurava gaultérias.

Debaixo da neve, nas encostas do lado sul, as bagas de um vermelho-vivo estavam maduras entre as densas folhas verdes.

Almanzo tirava as luvas e afastava a neve com as mãos nuas. Encontrava os cachos de bagas e enchia a boca. As bagas geladas rangiam-lhe entre os dentes e esguichavam sumo aromático.

Não havia nada tão bom como gaultérias desenterradas da neve.

A roupa de Almanzo estava coberta de neve e os seus dedos rígidos e vermelhos de frio, mas ele nunca abandonava uma encosta do lado sul sem a ter revistado bem.

Quando o Sol descia atrás dos troncos dos bordos, o pai deitava neve para o lume, que se apagava a rechinar e a deitar vapor. Depois despejava o xarope quente nos baldes. Ele e Almanzo colocavam de novo a canga e levavam os baldes para casa.

Despejavam o xarope na grande caldeira de cobre da mãe, que estava em cima do fogão da cozinha. Depois Almanzo começava a tratar dos animais, enquanto o pai ia buscar o resto do xarope à floresta.

Depois do jantar, o xarope estava pronto para servir de açúcar. Com uma concha, a mãe passava-o pelas leiteiras grandes, para arrefecer. De manhã retirava os blocos de açúcar redondos e castanho-dourados e arrumava-os nas prateleiras mais altas da despensa.

A seiva corria dia após dia e todas as manhãs Almanzo ia com o pai recolhê-la e fervê-la, para à noite a mãe fazer açúcar.

Faziam todo o açúcar de que precisariam durante o ano seguinte. O último xarope fervido não se destinava a fazer açúcar: era armazenado em bidões, na cave, e era o melaço para uso durante o ano.

Quando chegava da escola, Alice cheirava Almanzo e exclamava:

- Oh, estiveste a comer bagas de gaultéria!

Não achava justo ter de ir para a escola enquanto Almanzo recolhia seiva e comia bagas de gaultéria. Afirmava:

- Só os rapazes é que se divertem!

Obrigou Almanzo a prometer que não tocaria nas encostas do lado sul ao longo do rio das Trutas, para lá da pastagem do rebanho.

Por isso, aos sábados, iam juntos explorar essas encostas.

Quando Almanzo encontrava um cacho vermelho, gritava; quando era Alice que encontrava, gritava também. Uma vez repartiam o achado, outras não. Mas percorriam de gatas todas aquelas encostas do lado sul e passavam a tarde toda a comer bagas de gaultéria.

Almanzo levava para casa um balde cheio das grossas folhas verdes e Alice metia-as numa grande garrafa, que a mãe enchia de uísque e guardava: serviria para perfumar de gaultéria bolos e biscoitos.

Todos os dias a neve se derretia um bocadinho. Os cedros e os abetos sacudiam-na e ela caía aos bocados dos ramos nus dos carvalhos, dos bordos e das faias. A toda a volta das paredes dos estábulos e da casa a neve estava esburacada pela água que pingava dos sinelos, que também acabavam por cair.

Aqui e ali, a terra espreitava, escura e húmida. Esses retalhos de terra iam alargando. Só os caminhos pisados continuavam brancos e havia ainda um pouco de neve nos lados norte dos edifícios e das rimas de lenha. Depois o período escolar do Inverno terminou e a Primavera chegou.

Uma manhã, o pai foi a Malone. Regressou, apressado, antes do meio-dia e gritou, da carruagem, a novidade: os compradores de batatas de Nova Iorque estavam na cidade!

Royal foi a correr ajudar a atrelar a parelha à carroça e Alice e Almanzo foram ao telheiro da lenha buscar cestos de alqueire de batatas. Atiraram-nos aos trambolhões pela escada da cave abaixo e começaram a enchê-los de batatas o mais depressa que puderam. Encheram dois cestos antes de o pai levar a carroça para o alpendre da cozinha.

Depois começou a corrida. O pai e Royal levavam os cestos para cima e despejavam-nos na carroça, enquanto Almanzo e Alice se esforçavam para encher os cestos mais depressa do que eles eram despejados.

66 67

Almanzo tentou encher mais cestos do que Alice, mas não conseguiu. Ela trabalhava tão depressa que já estava voltada para o depósito das batatas e a sua saia de balão ainda rodopiava para o outro lado. Quando afastava os caracóis para trás, as suas mãos deixavam-lhe manchas na cara. Almanzo riu-se da sua cara suja e ela pagou-lhe na mesma moeda:

- Vê-te ao espelho! Ainda estás mais sujo do que eu!

Continuaram a encher cestos. O pai e Royal nunca precisavam de esperar. Quando a carroça ficou cheia, o pai partiu, a toda a pressa.

A tarde ia a meio quando ele voltou, mas Royal, Almanzo e Alice encheram outra carroça enquanto ele comia um almoço frio, antes de partir com outra carroçada. Nessa noite, Alice ajudou Royal e Almanzo a tratar dos animais. O pai não estava em casa à hora do jantar e à hora de se deitarem ainda não tinha chegado. Royal ficou a pé, à sua espera. Noite alta, Almanzo ouviu a carroça e Royal saiu de casa, para ajudar o pai a almoçar e escovar os cavalos cansados, que naquele dia tinham percorrido, carregados, mais de 30 km.

Na manhã seguinte, e na outra, começaram todos a carregar batatas à luz de velas e o pai partia com o primeiro carregamento antes de nascer o Sol. No terceiro dia, o comboio das batatas partiu para a cidade de Nova Iorque. Mas as batatas do pai iam todas nele.

- Quinhentos alqueires a um dólar por alqueire - disse o pai à mãe, ao jantar.
- Eu bem te disse, quando as batatas estiveram baratas no último Outono, que estariam caras na Primavera.

Aquela venda significava 500 dólares no banco. Sentiam-se todos orgulhosos do pai, que cultivava batatas tão boas e sabia tão bem quando convinha armazená-las e quando convinha vendê-las.

- Foi muito bom - disse a mãe, toda sorridente, e eles sentiram-se contentes.

Mas, mais tarde, a mãe anunciou:

- Bem, agora que resolvemos esse problema, vamos começar a limpar a casa, de manhã muito cedo.

Almanzo detestava as limpezas de casa. Tinha de arrancar tachas a toda a volta de quilómetros de carpetes. Estas eram depois penduradas em cordas da roupa, fora de casa, e ele tinha de as bater com um pau comprido. Quando era pequeno, correria por baixo das carpetes, a fingir que eram tendas. Mas agora, com 9 anos, tinha de as bater sem parar, até não soltarem mais poeira.

Tudo na casa era tirado dos seus lugares, esfregado, raspado e polido. Tiravam-se todas as cortinas, levavam-se todos os colchões de penas para fora de casa, para arejarem, e lavavam-se todos os cobertores e todas as cobertas.

Almanzo não parava, do nascer ao fim do dia: corria, bombeava água, ia buscar lenha, espalhava palha limpa nos soalhos esfregados e depois ajudava a estender-lhes em cima as carpetes, cujas arestas tinha de voltar a pregar.

Passava dias e dias na cave. Ajudava Royal a despejar as arcas no telheiro da lenha. Levavam para o exterior vasilhas de barro, boiões e jarros, até a cave ficar quase vazia.

Depois a mãe lavava as paredes e o chão.

68 69

Royal deitava água em baldes de cal e Almanzo mexia até a mistura deixar de ferver e ficar boa para cair. E depois, claro, caiavam a cave toda. Isso era divertido.

- Valha-nos Deus! - exclamava a mãe, quando eles saíam da cave. - Deixastes tanta cal na cave quanta trazeis em cima?

Quando secava, toda a cave estava fresca, limpa e branca como a neve. A mãe levava as bilhas do leite para as prateleiras esfregadas. As barricas da manteiga eram esfregadas com areia até ficarem brancas e postas a secar ao sol, e depois Almanzo arrumava-as em fila, no chão limpo da cave, para serem cheias com manteiga do Verão.

No exterior, os lilases e os arbustos bola de neve estavam em flor. Violetas e ranúnculos desabrochavam nos pastos verdes, os pássaros faziam os ninhos e era tempo de trabalhar nos campos.

70

11 - PRIMAVERA

Agora tomavam o pequeno-almoço antes de alvorecer e o Sol subia, para lá dos prados orvalhados, quando Almanzo tirava a sua parelha do estábulo.

Tinha de se pôr em cima de um caixote para colocar as pesadas coelheiras à volta do pescoço dos cavallos e para lhes passar as rédeas por cima das orelhas, mas sabia conduzir.

Aprendera quando era pequeno. O pai não o deixava tocar nos potros nem conduzir os cavalos jovens e fogosos, mas como já tinha idade para trabalhar no campo podia conduzir a velha e mansa parelha de trabalho, «Bess» e «Beleza».

Eram umas éguas inteligentes e calmas. Quando as soltavam, para pastar, não relinchavam nem galopavam como potros;

olhavam à sua volta, deitavam-se e reboavam-se uma ou duas vezes e depois tratavam de comer erva. Quando as ajazavam, caminhavam calmamente uma atrás da outra, transpunham a porta do estábulo, fungavam a aspirar o ar primaveril e esperavam pacientemente que lhes prendessem os arreios. Eram mais velhas do que Almanzo, que ia para os 10 anos.

Sabiam puxar o arado sem pisar o cereal ou fazer os regos tortos.

Sabiam puxar a grade de desterroar e virar no fim do campo.

Almanzo teria gostado mais de as conduzir se elas não soubessem tanto.

71

Atreloadas à grade. No Outono, os campos tinham sido lavrados e cobertos de esterco; agora o solo enterroado tinha de ser desterroado.

Bess e Beleza andavam de boa vontade, não muito depressa, mas com a velocidade suficiente para desterroar bem. Gostavam de trabalhar na Primavera, depois do longo Inverno passado de pé nas baías. Lá iam puxando a grade para trás e para diante, através do campo, enquanto Almanzo seguia atrás, a segurar as rédeas. No fim do campo, virava a parelha e colocava a grade de maneira que os seus dentes se sobrepusessem ligeiramente à orla da faixa já desterroada. Depois sacudia as rédeas na garupa das éguas, gritava "Giddap!" e recomeçava tudo.

Por toda a região, outros rapazes faziam o mesmo que ele, viravam a terra húmida para o Sol. Lá muito ao norte, o rio São Lourenço era uma tira de prata à beira do céu. As florestas pareciam nuvens de um verde delicado. Os pássaros saltitavam, a piar, nas cercas de pedra e os esquilos faziam cabriolas. Almanzo caminhava, a assobiar, atrás da sua parelha.

Depois de ter desterroado o campo todo num sentido, desterroou no outro. Os dentes aguçados da grade penteavam e tornavam a pentear a terra, desfazendo os torrões. O solo todo tinha de ficar friável, fino e liso.

Com o tempo, Almanzo foi ficando com tanta fome que deixou de assobiar. A fome tornou-se cada vez maior. Parecia que o meio-dia nunca mais chegava. Perguntou a si mesmo quantos quilómetros já calcorreara. Mas o Sol parecia estar parado, as sombras pareciam não ter mudado nada. Só a sua fome aumentava.

Por fim, o Sol ficou a pino e as sombras desapareceram.

Almanzo desterroou outro sulco e mais outro ainda. Finalmente ouviu soar as cornetas, longe e perto.

O som da grande corneta de folha do almoço da mãe ouviu-se, claro e alegre.

Bess e Beleza arrebitaram as orelhas e andaram mais depressa. Pararam na orla do campo virada para a casa. Almanzo soltou os tirantes e enrolou-os, deixou a grade no campo e subiu para a garupa larga de Beleza.

Passou pela casa da bomba, para deixar as éguas beber, e depois levou-as para a baía, tirou-lhes as rédeas e deu-lhes milho. Um bom cavaleiro trata sempre primeiro dos cavalos, antes de comer ou descansar. Mas Almanzo fê-lo depressa.

Que bom estava o almoço! E como ele comeu! O pai encheu-lhe diversas vezes o prato e a mãe sorriu e deu-lhe duas fatias de tarte.

Sentiu-se melhor quando voltou para o trabalho, mas a tarde pareceu-lhe muito mais comprida do que a manhã. Estava cansado quando regressou ao estábulo, ao pôr-do-Sol, para tratar dos animais. Ao jantar mostrou-se sonolento e assim que comeu foi para a cama. Era tão bom estender-se na cama fofa! Mal se tapara, já estava a dormir.

Parecia ter passado apenas um minuto quando a luz da vela da mãe brilhou na escada e ela chamou. Começara outro dia.

Não havia tempo a perder, não se podia desperdiçar tempo a descansar ou brincar. A vida da terra irrompe impetuosamente, na Primavera. Todas as sementes bravas de ervas daninhas e cardos, todos os rebentos de trepadeira, arbusto e árvore, tentam apoderar-se dos campos. Os lavradores têm de lutar contra eles com a grade, o arado e a enxada, têm de lançar depressa as boas sementes à terra.

Almanzo era um pequeno soldado nessa grande batalha.

Trabalhava do nascer ao pôr do Sol, dormia do escurecer ao alvorecer e começava outro dia de trabalho.

Desterrou o campo das batatas até o solo estar liso e friável e todas as pequenas ervas terem sido mortas. Depois ajudou Royal a tirar as batatas de semente da arca da cave e a cortá-las aos bocados, de modo que em cada bocado ficassem dois ou três olhos.

As plantas das batatas têm flores e sementes, mas ninguém sabe que gênero de batata nascerá de uma semente de batata.

Todas as batatas de qualquer espécie que já tenha existido nasceram de uma batata. Uma batata não é uma semente: é parte da raiz de uma planta de batata. Quando se corta uma batata e se semeiam os bocados, nascem sempre mais batatas iguais à primeira.

Cada batata tem diversas pequenas mossas que parecem olhos.

Desses olhos brotam as pequenas raízes, debaixo da terra, enquanto pequenas folhas abrem caminho para cima, para o Sol.

Enquanto são pequenas, antes de terem força para tirar o seu alimento da terra e do ar, comem o bocado de batata que lhes deu origem.

O pai estava a marcar o campo. O marcador era um tronco com uma série de cavilhas de madeira cravadas com intervalos de 105 centímetros. Um cavalo puxava o tronco atravessado atrás de si e as cavilhas abriam pequenos regos. O pai marcava o campo no sentido do comprimento e no da largura, de modo que os regos formavam pequenos quadrados. Depois começava a plantação.

72 73

O pai e Royal pegavam na enxada e Alice e Almanzo transportavam baldes cheios de bocados de batata. Almanzo ia à frente de Royal e Alice ia à frente do pai, pelos regos abaixo.

Ao canto de cada quadrado, onde os regos se cruzavam, Almanzo deixava cair um bocado de batata. Tinha de o deixar cair exactamente no canto, para que os carreiros ficassem direitos e pudessem ser lavrados. Royal cobria o pedaço de batata com terra e calcava bem com a enxada. Atrás de Alice, o pai fazia o mesmo com os bocados por ela largados.

Semear batatas era divertido. Subia da terra e dos campos de trevo um cheirinho agradável. Alice era bonita e alegre, com a brisa a agitar-lhe os caracóis e a fazer oscilar a saia. O pai também estava bem disposto e conversavam todos enquanto trabalhavam.

Almanzo e Alice tentavam deitar os bocados de batata muito depressa, para poderem dispor de um minuto, ao fim de cada carreiro, para procurar ninhos de pássaros ou perseguir um lagarto na cerca de pedra.

Mas o pai e Royal nunca se deixavam ficar muito para trás. O pai ia dizendo: - Despacha-te, filho, despacha-te!

Eles despachavam-se e quando conseguiam ganhar alguma distância Almanzo apanhava um pé de erva e fazia-a assobiar entre os polegares. Alice experimentava, mas não conseguia fazer o mesmo. Royal troçava dela:

"Raparigas que assobiam e galinhas que cantam de galo, Têm sempre um fim que não é nenhum regalo."

Andaram para trás e para diante no campo, toda a manhã e toda a tarde, durante três dias. As batatas ficaram semeadas.

Depois o pai semeou os cereais: um campo de trigo para fazer pão branco, um campo de centeio para pão de centeio e milho e um campo de aveia misturada com ervilhas-do-canadá para alimentar os cavalos e as vacas no Inverno seguinte.

Enquanto o pai semeava, Almanzo seguia-o com a Bess e a Beleza a revolver a terra com a grade para tapar as sementes.

Almanzo ainda não sabia semear cereais; tinha de praticar muito tempo, para espalhar as sementes com regularidade. Isso era difícil.

O pesado saco de cereal pendia de uma correia passada pelo ombro esquerdo do pai. Enquanto caminhava, o pai tirava punhados de cereal do saco e, com um gesto largo do braço e um dobrar de pulso, deixava os pequenos bagos voar-lhe dos dedos.

O gesto do braço acompanhava o ritmo dos seus passos e, quando o pai acabava de semear um campo, todos os palmos de terreno tinham as suas sementes regularmente espalhadas, nem de mais, nem de menos.

As sementes eram tão pequenas que não se viam no chão e, por isso, só se avaliava a competência de um semeador quando elas germinavam. O pai contou a Almanzo a história de um rapaz preguiçoso e indolente, que tinha sido mandado semear um campo. Como não queria trabalhar, o rapaz despejou o saco das sementes e foi nadar. Ninguém o viu. Em seguida passou a grade pelo campo e ninguém soube o que o rapaz fizera. Mas as sementes sabiam e a terra também, e quando o rapaz já esquecera a sua maldade elas contaram-na: as ervas daninhas tomaram conta do campo.

Depois de semeadura todo o cereal, Almanzo e Alice semearam cenouras. Tinham sacos cheios de pequenas, redondas e encarnadas sementes de cenoura suspensas do ombro, como o saco grande de sementes do pai. Este marcara o campo das cenouras no sentido do comprimento, com um marcador cujos dentes tinham um intervalo de apenas 45 centímetros entre si. Almanzo e Alice andavam de um extremo ao outro do campo, com um pé de cada lado dos regos.

O tempo estava tão quente que podiam andar descalços. Os seus pés sentiam-se bem assim, a pisar a terra macia.

74 75

Deitavam as sementes de cenoura nos regos e, com os pés, tapavam-nas de terra, que depois carregavam para baixo.

Almanzo via os seus pés, mas os de Alice estavam escondidos de baixo das saias, claro. Tinha de empurrar os arcos para trás e inclinar-se, para deitar bem as sementes no rego.

Almanzo perguntou-lhe se não gostaria de ser rapaz. Ela respondeu que sim, que gostaria, mas depois disse logo que não.

- Os rapazes não são bonitos como as raparigas e não podem usar fitas.

- Eu não quero saber se sou bonito ou feio - replicou Almanzo, - E de qualquer modo não usaria fitas.

- Bem, eu gosto de fazer manteiga e mantas de retalhos. E de cozinhar, coser e fiar. Os rapazes não sabem fazer essas coisas. Mas eu, apesar de rapariga, sei pôr as batatas na terra, semear cenouras e conduzir cavalos tão bem como tu.

- Não sabes assobiar por uma folha de erva.

Quando chegaram ao fim do rego, olhou para as enrugadas folhas novas de um freixo e perguntou a Alice se sabia quando se semeava milho. Como ela não sabia, disse-lhe: semeava-se milho quando as folhas dos freixos estavam do tamanho das orelhas de um esquilo.

- Grande ou pequeno? - perguntou Alice.

- Normal.

- Bem, essas folhas estão do tamanho das orelhas de um esquilo-bebé e não é tempo de plantar milho.

Por momentos, Almanzo não soube que dizer. Depois afirmou:

- Um esquilo-bebé não é um esquilo, é um gatinho.

- Mas é do mesmo modo um esquilo...

- Não é nada. É um gatinho. Os gatos pequenos são gatinhos, as raposas pequenas são gatinhos e os esquilos pequenos são gatinhos. Um gatinho não é um gato e também não é um esquilo!

- Ah! - exclamou Alice, e não disse mais nada.

Quando as folhas do freixo estavam suficientemente grandes, Almanzo ajudou a semear o milho. O campo tinha sido marcado com o marcador das batatas e o pai, Royal e Almanzo fizeram juntos a sementeira.

Levavam sacos de milho de semente à cintura, como aventais, e carregavam enxadas. Ao canto de cada quadrado, onde os regos se cruzavam, revolviam o solo com a enxada, faziam um buraco pouco fundo, deitavam dois bagos de milho, cobriam-nos de terra e calcavam bem. O pai e Royal trabalhavam depressa. As suas mãos e as suas enxadas faziam exactamente os mesmos movimentos, todas as vezes, Três rápidas e uma pancadinha, um movimento rápido da mão e depois um movimento com a enxada a tapar, duas pancadinhas e estava semeado aquele pé de milho.

Depois davam um passo rápido em frente e repetiam tudo. Mas Almanzo semeava milho pela primeira vez. Não sabia emhar a enxada muito bem e tinha de dar dois passos, a trote, enquanto o irmão e o pai só davam um, pois as pernas dele eram mais curtas. O pai e Royal iam sempre à frente dele, não conseguia acompanhá-los. Um deles acabava-lhe sempre o carreiro, para poder começar ao mesmo tempo. Isso desagradava-lhe, mas paciência. Sabia que semearia milho tão depressa como qualquer quando as suas pernas fossem mais compridas.

76 77

12 - O FUNILEIRO

Uma tarde, depois do pôr do Sol, Almanzo viu um cavalo branco a puxar uma grande carroça pintada de vermelho-vivo, pela estrada acima, e gritou:

- Vem aí o funileiro! Vem aí o funileiro!

Alice saiu a correr da capoeira, com o avental cheio de ovos; a mãe e Elisa Jane vieram à porta da cozinha, e Royal espreitou da casinha da bomba - e os cavalos novos enfiaram a cabeça pelas janelas das baias e relincharam ao grande cavalo branco.

Nick Brown, o funileiro, era um homem gordo e alegre, que contava histórias e cantava cantigas. Na Primavera percorria as estradas da região, a dar notícias de longe e de perto.

A sua carroça parecia uma casinha e oscilava sobre fortes tiras de couro entre quatro rodas altas. Tinha uma porta de cada lado e da sua retaguarda subia uma plataforma inclinada como a cauda de um pássaro e mantida no seu lugar por tiras de couro que chegavam ao tecto do carro. O tecto tinha um pequeno gradeamento bonito a toda a volta e o carro, a plataforma e as rodas estavam pintados de vermelho-vivo, com bonitos arabescos de amarelo-vivo. À frente via-se Nick Brown, num banco encarnado mais alto que a garupa do robusto cavalo branco.

Almanzo, Alice e Royal, e até Elisa Jane, estavam à espera quando o carro parou defronte do alpendre da cozinha, e a mãe estava à porta, sorridente.

- Como está, Sr. Brown. - cumprimentou. - Trate do seu cavalo e entre, pois o jantar está quase pronto!

E o pai gritou do estábulo:

- Entre para a casa da carruagem, Nick, tem lá muito espaço!

Almanzo desatrelou o grande e lustroso cavalo branco, levou-o a beber e depois pô-lo numa baia e deu-lhe uma ração dupla de aveia e muito feno. O Sr. Brown almofaçou-o e escovou-o muito bem e esfregou-o com panos limpos. Era um bom cavaleiro. Depois olhou para todos os animais e deu a sua opinião a respeito deles. Admirou estrela e Brilhante e elogiou os potros do pai.

- Deve obter bom preço por aqueles de quase quatro anos - disse ao pai. - Em Saranac, os compradores de Nova Iorque andam à procura de cavalos de tiro. Um deles pagou 210 dólares por cabeça, a semana passada, por uma parelha que não era em nada superior a estes.

Almanzo não podia falar enquanto os adultos falavam, claro. Mas podia ouvir. Não lhe escapou nada do que o Sr. Brown disse. E sabia que o melhor de tudo seria depois do jantar.

Nick Brown sabia contar histórias mais engraçadas e cantar mais canções do que qualquer outro homem. Ele próprio o dizia, e era verdade.

- Sim, senhor - afirmava. - Aposto em mim mesmo não só contra qualquer homem, mas até contra qualquer grupo de homens. Contarei história por história e cantarei cantiga por cantiga enquanto puserem homens ao desafio comigo, e quando eles acabarem contarei a última história e cantarei a última canção. O pai sabia que era verdade. Ouvira Nick Brown fazê-lo no armazém do Sr. Case, em Malone.

Por isso, depois do jantar, instalaram-se todos junto do fogão de aquecimento e o Sr. Brown começou. Passava das nove quando se deitaram e a barriga de Almanzo doía-lhe de tanto rir.

Na manhã seguinte, depois do pequeno-almoço, o Sr. Brown atrelou o cavalo branco ao carro, levou-o para o alpendre da cozinha e abriu as portas encarnadas.

No interior do carro estavam todas as coisas que se podiam fazer de folha. Nas prateleiras, ao longo das paredes, havia baldes, caçarolas, bacias, formas de bolos, formas de tartes,

78 79

formas de pão e alguidares, tudo de folha brilhante. Do tecto pendiam púcaros e conchas, escumadeiras e passadores, peneiras e raladores. Havia cornetas de folha, apitos de folha, pratos e forminhas de brincar de folha e toda a espécie de animaizinhos pequenos, feitos de folha e pintados de cores vivas.

O Sr. Brown tinha feito tudo aquilo no Inverno e cada peça era de boa folha resistente, estava bem feita e bem soldada.

A mãe trouxe do sótão os grandes sacos de trapos e despejou no alpendre todos os trapos que fora guardando durante o ano.

O Sr. Brown examinou os trapos bons e limpos, de lã e linho, enquanto a mãe via as reluzentes peças de estanho, e começaram a negociar.

Falaram e regatearam durante muito tempo. Havia louça reluzente de folha e montes de trapos por todo o alpendre. Por cada monte de trapos que Nick Brown acrescentava ao monte maior, a mãe pedia peças de louça do que ele queria dar-lhe.

Divertiam-se ambos a gracejar, rir e regatear. Por fim, o Sr. Brown disse:

- Bem, minha senhora, dou-lhe as panelas e os baldes do leite, a peneira e a escumadeira e as três formas, mas não o alguidar. É a minha última palavra.

- Muito bem, Sr. Brown - concordou a mãe, inesperadamente, pois obtivera exactamente o que queria. Almanzo sabia que ela não precisava do alguidar; pusera-o de parte só para ter uma base para regatear. Agora o Sr. Brown também sabia. Pareceu surpreendido e olhou-a respeitosamente. A mãe era muito astuta a fazer negócio e levava a melhor sobre o Sr. Brown. Mas ele também estava satisfeito, pois obtivera bastantes trapos bons em troca das suas peças de folha. Reuniu os trapos, atou-os numa trouxa e colocou-a na plataforma inclinada da parte de trás do carro. A plataforma e o gradeamento à volta do tejadilho destinavam-se a transportar os trapos que obtivera por troca. Em seguida, o Sr. Brown esfregou as mãos e olhou em redor, sorrindo:

- Ora muito bem, que gostariam de ter estes juvenzinhos?

Deu a Elisa Jane seis forminhas no formato de losango, para coser bolinhos, e a Alice seis forminhas no formato de coração. A Almanzo deu uma corneta de folha pintada de encarnado.

- Obrigado, Sr. Brown! - agradeceram todos.

Depois o Sr. Brown subiu para o seu banco alto e pegou nas rédeas. O grande cavalo branco partiu, contente, bem alimentado, escovado e repousado. O carro vermelho deixou a casa para trás e meteu pela estrada e o Sr. Brown começou a assobiar.

A mãe ficara com a louça de folha de que precisava para aquele ano e Almanzo com a sua estridente corneta, e Nick Brown afastava-se a assobiar entre as árvores verdes e os campos. Até ele voltar, na Primavera seguinte, recordariam as notícias que trouxera e rir-se-iam das suas anedotas, e atrás dos cavalos, nos campos, Almanzo assobiaria as cantigas que ele cantara.

13 - O CÃO DESCONHECIDO

Nick Brown dissera que andavam pelas imediações compradores de cavalos vindos de Nova Iorque. Por isso, todas as noites o pai tra tava de modo especial e cuidadoso os potros de quatro anos. Estes animais estavam perfeitamente adestrados e Almanzo desejava tanto ajudar a tratá-los que o pai acabou por consentir. Mas só o deixava entrar nas suas baías quando ele lá estava.

Com todo o cuidado, Almanzo limpava-os com a almofada e escovava-lhes os reluzentes flancos castanhos, os quadris lisos e arredondados e as pernas esbeltas. Depois esfregava-os com panos lim pos. Penteava-lhes e entrançava-lhes as crinas pretas e as compridas caudas da mesma cor. Com uma escovinha, oleava-lhes os cascos cur vos até brilharem, muito pretos, como o fogão da mãe.

Tinha o cuidado de não se mexer com brusquidão, para os não assustar. Enquanto trabalhava, falava-lhes em voz branda. Os potros puxavam-lhe a manga com os beiços e encostavam o focinho às suas algibeiras, à procura das maçãs que lhes levava. Arqueavam o pescoço, quando lhes esfregava o nariz aveludado, e os seus olhos mansos brilhavam.

Almanzo sabia que em todo o mundo não havia nada tão lindo, tão fascinante, como cavalos bonitos. Quando pensava que passariam anos e anos até poder ter um potrozinho, para adestrar e tratar, quase não podia acreditar.

Uma tarde, o comprador de cavalos chegou, a cavalo, ao pátio. Era um comprador desconhecido, que o pai nunca tinha visto antes. Vestia roupas citadinas, de fazenda feita à máquina, e batia nas reluzentes botas altas com um chicotinho vermelho. Tinha olhos pretos, tão próximos do nariz magro, a barba preta aparada em bico e as pontas do bigode torcidas e enceradas.

Tinha um aspecto muito estranho, parado no pátio a torcer pensativamente uma ponta do bigode, até ficar ainda mais fina.

O pai trouxe os cavalos. Eram Morgans perfeitamente iguais, exactamente do mesmo tamanho, da mesma forma, do mesmo castanho brilhante e com a mesma estrela branca na testa.

Arquearam o pescoço e levantaram delicadamente os pequenos cascos.

- Fazem quatro anos em Maio, são de fôlego e pernas, sem o mínimo defeito - disse o pai. - Estão adestrados para tiro, em parelha ou sozinhos. São fogosos, cheios de energia e mansos como gatinhos. Uma senhora é capaz de os conduzir.

Almanzo escutava. Estava muito agitado, mas ouvia com a maior atenção tudo quanto o pai e o comprador de cavalos diziam. Um dia também ele negociaria em cavalos.

O comprador apalpou as pernas dos animais, abriu-lhes a boca e viu-lhes os dentes. O pai não tinha nada a recear a esse respeito; dissera a verdade acerca da idade dos cavalos.

Depois o comprador recuou e olhou, enquanto o pai prendia cada potro a uma corda comprida e os fazia andar, trotar e galopar em círculo, à sua volta.

- Olhe para esta acção - disse.

As crinas e as caudas brilhantes ondulavam no ar. Luzes castanhas faiscavam nos corpos elegantes e os cascos pequenos e delicados quase não tocavam no chão. Continuaram a andar à roda, à roda, como se acompanhassem uma melodia.

O comprador observou. Tentou encontrar defeito, mas não conseguiu. Os potros passaram e o pai esperou. Por fim, o comprador ofereceu 175 dólares por cada um.

O pai disse que não podia aceitar menos de 225 dólares.

Almanzo percebeu que ele dizia isso porque queria 200 dólares.

Nick Brown dissera-lhe que os compradores de cavalos estavam a pagar isso mesmo.

Depois o pai atrelou ambos os potros à carruagem, ele e o comprador entraram e desceram a estrada. Os potros iam de cabeça levantada, narinas dilatadas, crina e cauda a esvoaçar ao vento da própria velocidade e com as pernas a moverem-

se todas ao mesmo tempo, como se fossem só um. A carruagem deixou de se ver num instante.

Almanzo lembrou-se de que tinha de continuar a tratar dos animais, voltou para o estábulo e pegou na forquilha. Mas depois largou-a e voltou a sair, para ver regressar os potros.

82 83

Quando voltaram, o pai e o comprador não tinham chegado a acordo quanto ao preço. O pai puxava a barba e o comprador torcia o bigode. O comprador falava da despesa que teria para levar os potros para Nova Iorque e dos baixos preços que lá pagavam. Tinha de pensar no seu lucro. O mais que podia oferecer eram 175 dólares.

- Estou disposto a dividir a diferença - disse o pai. - O meu último preço são duzentos dólares.

O comprador pensou e depois respondeu:

- Não vejo possibilidade de pagar isso.

- Paciência - disse o pai. - Ninguém fica ressentido e teremos prazer em que jante connosco.

Começou a desatrelar os potros. O comprador insistiu:

- Em Saranac estão a vender cavalos melhores do que esses a 170 dólares.

O pai não respondeu. Desatrelou os potros e levou-os na direcção das baias. O comprador voltou a falar:

- Pronto, sejam duzentos dólares. Perco dinheiro, mas paciência. - Tirou uma volumosa carteira da algibeira e deu ao pai 200 dólares como sinal. - Leve-os amanhã à cidade e receberá o resto.

Os potros estavam vendidos e pelo preço do pai.

O comprador não quis ficar para jantar. Foi-se embora e o pai levou o dinheiro à mãe, que estava na cozinha.

- O quê - protestou ela-, - queres que fiquemos com esse dinheiro todo em casa, até amanhã?

- Já é tarde para o levar ao banco - lembrou o pai. - Mas não há perigo, mais ninguém além de nós sabe que o dinheiro está aqui.

- Não pregarei olho toda a noite! - insistiu a mãe.

- Deus velará por nós - lembrou-lhe o pai.

- Deus ajuda quem se ajuda a si mesmo - recalcitou a mãe. - Desejava muito que esse dinheiro estivesse em segurança no banco.

Já passava da hora de tratar dos animais e Almanzo teve de correr para os estábulos com os baldes do leite. Se as vacas não eram ordenhadas exactamente à mesma hora, de manhã e à noite, não davam tanto leite. Também era preciso limpar as manjedouras e as baias e dar de comer aos animais todos. Já eram quase oito horas quando tudo ficou pronto e a mãe esperava com o jantar no borralho.

O jantar não foi tão alegre como era costume. Havia como que um pressentimento desagradável a respeito daquele dinheiro. A mãe escondera-o na despensa, mas depois mudara de ideias e escondera-o no armário da roupa. Depois do jantar, começou a preparar a massa para a fornada do dia seguinte e a preocupar-se de novo com o dinheiro. As suas mãos voavam e a massa fazia bolhas que rebentavam debaixo da colher.

- Não creio que ninguém se lembre de ir procurar entre os lençóis, no armário - disse. - Mas, francamente, eu... Que foi aquilo?

Levantaram-se todos, sobressaltados, contiveram a respiração e escutaram.

- Anda qualquer coisa, ou alguém, a rondar à volta da casa!

- Disse a mãe, baixinho. Mas, olhando pelas janelas, só se via escuridão.

- Ora, não foi nada! - declarou o pai.

- Já te disse que ouvi qualquer coisa!

- Mas eu não ouvi nada! - teimou o pai.

- Royal, vai ver - mandou a mãe.
Royal abriu a porta da cozinha e olhou para o negrume.
Instantes depois, disse:
- É só um cão vadio.

84 85

- Enxota-o! - mandou a mãe, e Royal saiu e enxotou-o.
Almanzo gostaria de ter um cão. Mas um cão pequeno escava buracos na horta, corre atrás das galinhas e come os ovos, ao passo que um cão grande pode matar ovelhas. A mãe dizia sempre que havia animais suficientes na quinta, não precisavam de um cão porco para nada.
A mãe pôs de parte a massa do pão e Almanzo lavou os pés:
Quando andava descalço, tinha de lavar os pés todas as noites.
Ainda estava a lavá-los quando ouviram todos um som furtivo, no alpendre das traseiras.

A mãe abriu muito os olhos. Royal disse:
- É aquele cão.
Abriu a porta. Ao princípio não viram nada e os olhos da mãe abriram-se ainda mais. Depois viram um grande cão magro, encolhido nas sombras. Viam-se-lhe as costelas através da pele.
- Oh, mãe, coitadinho do cão! - exclamou Alice. - Posso dar-lhe só um bocadinho de comida?
- Oh, filha, claro que podes! - acedeu a mãe. - Mas tu enxota-lo de manhã, Royal.

Alice pôs no alpendre uma caçarola de comida para o cão. O animal não ousou aproximar-se enquanto a porta esteve aberta, mas quando Almanzo a fechou ouviram-no mastigar. A mãe experimentou a porta duas vezes, para ter a certeza de que estava bem fechada.
A escuridão entrou na cozinha, quando saíram com as velas, e espreitou pelas janelas da sala de jantar. A mãe fechou ambas as portas da sala de jantar e até foi experimentar a da sala de estar, embora essa estivesse sempre fechada à chave.

Almanzo deitou-se e ficou muito tempo acordado, a escutar e a perscrutar o escuro. Mas por fim adormeceu e só soube o que aconteceu de noite quando a mãe lhe contou, de manhã.

Ela escondera o dinheiro debaixo das peúgas do pai, na cómoda, mas depois de se deitar levantara-se e achara melhor pô-lo debaixo da almofada. Estava convencida de que não dormiria, mas deve ter dormido, pois de noite qualquer coisa a acordou. Sentou-se de repelão, na cama. O pai dormia profundamente.

Havia luar e ela conseguia ver o lilás, no pátio. Estava tudo sossegado. O relógio deu onze badaladas. Nisto, o sangue da mãe gelou: ouvira um rosnido baixo e selvagem.

Levantou-se da cama e foi à janela. O cão desconhecido estava em baixo, de pêlo eriçado e a mostrar os dentes.
Procedia como se estivesse alguém no pequeno bosque.

A mãe continuou à escuta e a olhar, mas debaixo das árvores estava escuro e não conseguiu ver ninguém. O cão, porém, não deixou rosnar.

A mãe ficou vigilante. Ouviu o relógio bater a meia noite e, passado muito tempo, a uma hora. O cão andava para trás e para diante, junto da vedação de estacas, a rosnar. Por fim, deitou-se, mas continuou de cabeça levantada e orelhas arrebitadas, à escuta. A mãe voltou devagarinho para a cama.

Quando alvoreceu o cão desaparecera. Procuraram-no, mas não o encontraram em lado nenhum. No entanto, viam-se as suas pegadas no pátio e, do outro lado da cerca, no bosquezinho, o pai encontrou rastos de botas de dois homens.

Atreitou imediatamente os cavalos, antes do pequeno-almoço, prendeu os potros à retaguarda da carruagem e partiu para Malone. Depositou os 200 dólares no banco, entregou os potros ao comprador, recebeu os restantes 200 dólares e depositou-os, também.

Quando regressou, disse à mãe:

- Tinha razão. Estivemos quase a ser roubados, a noite passada.

Um lavrador das imediações de Malone vendera uma parelha na semana anterior e ficara com o dinheiro em casa. Nessa noite, os ladrões tinham-lhe entrado no quarto enquanto ele dormia.

Amarraram-lhe a mulher e os filhos e quase o mataram à pancada, para o obrigar a dizer onde escondera o dinheiro.

Depois apoderaram-se dele e fugiram. O xerife procurava-os.

- Não me surpreenderia se aquele comprador de cavalos estivesse metido no assunto - acrescentou o pai. - Quem, além dele, sabia que tínhamos dinheiro em casa? Mas não se pode provar... Informe-me e fiquei a saber que passou a noite no hotel de Malone.

A mãe afirmou que acreditaria sempre que tinha sido a Providência que mandara aquele cão desconhecido para os guardar. Almanzo achava que o animal talvez tivesse ficado por Alice lhe ter dado de comer.

- Talvez tenha vindo para nos experimentar - prosseguiu a mãe. - Talvez o senhor se tenha compadecido de nós porque nós nos compadecemos dele.

Não voltaram a ver o cão desconhecido. Talvez fosse um pobre cão perdido e a comida que Alice lhe dera lhe tivesse dado forças suficientes para reencontrar o caminho de casa.

86 87

14 - TOSQUIA

Os pastos e os prados estavam todos aveludados com erva verde e o tempo estava quente. Era altura de tosquiar o rebanho.

Numa manhã de sol, Pierre e Louis foram com Almanzo ao pasto e conduziram o rebanho para o cercado da lavagem. O comprido cercado ia da pastagem ervosa até à água clara e funda do rio das Trutas. Tinha duas cancelas que abriam para a pastagem e entre as cancelas uma vedação curta, que ia até à beira da água.

Pierre e Louis impediram o rebanho de fugir, enquanto Almanzo agarrava um animal lanoso e o empurrava por uma das cancelas. No cercado, o pai e John Preguiçoso apanharam-no.

Dpois Almanzo agarrou outro, empurrou-o e Royal e Joe Francês apanharam-no. Os outros olhavam e baliavam, enquanto os dois se debatiam, escoicinhavam e berravam. Mas os homens esfregaram-lhes a lã com muito sabão mole castanho e arrastaram-nos para dentro de água funda.

Aí os animais tinham de nadar. Os homens, metidos na água rápida até à cintura, seguraram-nos e esfregaram-nos bem. A sujidade saiu-lhes toda da lã e flutuou pelo rio abaixo, de mistura com a espuma do sabão.

Ao ver tal coisa, o resto do rebanho desatou todo a balir:

ccMéé-méé! "Méé-méé!", e a querer fugir. Mas Almanzo, Pierre e Louis correram aos gritos à sua volta e obrigaram-no a voltar para a cancela.

Assim que uma ovelha ou um carneiro estava lavado, os homens obrigavam-no a nadar à volta da extremidade da vedação e enxotavam-no pela margem acima, para o lado exterior do cercado.

Os pobres animais saíam a balir e a pingar, mas o sol não tardava a secá-los e a deixá-los felpudos e brancos.

Assim que os homens largavam um animal, Almanzo empurrava-o pela cancela e eles apanhavam-no, ensaboavam-no e arrastavam-no para o rio.

Lavar ovelhas era divertido para todos menos para elas. Os homens chapinhavam, gritavam e riam na água e os rapazes corriam e aterravam no pasto. O sol aquecia-lhes as costas e sentiam a erva debaixo dos pés. O seu riso soava baixo no grande e agradável silêncio dos campos verdes e dos prados.

Um carneiro deu uma marrada a John e ele caiu e a água passou-lhe por cima da cabeça. Joe gritou:

- Se tivesses sabão na lã, John, estavas pronto para ser tosquiado!

Quando entardeceu, o rebanho estava todo lavado. Limpos, felpudos e brancos, os animais espalharam-se pela encosta a morder erva. A pastagem parecia um grande arbusto de bola-de-neve em flor.

Na manhã seguinte, John chegou antes do pequeno-almoço e o pai disse a Almanzo que comesse depressa. O rapaz pegou numa fatia de tarte de maçã e foi para o pasto, a aspirar o cheiro do trevo e a comer as gostosas fatias de maçã e a crosta estaladiça em grandes dentadas. Lambeu os dedos e depois reuniu o rebanho e conduziu-o, através da erva orvalhada, para o redil do estábulo do sul.

O pai limpou o redil e construiu uma plataforma através de uma das extremidades. Ele e John Preguiçoso agarrava cada qual no seu carneiro ou na sua ovelha, punha-o na plataforma e começava a cortar-lhe a lã com uma grande tesoura. O velo grosso e branco ia caindo para trás, todo inteiro, e os animais ficavam com a pele rosada à mostra.

Com o último clic da tesoura, o velo caía inteiro na plataforma e o animal tosquiado saltava para o chão, a balir:

"Méé-cé-éé!" Todos os outros baliavam também, perante o espectáculo, mas o pai e John já estavam a tosquiar mais dois.

Royal enrolava o velo muito bem apertado e atava-o com cordel, e Almanzo levava-o para cima e punha-o no chão do sótão. Corria para cima e para baixo o mais depressa que podia, mas encontrava sempre outro velo à sua espera.

O pai e John Preguiçoso eram bons tosquiadores. As suas tesouras compridas infiltravam-se na lã, clic-clic, velozes como relâmpagos: cortavam rente à pele, mas nunca a cortavam.

Era uma coisa difícil de conseguir, porque o rebanho do pai era de bons merinos.

88 89

Os merinos têm a melhor lã, mas a pele, por baixo, forma rugas fundas e é difícil cortar a lã toda sem atingir a pele.

Almanzo trabalhava depressa, a levar os velos para cima. E tão pesados que só podia levar um de cada vez. Não queria preguiçar, mas quando viu a gata listada passar a correr com um rato, percebeu que o levava para os seus novos gatinhos.

Correu atrás dela e, longe, debaixo das telhas do estábulo grande encontrou o pequeno ninho no feno, com quatro gatinhos.

A gata listada enroscou-se à volta dos filhos, a ronronar alto e com as fendinhas pretas dos olhos a alargarem e estreitarem e a alargarem de novo. A boca pequenina e rosada dos gatinhos emitia miaus fracos. As suas patinhas sem pêlo tinham três unhas e os seus olhos estavam fechados.

Quando voltou ao redil esperavam-no seis velos e o pai disse-lhe severamente:

- Filho, agora vê se nos acompanhas e não ficas para trás.

- Sim, pai - respondeu Almanzo, a apressar-se.

ouviu John Preguiçoso dizer:

- Ele não consegue acompanhar-nos. Acabaremos antes dele.

E o pai riu-se e concordou:

- Pois não, John, ele não nos pode acompanhar.

Almanzo decidiu que havia de lhes mostrar se podia ou não.

Se se apressasse, poderia acompanhá-los. Antes do almoço, já apanhara Royal e teve de esperar que ele atasse um velo. Por isso, disse:

- Como vêem, posso acompanhá-los!

- Oh, não podes, não! - afirmou John. - Nós vencemos-te, acabaremos antes de ti. Verás.

E riram-se todos de Almanzo.

Estavam a rir quando ouviram a corneta do almoço. O pai e John acabaram de tosquiar os animais que tinham na mão e foram para casa. Royal amarrou o último velo e saiu e Almanzo ainda teve de o levar para cima. Compreendeu então o que eles tinham querido dizer. Mas pensou:

"Não os deixarei vencer-me." Arranjou uma corda curta e atou-a à volta de uma ovelha por tosquiar. Levou o animal para a escada e, passo a passo, foi-o empurrando e puxando para cima. A ovelha não parou de balir, mas ele conseguiu

levá-la para o sótão. Amarrou-a perto dos velos e deu-lhe um pouco de feno, para que se calasse, e foi almoçar.

John Preguiçoso e Royal levaram a tarde a dizer-lhe que se despachasse, se não queria que o vencessem. Almanzo respondia:

- Não vencerão. Posso acompanhá-los.

E eles riam-se dele.

Pegava nos velos assim que Royal os atava e corria pela escada acima e pela escada abaixo. Eles riam-se, ao vê-lo apressar-se, e insistiam:

- Oh, não nos vencerás! Nós acabaremos primeiro!

Pouco antes da hora de tratar dos animais, John e o pai apressaram-se a tosquiar as duas últimas ovelhas. O pai acabou primeiro e Almanzo correu com o velo para o sótão e voltou antes de o último estar pronto. Royal atou-o e depois disse:

- Acabámos! Vencemos-te, Almanzo! Vencemos-te!

Royal e John deram uma grande gargalhada e até o pai se riu.

Foi então que Almanzo disse:

- Não me venceram, não. Tenho lá em cima um velo que ainda não tosquiaram.

90 91

Deixaram de rir, surpreendidos. Nesse mesmo instante, a ovelha do sótão, ao ouvir as companheiras saírem todas para o pasto, baliu: "Méé-éé!"

- Lá está o velo! - gritou Almanzo. - Levei-o para cima e vocês não o tosquiaram! Venci-os! Venci-os!

John e Royal tinham uma cara tão aparvalhada que ele não pôde parar de rir. O pai também parecia rebentar de riso.

- O riso é à tua custa, John! - gritou o pai. - O último a rir é que ri melhor!

92

15 - ONDA DE FRIO

Foi uma Primavera tardia e fria. Os dias nasciam gelados e ao meio-dia o Sol estava frio. As folhas das árvores cresciam devagarinho e as ervilhas e o feijão, as cenouras e o milho, esperavam pelo calor e não se desenvolviam.

Quando o aperto do trabalho da Primavera terminou, Almanzo teve de ir outra vez à escola. Só crianças pequenas frequentavam o período primaveril da escola e ele tinha pena de não ter idade suficiente para ficar em casa. Não gostava de estar sentado a estudar num livro quando havia tantas coisas interessantes que fazer.

O pai levou os velos à máquina de cardar de Malone e regressou a casa com os compridos rolos de lã macia, penteada e fina. A mãe já não cardava a sua lã, pois havia uma máquina que fazia isso mediante uma certa quantidade da lã a cardar.

Mas tingia-a.

Alice e Elisa Jane apanhavam raízes e cascas de árvores na floresta e Royal fazia grandes fogueiras no pátio. Ferviam as raízes e os pedaços de casca de árvores em enormes caldeirões, nas fogueiras, e mergulhavam neles as grandes meadas de fio de lã que a mãe fiara. Mergulhavam-nas e retiravam-nas, enfiadas num pau e tingidas de castanho, encarnado e azul. Quando Almanzo chegava da escola, as ordas da roupa estavam cheias de meadas de lã coloridas.

A mãe também andava a fazer sabão mole. Tinham guardado todas as cinzas do Inverno numa barrica e agora deitavam-lhes água em cima e pelo buraco do fundo da barrica saía a barrela.

A mãe mediu a barrela, deitou-a num caldeirão e juntou couratos de porco e todos os restos de gordura de porco e de vaca que guardara durante o Inverno. O caldeirão ferveu e a barrela junta com a gordura fez o sabão.

Almanzo podia tomar conta das fogueiras, podia tirar o sabão viscoso e castanho do caldeirão e enchido os alguidares com ele. Não tinha de ir à escola.

Olhou ansiosamente para a Lua, pois em Maio, quando não houvesse Lua, poderia faltar à escola e semear abóboras.

Quando essa altura chegou, no frio da manhãzinha, atou à cintura uma bolsa cheia de sementes de abóbora e foi para o milharal. Um fino véu verde de ervas cobria o campo escuro. As pequenas folhas do milho não estavam a crescer bem, por causa do frio.

Pé de milho sim, pé de milho não, e carreiro sim, carreiro não, Almanzo ajoelhava e tirava da bolsa, entre o indicador e o polegar uma semente fina e achatada de abóbora. Enterrava a semente na terra, com a ponta aguçada para baixo.

Ao princípio, estava muito frio. Mas em breve o Sol começou subir e aqueceu. O ar e a terra cheiravam bem e era divertido enterrar o polegar e o indicador no solo macio e deixar lá a semente, para que germinasse.

Foi trabalhando dia após dia, até todas as sementes estarem na terra, e depois pediu que o deixassem mondar e desbastar as cenouras. Tirou todas as ervas dos compridos carreiros e, em seguida, agarrou a pequena rama das cenouras e foi desbastando, até ficarem afastadas 5 centímetros umas das outras.

Não se apressou. Nunca ninguém tivera tais cuidados com as cenouras como ele teve, porque não queria voltar para a escola. Fez o trabalho durar, até já só haver três dias de aulas. Depois o período da Primavera terminou e ele pôde trabalhar todo o Verão.

Primeiro ajudou a mondar e sachar o milharal. O pai passou o arado entre os carreiros e Royal e Almanzo, munidos de sachos mataram todas as ervas daninhas que restavam e sacharam à volta de cada pé de milho. As sacholas subiam e desciam todo o dia, à roda das tenras plantas de milho e das primeiras duas folhas espalmadas das abóboras.

Era época dos morangos. Os morangos silvestres eram poucos nesse ano, e tardios, porque a geada matara as primeiras flores. Almanzo tinha de se embrenhar muito na floresta para encher o balde das pequenas, doces e perfumadas bagas. Quando as encontrava em cachos debaixo das folhas verdes, não resistia à tentação de comer alguns. Também comia os rebentozinhos de gaultéria, que arrancava. E mordiscava os caules agriçados das azedinhas, até às frágeis flores cor de alfazema. Parava para afugentar, com pedras, os esquilos brincalhões e deixava o balde à beira de regatos e metia-se pela água, atrás dos peixinhos. Mas nunca regressava a casa sem o balde cheio. Nesse dia comiam morangos e natas ao jantar e no seguinte a mãe ia fazer compotas dos frutos.

- Nunca vi o milho crescer tão devagar - observava o pai, preocupado. Voltou a arar o campo e mais uma vez Almanzo ajudou Royal a sachar o milho. Mas os pequenos pés não se desenvolviam. No dia 1 de Julho tinham apenas 10 centímetros de altura. Pareciam pressentir um perigo e ter medo de crescer.

Faltavam três dias para o Dia da Independência, o 4 de Julho. Depois faltavam dois. Depois faltava só um e, nessa noite, Almanzo teve de tomar banho, embora não fosse sábado:

na manhã seguinte iriam todos aos festejos, em Malone. Almanzo estava ansioso que chegasse a manhã. Haveria uma banda, discursos e o canhão de bronze dispararia.

Nessa noite o ar estava parado e frio e as estrelas pareciam de Inverno. Depois do jantar, o pai voltou para os estábulos. Fechou as portas e as janelinhas de madeira das baias dos cavalos e meteu as ovelhas com crias no redil.

Quando voltou, a mãe perguntou-lhe se estava mais calor e o pai abanou a cabeça.

- Tenho a impressão que vai gelar - disse.

- Ora, certamente que não! - respondeu a mãe, mas também ela estava preocupada.

Durante a noite, Almanzo teve frio, mas estava tão ensonado que não foi buscar mais roupa. Nisto, ouviu a mãe chamar:

- Royal! Almanzo! - O sono era tanto que Almanzo não abriu os olhos. -

Levantem-se, filhos! Depressa! - chamou a mãe. - O milho está gelado!

Saltou da cama e enfiou as calças. Não conseguia manter os olhos abertos, as mãos atarantadas não o ajudavam e bocejava tanto que quase se deslocava o queixo. Desceu, cambaleante, atrás de Royal. A mãe, Elisa Jane e Alice punham os capuzes e os xailes. A cozinha estava fria e o lume não tinha sido aceso. Fora de casa tinha tud um ar estranho. A erva estava branca de geada e havia uma faixa fulva e verde no céu do lado oriental.. Mas o ar estava escuro.

O pai atrelou a Bess e a Beleza à carroça e Royal foi para a bomba da água e encheu a calha de regar. Almanzo ajudou a mãe e as irmãs a levar baldes e tinas e o pai pôs barris na carroça. Encheram as tinas e os barris de água e seguiram atrás da carroça para o milharal.

O milho estava todo gelado. As pequenas folhas estavam rígidas e partiam-se se lhes tocavam. Só a água fria salvaria a vida ao milho. Tinham de regar cada pé antes de o Sol lhe tocar, pois de contrário as pequenas plantas morreriam e não haveria colheita de milho nesse ano.

A carroça parou no princípio do campo. O pai, a mãe, Elisa Jane, Alice e Almanzo encheram os baldes de água e começaram todos a trabalhar o mais depressa que podiam.

Almanzo tentava apressar-se, mas o balde era pesado e as suas pernas curtas. Tinha os dedos molhados e muito frios, o balde entornava-lhe água para as pernas e tinha um sono incrível. Mas lá foi andando como pôde ao longo dos carreiros e deitando uma pinga de água nas folhas geladas, em cada pé de milho.

O campo parecia enorme. Havia milhares e milhares de pés de milho. Almanzo começou a sentir fome, mas não podia parar e queixar-se. Tinha de andar depressa, mais depressa, mais depressa, para salvar o milho.

A faixa verde do lado oriental tornou-se rosada. A luz aumentava de momento a momento. Ao princípio, a escuridão fora como uma névoa sobre o campo infundável, mas agora Almanzo já podia ver o fim dos compridos carreiros. Tentou trabalhar mais depressa.

Num instante, a terra passou de preta a cinzenta. O sol vinha aí, para matar o milho.

Almanzo foi a correr encher o balde e voltou para o carreiro a correr. E a correr foi salpicando de água os pés de milho. Doíam-lhe os ombros e os braços e tinha uma pontada nas costas. A terra macia agarrava-se-lhe aos pés. Sentia uma fome terrível. Mas cada salpicadela de água salvava um pé de milho.

A luz cinzenta, o milho começava a projectar leves sombras. De repente, um sol pálido alastrou pelo campo.

- Continuem! - gritou o pai, e eles continuaram, não pararam.

Mas, pouco depois, o pai desistiu:

- Não vale a pena! - disse-lhes; nada salvaria o milho depois de o sol lhe tocar.

Almanzo pousou o balde e endireitou-se, para aliviar a dor das costas. Ficou parado, a olhar para o milho. Os outros fizeram o mesmo, em silêncio. Tinham regado quase hectare e meio. Meio hectare não tinha levado água. Estava perdido.

Almanzo regressou à carroça e subiu para ela. O pai disse:

- Demos graças por termos salvo a maior parte da sementeira.
Voltaram, sonolentos, aos estábulos. Almanzo ainda não estava completamente acordado e, além disso, estava cansado e tinha frio e fome.. As suas mãos mostraram-se desajeitadas, a tratar dos animais. Mas a maior parte do milho estava salva.

96 97

16 - DIA DA INDEPENDÊNCIA

Só quando estava a tomar o pequeno-almoço Almanzo se lembrou de que era o 4 de Julho. Sentiu-se mais animado.

Era como se fosse domingo de manhã. Depois do pequeno-almoço, lavou a cara com sabão mole -esfregou-a até a deixar a brilhar- e abriu um risco ao meio no cabelo húmido e penteou-o para baixo. Vestiu as calças cinzentas, de fazenda de lã, a sua camisa de fazenda estampada francesa, o colete e o casaco curto.

A mãe fizera-lhe o fato novo à moda: o casaco abotoava-se no pescoço com uma presilha de pano e depois os dois lados iam abrindo, para deixar o colete à vista, e arredondavam por cima das algibeiras das calças.

Pôs o chapéu de palha, que a mãe fizera de palha de aveia entrançada, e ficou pronto para o Dia da Independência.
Sentia-se muito elegante.

Os reluzentes cavalos do pai foram atrelados à impecável carruagem de rodas encarnadas e lá partiram todos, sob o sol frio. Havia em toda a região um ar de festa. Não estava ninguém a trabalhar nos campos e as pessoas dirigiam-se nos seus veículos para a cidade, com as roupas domingueiras.

Os cavalos velozes do pai ultrapassaram todos os outros.
Passaram por carroções, carroças e carruagens. Passaram por cavalos cinzentos, cavalos pretos e cavalos cinzentos malhados. Almanzo agitava o chapéu sempre que ultrapassavam alguém conhecido. Ter-se-ia sentido perfeitamente feliz se fosse ele a conduzir aquela bonita e veloz parelha. Nos abrigos da igreja de Malone ajudou o pai a desatrear os cavalos. A mãe, as irmãs e Royal afastaram-se, apressados, mas Almanzo preferia ajudar a tratar dos cavalos a tudo o mais. Não podia conduzi-los, mas podia atar-lhes as bridas, afivelar-lhes os cobertores, afagar-lhes o focinho macio e dar-lhes feno. Depois percorreu com o pai os passeios cheios de gente. Todas as lojas estavam fechadas, mas havia senhoras e senhores a passear para trás e para diante e a conversar. Meninas de vestidos aos folhos passavam de sombrinha e todos os rapazes estavam vestidos a rigor, como Almanzo. Havia bandeiras por toda a parte e no Largo a banda tocava o «Ianqui Duddle». Apitavam pífaros e flautas e os tambores faziam ouvir o seu rataplão.

Ianqui Duddle foi à cidade
Montado num alazão,
Pôs uma pena no chapéu
E chamou-lhe macarrão!

Até os adultos obedeciam ao compasso da música. E mais adiante, ao canto do Largo, estavam os dois canhões de bronze!

O Largo não era bem quadrado, pois a via férrea deixava-lhe só três cantos. Mas nem por isso deixava de ser o Largo, como toda a gente lhe chamava. Estava vedado e crescia erva no chão. Havia filas de bancos, na erva, e as pessoas passavam por entre os bancos e sentavam-se como na igreja.

Almanzo foi com o pai para um dos melhores lugares da frente. Todos os homens importantes pararam para apertar a mão ao pai. Continuou a chegar gente até os

lugares estarem todos ocupados, mas mesmo assim havia pessoas do lado de fora da vedação.

A banda parou de tocar e o sacerdote rezou. Depois a banda afinou os instrumentos e toda a gente se levantou. Homens e rapazes tiraram o chapéu, a banda tocou e toda a gente cantou:

Oh, conseguis ver à ténue luz da alvorada
O que tão orgulhosamente saudámos à última
claridade do crepúsculo
E cujas largas riscas e brilhantes estrelas
ao longo da noite perigosa,
Por cima das ameias que guardávamos,
tão galhardamente ondulam?

98 99

No topo do mastro, recortada no céu azul, a bandeira das estrelas e das riscas ondulava. Toda a gente olhava para a bandeira americana, e Almanzo cantava com toda a sua força.

Depois sentaram-se todos e um congressista levantou-se, no estrado. Lenta e solenemente, leu a Declaração de Independência:

- "Quando no decurso dos acontecimentos humanos se torna necessário a um povo... assumir entre as nações da Terra o lugar sagrado e igual... Consideramos verdades evidentes por si próprias que todos os homens foram criados iguais..."

Almanzo sentia-se solene e muito orgulhoso.

A seguir, dois homens pronunciaram compridos discursos políticos. Um defendia tarifas elevadas; outro defendia o comércio livre. Todos os adultos escutavam com atenção, mas Almanzo não compreendia muito bem os discursos e começava a ter fome. Ficou contente quando a banda tocou de novo.

A música era muito alegre e os músicos, vestidos de azul e encarnado e com botões dourados, tocavam alegremente, enquanto o homem gordo do tambor manjava energicamente as baquetas.

Todas as bandeiras ondulavam e estavam todos felizes, porque eram livres e independentes e aquele era o Dia da Independência. E eram horas de comer.

Almanzo ajudou o pai a dar de comer aos cavalos, enquanto a mãe e as irmãs tiravam dos cestos o almoço de piquenique, na erva do pátio da igreja. Muita gente fazia o mesmo, no mesmo sítio. Depois de comer tudo quanto pôde, Almanzo voltou para o Largo. Havia uma tenda que vendia limonada, junto dos postes de prender os cavalos. Um homem vendia limonada cor-de-rosa a um níquel o copo e estava rodeado por uma multidão de rapazes da cidade. O primo Frank também lá estava. Almanzo bebeu água na bomba da cidade, mas Frank disse que ia comprar limonada.

Tinha um níquel.

100 101

Dirigiu-se à tenda, comprou um copo de limonada cor-de-rosa e bebeu devagar. Estalou os lábios, esfregou o estômago e exclamou:

- Mmmmm, que delícia! Porque não compras também?

- Onde arranjaste o níquel? - perguntou-Lhe Almanzo, que nunca tivera um níquel. O pai dava-lhe um cêntimo todos os domingos, para deitar na caixa das esmolas da igreja, e ele nunca tivera outro dinheiro.

- Deu-mo o meu pai - respondeu Frank, gabarolas. - O meu pai dá-me um níquel sempre que lhe peço.

- Bem, o meu pai também me daria, se eu Lhe pedisse - redarguiu Almanzo.

- Então porque não lhe pedes?

Frank não acreditava que o pai de Almanzo lhe desse um níquel. Almanzo não sabia se daria ou não.

- Porque não quero - respondeu.

- Ele não to daria - troçou Frank.

- Daria, sim.

- Desafio-te a pedir-lho - insistiu Frank; os outros rapazes estavam a ouvir e Almanzo meteu as mãos nas algibeiras e replicou:

- Pedia-lho já, se quisesse.

- Ora, estás com medo! - troçou Frank. - Repito o desafio!

Repito o desafio!

O pai estava a pouca distância, na rua, a conversar com o Sr. Paddock, o construtor de carros. Almanzo caminhou na sua direcção, devagar. Sentia-se sem coragem, mas tinha de ir.

Quanto mais se aproximava do pai, tanto mais receava pedir-lhe o níquel: Nunca, até àquele momento, pensara em fazer semelhante coisa. Tinha a certeza de que o pai não Lho daria.

Esperou que o pai acabasse de falar e olhasse para ele.

- Que é, filho?

Almanzo estava assustado.

- Pai...

- Então, filho?

- Pai, dava-me... dava-me... um níquel?

Ficou especado, enquanto o pai e o Sr. Paddock o olhavam, e desejou poder ir-se embora. Por fim, o pai perguntou:

- Para quê?

Almanzo olhou para os mocassins e murmurou:

- O Frank tinha um níquel e comprou limonada cor-de-rosa.

- Bem - disse o pai, devagar-, - se o Frank te ofereceu, acho justo que lhe retribuas. - O pai levou a mão à algibeira, mas depois interrompeu o gesto e perguntou: - O Frank ofereceu-te limonada?

Almanzo desejava tanto o níquel que acenou com a cabeça. Mas arrependeu-se logo e respondeu:

- Não, pai.

O pai olhou-o demoradamente. Depois tirou a carteira, abriu-a e, devagar, extraiu um grande meio dólar de prata.

- Almanzo, sabes o que isto é? - perguntou.

- Meio dólar - respondeu Almanzo.

- Claro. Mas sabes o que meio dólar é, realmente?

Almanzo só sabia que era meio dólar, mais nada.

- É trabalho, filho. O dinheiro é isso: trabalho, trabalho duro.

O Sr. Paddock soltou uma pequena gargalhada.

- O rapaz é ainda muito novo, Wilder - observou. - Não pode levar um garoto a compreender isso.

- Ele é mais esperto do que imagina - disse o pai.

Almanzo não compreendia nada e só desejava poder ir-se embora. Mas o Sr. Paddock estava a olhar para o pai exactamente como Frank olhara para ele quando o desafiara, e o pai tinha dito que Almanzo era esperto. Por isso, Almanzo tentou parecer um rapaz esperto.

- Sabes cultivar batatas, filho?

- Sei, sim, pai.

- Digamos que tens uma batata de semente na Primavera. Que lhe fazes?

- Corta-se.

- Continua, filho.

- Depois alisa-se... primeiro estruma-se e lavra-se o campo e depois é que se alisa e marca. Então plantam-se as batatas, mondam-se e sacham-se. Mondam-se e sacham-se as batatas duas vezes.

- Exactamente, filho. E depois?

- Depois colhem-se e põem-se na cave.

- Isso mesmo. Colhem-se durante todo o Inverno, tiram-se as pequenas e as podres e, chegada a Primavera, carregam-se e trazem-se aqui, a Malone, e vendem-

se. Quando se consegue um bom preço, filho, com quanto se fica por todo esse trabalho?

Quanto se obtém por meio alqueire de batatas?

- Meio dólar - respondeu Almanzo.

- Claro. É isso que está neste meio dólar, Almanzo: o trabalho de cultivar meio alqueire de batatas.

102 103

Almanzo olhou para a moeda redonda que o pai segurava. parecia-lhe pequena, comparada com todo aquele trabalho.

- Podes ficar com ela, Almanzo. - O rapaz quase não queria acreditar no que ouvira: o pai dera-lhe o pesado meio dólar. - O dinheiro é teu. Poderás comprar com ele uma porquinha, se quiseres: Depois crias a porquinha e ela terá uma ninhada de porcos que renderão 4 ou 5 dólares cada um. Mas também podes trocar o meio dólar por limonada e bebê-la. Podes fazer como quiseres porque o dinheiro é teu.

Almanzo esqueceu-se de dizer obrigado. Olhou um momento para a moeda e depois meteu-a na algibeira e voltou para junto dos rapazes que estavam na tenda da limonada. O homem apregoava:

- Venham cá, venham cá! Limonada gelada, limonada cor-de-rosa, só por 5 cêntimos o copo! Só 5 cêntimos, limonada cor-de-rosa geladinha! A vigésima parte de um dólar, apenas!

- Onde está o níquel? - perguntou Frank a Almanzo.

- Ele não me deu um níquel - respondeu Almanzo, e o primo gritou:

- Eu bem te disse que ele não daria, eu bem te disse!

- Deu-me meio dólar - acrescentou Almanzo.

Os rapazes só acreditaram quando ele lhes mostrou a moeda.

Cercaram-no, à espera de que a gastasse. Mas ele limitou-se a mostrar-lha e depois voltou a guardá-la na algibeira e disse:

- Vou dar por aí uma volta e comprar uma boa porquinha.

A banda começou a descer a rua e correram todos atrás dela.

À frente ondulava a bandeira, gloriosamente, depois vinham os corneteiros a tocar corneta, os tocadores de pífaro a tocar pífaro e o homem do tambor a bater com as baquetas no tambor.

A banda subiu e desceu a rua com todos os rapazes atrás e depois parou no largo, junto dos canhões de bronze.

Assentes nas suas carretas, os canhões apontavam os canos compridos para o ar. A banda continuou a tocar, enquanto dois homens gritavam: "Cheguem-se para trás! Cheguem-se para trás!", e outros deitavam pólvora nos canos e empurravam-na para baixo com trapos enrolados em varetas compridas.

As varetas de ferro tinham dois cabos mediante os quais os homens empurravam e puxavam, para que a pólvora fosse bem para baixo nos canos de bronze. Depois todos os rapazes foram a correr arrancar erva ao longo dos carris da via férrea, carregaram-na em braços para junto dos canhões e os homens meteram-na também nos canos e empurraram para baixo com as varetas compridas. Junto da linha ardia uma fogueira na qual estavam a aquecer outras compridas varetas de ferro. Quando toda a erva ficou bem comprimida contra a pólvora dos canhões, um homem deitou um pouco mais de pólvora na mão e, cuidadosamente, encheu os dois pequenos ouvidos (1) dos canos.

Toda a gente gritava:

- Cheguem-se para trás! Cheguem-se para trás!

A mãe pegou no braço de Almanzo e levou-o consigo. Ele protestou:

- Oh, mãe, só estão carregados com pólvora e ervas! Não me magoei, mãe.

Terei cuidado, palavra! - Mas mesmo assim ela obrigou-o a afastar-se dos canhões. Dois homens tiraram as compridas varetas de ferro da fogueira. Ficou toda a gente quieta, a observar. Afastando-se o mais que podiam dos canhões, os dois homens estenderam as varas e chegaram as duas pontas em brasa aos ouvidos dos canos. Ergueu-se da pólvora uma chamazinha parecida com a luz de uma vela.

Enquanto as duas chamazinhas brilharam, ninguém respirou. Nisto... BUM!
Os canhões saltaram para trás e o ar ficou cheio de erva a voar.
Almanzo correu com os outros rapazes, para apalpar o calor da boca dos canhões.
Toda a gente exclamava e se admirava do grande barulho que tinham feito.

- Foi esse barulho que pôs os casacas vermelhas (2) em fuga!
- Disse o Sr. Paddock ao pai de Almanzo.
- Talvez - admitiu o pai, a puxar a barba. - Mas foram os mosquetes que ganharam a Revolução... e não se esqueça de que foram os machados e os arados que fizeram este país.

- Tem razão, pensando bem - concordou o Sr. Paddock.
O Dia da Independência terminara. Os canhões tinham disparado e não havia mais que fazer além de atrelar os cavalos e regressar a casa, para tratar dos animais. Nessa noite, quando levavam o leite para casa, Almanzo perguntou ao pai:

- Pai, como é que os machados e os arados fizeram este país?
- Nós não combatemos com a Inglaterra para isso?

*1 Nome dos buraquinhos pelos quais se comunica o fogo à carga das armas. (N da T.)

2 Nome dado aos soldados ingleses na guerra que as colónias inglesas da América do Norte travaram com a Inglaterra pela independência (1775-1783). (N. da T.)

104 105

- Nós combatemos pela independência, filho. Mas toda a terra que os nossos antepassados tinham era uma faixa de terreno, aqui, entre as montanhas e o oceano. Daqui para Oeste, era tudo território índio, espanhol, francês e inglês. Foram agricultores que ocuparam esse território todo e fizeram dele a América.

- Como? - perguntou Almanzo.
- Bem, filho, os espanhóis eram soldados e fidalgos arrogantes e poderosos, que só queriam ouro. E os franceses eram negociantes de peles, interessados em ganhar dinheiro depressa. E a Inglaterra andava atarefada a guerrear noutros lados. Mas nós éramos agricultores, filho, nós queríamos a terra. Foram lavradores que transpuseram as montanhas, desbravaram as terras, as povoaram e lavraram, e defenderam as suas quintas.

"Agora este país estende-se cerca de 5000 km para oeste.
Estend -se para lá do Cansas e do Grande Deserto Americano, passa por montanhas maiores do que estas e desce até ao oceano Pacífico. É a maior nação do mundo e foram os agricultores que se apoderaram de toda essa terra e fizeram dela a América, filho. Nunca te esqueças disso.

106

17 - VERÃO

O Sol já estava mais quente e todas as coisas verdes cresciam depressa. As folhas estreitas, altas e murmurantes do milho cresceram até à altura da cintura. O pai voltou a mondar o milharal e Royal e Almanzo voltaram a sachá-lo. Depois o milho foi deixado entregue a si próprio. Já obtivera uma vantagem tão grande sobre as ervas daninhas que se podia defender sozinho, sem mais ajuda. Os carreiros folhosos das batatas quase se tocavam e as suas flores brancas pareciam espuma no campo. A aveia ondulava, verde-cinzenta, e no

trigal começavam a aparecer pequenas espigas que cresceriam e se encheriam de grãos. Os prados tinham uma tonalidade rosa-púrpura, que lhes era dada pelas flores de que as abelhas mais gostavam. Agora o trabalho não era tão premente. Almanzo tinha tempo para limpar a horta de ervas daninhas e sachar o carreiro de plantas de batata que cultivara a partir de sementes. Plantara algumas sementes de batata só para ver o que dariam. E todas as manhãs «alimentava» a sua abóbora, para a Feira do Condado. O pai ensinara-lhe como se criava uma abóbora alimentada a leite. Tinham escolhido a melhor vide do campo e podado todos os ramos menos um e cortado todas as flores amarelas menos uma. Depois, entre a raiz e a aboborazinha verde, tinham dado um golpezinho, com todo o cuidado, do lado de baixo da vide. Almanzo abriu um buraco na terra, debaixo do golpe, e colocou lá uma caneca de leite. Depois meteu um pavio de vela no leite e introduziu cuidadosamente a ponta no golpezinho.

107

Todos os dias a vide bebia o leite todo da caneca, através do pavio, e a abóbora ia crescendo enormemente. Já tinha três vezes o tamanho de qualquer das outras do aboboral.

Almanzo também tinha o seu porquinho, ou melhor, a sua porquinha. Comprara-a com o meio dólar, tão pequenina que ao princípio a alimentara com um trapo molhado em leite. Mas a porquinha depressa aprendera a beber. Tinha-a numa pocilga à sombra, porque os porcos novos crescem melhor à sombra, e dava-lhe tudo quanto ela conseguia comer. Como a abóbora, a porquinha também crescia depressa.

E Almanzo não lhes ficava atrás, embora não crescesse tanto quanto desejaria. Bebia todo o leite que podia e às refeições enchia tanto o prato que não conseguia comer tudo. O pai olhava-o severamente, por deixar comida no prato, e perguntava-lhe:

- Que se passa, filho? Terás maiores olhos do que barriga?

Então Almanzo tentava comer mais um bocadinho. Não dizia a ninguém que andava a tentar crescer mais depressa para poder ajudar a adestrar os potros.

Todos os dias o pai tirava os potros de dois anos da cavalaria, um de cada vez, presos a uma corda comprida, e ensinava-os a arrancar e a parar quando ele mandava.

Ensinava-os a usar rédea e arreios e a não terem medo de nada.

Dentro em breve atrelaria um de cada vez com um cavalo velho e manso, para aprenderem a puxar o carro leve sem terem medo.

Mas não deixava Almanzo entrar no pátio, sequer, enquanto os treinava.

Almanzo tinha a certeza de que não os assustaria; não os ensinaria a assustarem-se, nem a empinarem-se, nem a tentarem fugir. Mas o pai não confiava num garoto de 9 anos.

Nesse ano, Beleza teve o potromais bonito que Almanzo vira.

Tinha uma estrela branca perfeita na testa e Almanzo pusera-lhe o nome de Estrelado. Corria no pasto com a égua mãe e uma vez, quando o pai foi à cidade, Almanzo foi ao prado.

Beleza levantou a cabeça e viu-o aproximár-se e o potrozinho escondeu-se atrás dela. Almanzo parou e ficou perfeitamente imóvel. Passados momentos, Estrelado espreitou-o, por baixo do pescoço da mãe. Almanzo não se mexeu. Pouco a pouco, o potro estendeu o pescoço na sua direcção, a olhá-lo com os olhos muito abertos cheios de admiração. Beleza passou-lhe o focinho pelo dorso e voltou a cauda; depois deu um passo e arrancou um bocado de erva. Estrelado estava imóvel, a tremer, a olhar para Almanzo. Beleza observava-os a ambos, enquanto mastigava pachorrentamente. O potro deu um passo e depois outro. Estava tão perto que Almanzo quase lhe podia tocar. Mas não tocou; não se mexeu. Estrelado aproximou-se um passo mais. Almanzo nem respirava, sequer. De súbito, o potro virou-se e voltou para junto da mãe. Almanzo ouviu Elisa Jane chamar:

- Ma-a-a-anzo!

Vira-o. Nessa noite a irmã contou ao pai. Almanzo afirmou que bess não tinha feito nada, palavra que não tinha. Mas o pai repreendeu-o:

- Eu que volte a saber que fazes das tuas com o potro e chego-te a roupa ao pêlo. É um animal tão bom que não o quero estragado. Não consinto que lhe ensines manhas que depois terei de lhe tirar.

Os dias de Verão tinham-se tornado compridos e quentes e a mãe dizia que era bom tempo para crescer. Mas Almanzo tinha a impressão de que tudo crescia menos ele. Os dias passavam, um por um, e parecia que nada mudava. Almanzo mondava e sachava a horta, ajudava a consertar as vedações de pedra, partia lenha e tratava dos animais. Nas tardes quentes, quando não havia muito que fazer, ia nadar.

Às vezes acordava de manhã e ouvia a chuva tamborilar no telhado. Isso significava que talvez fosse pescar com o pai.

Não se atrevia, no entanto, a sugerir-lhe que fossem pescar, pois não estava certo de poder desperdiçar tempo na ociosidade. Mesmo nos dias de forte chuva havia que fazer. O pai podia remendar os arreios, ou afiar as ferramentas, ou alisar as telhas. Almanzo comia o pequeno-almoço em silêncio, consciente de que o pai estava a lutar contra a tentação.

Receava que a consciência do pai levasse a melhor.

- Bem, que vais fazer hoje? - perguntava a mãe.

E o pai podia responder, devagar:

- Tencionava tratar das cenouras e consertar a cerca...

- Não podes fazer isso com esta chuva.

- Pois não - admitia o pai.

Depois do pequeno-almoço levantava-se e ficava parado, a olhar para a chuva, e por fim dizia:

- Bem, está muito húmido para trabalhar fora de casa. Que te parece irmos pescar, Almanzo?

Almanzo ia a correr buscar a enxada e a lata da isca e desenterrava minhocas, para servir de engodo. A chuva tamborilava no seu velho chapéu de palha, corria-lhe pelos braços e pelas costas abaixo e a lama passava-lhe, fria, por entre os dedos dos pés. Já estava todo encharcado quando ele e o pai pegavam nas canas e atravessavam a pastagem, a caminho do rio das Trutas.

108 109

Não havia nada que cheirasse tão bem como a chuva no trevo. Não havia nada que soubesse tão bem como pingos de chuva a cair na cara de Almanzo e a erva húmida a bater-lhe nas pernas. Não havia nada que soasse tão bem como a chuva a tamborilar nos arbustos ao longo do rio das Trutas e o ímpeto da água a correr sobre as rochas.

Avançaram silenciosamente ao longo da margem, sem fazer barulho, e lançaram os anzóis à água. O pai abrigou-se debaixo de uma cicuta e Almanzo sentou-se debaixo da tenda formada por ramos de cedro e ficou a ver os pingos de chuva esburacar a água.

De súbito, viu um relâmpago prateado no ar. O pai apanhou uma truta? O peixe deslizou e brilhou através da chuva, quando o pai o atirou para a margem ervosa. Almanzo deu um pulo e lembrou-se mesmo a tempo de não gritar.

Depois sentiu um puxão na sua linha, a ponta da cana dobrou-se quase até tocar na água e ele puxou-a para cima com toda a força. Um grande peixe cintilante subiu na ponta da linha!

Debatia-se e escorregou-lhe nas mãos, mas conseguiu tirá-la do anzol: uma bela truta mosqueada, ainda maior do que a do pai.

Levantou-a para o pai ver, e piscou de novo o anzol e lançou-o à água.

peixe pica sempre bem quando caem pingos de chuva no rio.

O pai pescou mais outra e a seguir Almanzo pescou mais duas; o pai pescou ainda mais duas e Almanzo pescou outra maior do que a primeira. Num instante, tinham duas enfiadas de boas trutas.

O pai admirou as de Almanzo e Almanzo admirou as do pai, e regressaram a casa, debaixo de chuva, pelo meio do trevo. Não podiam estar mais molhados, mas a sua

pele estava quente. À chuva, junto do cepo do machado e do monte de lenha, cortaram a cabeça às trutas, tiraram-lhe as escamas prateadas, abriram-nas e tiraram-lhes as tripas. A grande caçarola do leite ficou cheia de trutas, que a mãe envolveu em farinha de milho e fritou para o almoço.

- Esta tarde, o Almanzo pode ajudar-me a fazer manteiga - observou a mãe.

As vacas estavam a dar tanto leite que era preciso fazer manteiga várias vezes por semana. A mãe e as irmãs estavam cansadas de tanto baterem a manteiga e, por isso, nos dias chuvosos Almanzo tinha de se encarregar disso.

Na cave caiada de branco, o grande barril de madeira que servia de batedeira estava apoiado nas suas pernas quase meio de natas. Almanzo deu à manivela e a batedeira girou. No interior, as natas fizeram: "tig, splash, chãg, splash!" Almanzo tinha de continuar a bater até a nata se desfazer em grãos de manteiga a nadar em soro. Depois Almanzo bebia uma caneca de soro ácido e cremoso e comia biscoitos, enquanto a mãe tirava a manteiga granulosa e a lavava no alguidar de madeira. Lavava-a muito bem, até lhe extrair o soro coalhado, e depois salgava-a e comprimia a manteiga firme e dourada nas vasilhas apropriadas.

A pesca não era o único divertimento do Verão. Às vezes, numa noite de Julho, o pai dizia:

- Só trabalho e nenhum divertimento faz uma pessoa estúpida.

Amanhã vamos colher bagas.

Almanzo não dizia nada, mas por dentro gritava de alegria.

Antes de alvorecer, no dia seguinte, já iam todos a caminho, na carroça, com as suas roupas velhas e munidos de baldes e cestos - e de um grande cestó de piquenique, também, claro.

Penetravam muito nas montanhas perto do lago Chateaugay, onde cresciam diversas variedades de bagas silvestres de mirtilo. A floresta estava cheia de outras carroças e outras famílias, todas a colher bagas. Riam e cantavam e conversavam entre as árvores. Todos os anos ali encontravam amigos que não viam em qualquer outra ocasião.

110 111

Como andavam todos atarefados a colher bagas, conversavam enquanto trabalhavam.

Os arbustos frondosos e baixos cobriam o solo nos espaços abertos entre as árvores. Havia grandes cachos de bagas azuis debaixo das folhas e o ar quente e parado estava impregnado de um cheiro xaroposo.

Os pássaros também iam banquetear-se e o ar estava cheio do bater de asas. Gaios azuis, irritados, voavam baixo, rente à cabeça dos apanhadores, e pareciam ralhar-lhes. Uma vez, dois gaios azuis abicaram a touca de Alice e Almanzo teve de os enxotar. Noutra ocasião, ele andava a colher bagas sozinho e deparou-se-lhe um urso preto atrás de um cedro.

O urso estava parado, de pé, a encher a boca de bagas com ambas as patas peludas. Almanzo estacou e o urso também não se mexeu. O rapaz fitou o urso e o urso fitou o rapaz com os olhinhos pequenos, espetados, por cima das patas imóveis.

Depois o urso apoiou também as patas dianteiras no chão e desapareceu, pesado, entre as árvores.

Ao meio-dia os cestos do almoço abriram-se junto de uma nascente e toda a gente comia e conversava, à sombra. Depois bebiam água da nascente e voltavam a colher bagas. Ao princípio da tarde os cestos e os baldes estavam cheios e o pai conduzia a carroça, de regresso a casa. Estavam todos um bocadinho ensonados, impregnados de sol e a aspirar o cheirinho doce das bagas.

Durante dias, a mãe e as duas raparigas faziam geleias, doces e compotas e a todas as refeições havia tarte de baga azul ou pudim de mirtilo.

Certa noite, ao jantar, o pai disse:

- É altura de a mãe e eu termos umas férias. Estamos a pensar em passar uma semana em casa do tio Andrew. Acham que podem tomar conta das coisas, e comportar-se como deve ser, na nossa ausência?

- Tenho a certeza de que Elisa Jane e o Royal saberão tomar conta da casa durante uma semana - disse a mãe -, ajudados pela Alice e pelo Almanzo. Almanzo olhou para Alice e depois olharam ambos para Elisa Jane. E por fim olharam todos para o pai e responderam:
- Sim, pai.

112 113

De súbito, Almanzo atirou o boné ao ar e gritou. Alice envolveu-o nos próprios braços e perguntou:
- Que vamos fazer primeiro?
Podiam fazer tudo quanto quisessem. Não havia ninguém para proibir.
- Vamos lavar a louça e fazer as camas - disse Elisa Jane, como sempre autoritária.

114

18 - GOVERNANDO A CASA

O tio Andrew vivia a 15 km de distância. O pai e a mãe levaram uma semana a preparar-se para partirem, e durante esse tempo todo foram-se lembrando de coisas que teriam de ser feitas na sua ausência.

Já a subir para a carruagem, a mãe continuou a recomendar:
- Não se esqueçam de recolher os ovos todas as noites. Conto contigo, Elisa Jane, para te encarregares da manteiga. Não a salgues demasiado, coloca-a na vasilha pequena e não te esqueças de a cobrir. Não se esqueçam de apanhar os feijões e as ervilhas que tenho estado a reservar para semente. Portem-se todos bem na nossa ausência...

Enquanto falava, tentava arrumar o balão da saia no espaço à frente do banco. O pai estendia a manta.

- E tu, Elisa Jane, tem cuidado com o lume. Não saias de casa enquanto o fogão da cozinha estiver aceso e, vejam lá, nada de brincadeiras com velas acesas... E... - o pai puxou as rédeas e os cavalos partiram - ... não comam o açúcar todo!

A carruagem virou para a estrada e os cavalos começaram a trotar, levando num instante os pais para longe. Pouco depois, deixaram de ouvir as rodas da carruagem. O pai e a mãe tinham partido.

Ninguém disse nada. Até a própria Elisa Jane parecia um bocadinho assustada. A casa, os estábulos e os campos pareciam muito grandes e vazios. Durante uma semana inteira os pais estariam a 15 km de distância.

- Façamos sorvete! - gritou Royal. Elisa Jane adorava sorvete. Por isso, hesitou e disse:

- Bem...

Almanzo correu atrás do irmão para a casa do gelo. Tiraram um bloco de gelo da serradura e meteram-no num saco. Colocaram o saco no alpendre das traseiras e bateram-lhe com machadas até o gelo ficar esmagado. Alice saiu para os observar, enquanto batia claras de ovos num prato. Bateu-as com um garfo, até ficarem tão duras que não caíam quando inclinava o prato.

Elisa Jane mediu a quantidade necessária de leite e natas e tirou açúcar da barrica da despensa. Não se tratava do habitual açúcar de bordo, mas sim de açúcar branco, comprado no armazém. A mãe só o utilizava quando tinha visitas. Elisa Jane tirou seis púcaros e depois alisou o resto do açúcar. Quase não se notava que lhe tinham mexido.

Fez uma caçarola do leite cheia de pudim amarelo e depois meteram a caçarola num alguidar e colocaram a toda a volta, bem acamado, o gelo esmagado - com sal,

para evitar que se derretesse - e taparam tudo com um cobertor. Com intervalos de alguns minutos, tiravam o cobertor, destapavam a caçarola e mexiam o sorvete, que começava a gelar.

Quando estava gelado, Alice foi buscar pires e colheres e Almanzo trouxe um bolo e uma faca de trinchar. Cortou enormes fatias de bolo, enquanto Elisa Jane enchia os pires. Podiam comer o sorvete e o bolo que lhes apetecesse; ninguém lho impediria.

Ao meio-dia, tinham comido o bolo todo e quase todo o sorvete. Elisa Jane disse que eram horas de tratar do almoço, mas os outros não queriam almoçar. Almanzo declarou:

- Só quero uma melancia.

Alice saltou, toda contente, e exclamou:

- Que bom! Vamos arranjar uma!

- Alice! - chamou Elisa Jane. - Volta já para trás e lava a louça do pequeno-almoço!

115

- Está bem, eu lavo - respondeu-lhe Alice, de longe. - Quando voltar.

Alice e Almanzo foram ao quente campo das melancias, que viam por toda a parte por cima das folhas espalmadas e murchas do calor. Almanzo dava um piparote com o dedo na casca verde e es cutava. Quando uma melancia soava a madura, estava madura, e quando soava a verde, estava verde. Mas quando Almanzo dizia que uma melancia soava a madura, Alice achava que soava a verde. Não havia, realmente, nenhuma maneira segura de saber, embora Almanzo tivesse a certeza de que percebia mais de melancias do que qualquer rapariga. Por isso, acabaram por colher seis das maiores melancias e transportaram-nas, uma por uma, para a casa do gelo, onde as puseram na serradura húmida e fria.

Depois Alice foi para casa lavar a louça. Almanzo disse que não faria nada; talvez fosse nadar. Mas assim que Alice desapareceu, esgueirou-se para os estábulos e daí para a pastagem onde estavam os potros.

A pastagem era grande e o Sol estava muito quente. O ar brilhava e tremeluzia do calor e pequenos insectos zumbiam, ruidosamente. Bess e Beleza estavam deitadas à sombra de uma árvore e os seus potrozinhos encontravam-se perto delas, a sacudir a cauda pequena e peluda e com as pernas compridas e magras abertas e um pouco trémulas. Os potros de um ano, de dois anos e de três anos andavam a pastar. Levantaram todos a cabeça e olharam para Almanzo.

Ele aproximou-se devagarinho, de mão estendida. Não tinha nada na mão, mas eles não o sabiam. Não queria fazer nada, só desejava aproximar-se deles o suficiente para os afagar.

Estrelado e o outro potro pequeno correram, trémulos, para as mães, e Bess e Beleza levantaram a cabeça e depois deitaram-na de novo. Os potros crescidos arrebitaram todos as orelhas.

Um potro grande avançou na direcção de Almanzo, e depois outro... Os seis potros grandes começaram todos a aproximar-se. Almanzo lamentou não ter trazido cenouras para eles. Eram tão bonitos, tão livres e tão grandes, a sacudir a crina e a mostrar o branco dos olhos! O sol brilhava-lhes no pescoço forte e arqueado e nos músculos do peito. De súbito, um deles fez:

- Cluuuche!

Outro escoicinho, outro relinchou e, de repente, todos eles ergueram a cabeça e a cauda e os seus cascos bateram como trovoada no solo. Todos os quartos traseiros castanhos e todas as caudas pretas estavam voltadas para Almanzo. Com um turbilhão trovejante, os potros deram a volta à árvore e Almanzo ouviu-os atrás de si.

Girou nos calcanhares e viu os cascos levantados e os peitos fortes avançarem direito a ele. Corriam demasiado depressa, não havia tempo para se afastar do caminho. Almanzo fechou os olhos e gritou:

- Aí!

O ar e o solo estremeciam. Abriu os olhos e viu uns joelhos castanhos erguerem-se no ar, um ventre redondo e umas patas traseiras passarem-lhe velozmente por cima. Flancos castanhos passavam a seu lado, fulgurantes e velozes. O chapéu voou-lhe.

Sentiu-se atordoado. Um dos potros de três anos saltara-lhe por cima. Os potros galopavam através da pastagem, e Almanzo viu Royal aproximar-se.

- Deixa os potros em paz! - gritou Royal, que se aproximou e disse que, se não fosse por coisas, lhe daria uma tarefa de que não se esqueceria tão cedo. - Sabes muito bem que não podes meter-te com os potros!

Agarrou numa orelha do irmão. Almanzo bem trotou, mas sentiu a orelha puxada durante todo o caminho até aos estábulos.

Afirmou que não tinha feito nada, mas Royal não lhe deu ouvidos.

- Se volto a apanhar-te naquela pastagem, desanco-te - ameaçou Royal. - E digo ao pai!

Almanzo afastou-se, a esfregar a orelha. Desceu ao rio das Trutas e nadou no lugar apropriado até se sentir melhor. Mas achou que não era justo ser o mais novo da família.

Nessa tarde, quando as melancias já estavam frescas, Almanzo levou-as para a erva, debaixo da árvore do bálsamo do pátio.

Royal cravou a faca de trincar nas cascas verdes orvalhadas:

as melancias estavam todas tão maduras que as cascas estalaram e se abriram.

Almanzo, Alice, Elisa Jane e Royal morderam com gosto a polpa sumarenta e fresca das talhadas e comeram até não poderem mais. Almanzo entreteve-se a apanhar pevides pretas e escorregadias e a atirá-las a Elisa Jane, até ela lhe ordenar que acabasse com a brincadeira. Depois comeu devagar a última talhada de melancia e disse:

- Vou buscar a Lucy para comer as cascas.

- Não vais tal! - opôs-se Elisa Jane. - Não querem lá ver!

Trazer uma velha porca nojenta para o pátio da frente!

- Ela não é nem nojenta, nem velha! - protestou Almanzo. - Lucy é uma porquinha nova e asseada, e os porcos são os animais mais asseados que há! Só queria que viesses como a Lucy mantém a sua cama limpa, como a revolve e areja e faz de novo todos os dias.

116 117

Os cavalos não fazem isso, nem as vacas, nem os carneiros, nem nenhum animal! Os porcos...

- Acho que sei isso muito bem! - interrompeu-o Elisa Jane. - Acho que sei tanto de porcos como tu!

- Então não chames nojenta à Lucy! Ela é tão asseada como tu!

- Bem, a mãe disse-te que me obedecesses - ripostou a irmã.

- E eu não vou desperdiçar cascas de melancia dando-as a uma porca seja ela qual for! Vou aproveitá-las para conserva.

- Acho que as cascas de melancia são tanto minhas como tuas - começou Almanzo a protestar, mas Royal levantou-se e disse-lhe:

- Anda, Manzo, são horas de tratar dos animais.

Almanzo não disse mais nada, mas quando acabou de tratar dos animais tirou Lucy da pocilga. A porquinha era branca como cordeiro e gostava de Almanzo. O seu rabinho retorcido tremia quando o via. Seguiu-o até casa, a grunhir toda contente, e guinchou a chamá-lo, à porta, até Elisa Jane dizer que já nem ouvia os próprios pensamentos.

Depois do jantar, Almanzo pegou num prato de restos e deu-os a Lucy. Sentou-se nos degraus das traseiras, a coçar-lhe as costas cerdosas, que é uma coisa de que os porcos gostam. Na cozinha, Elisa Jane e Royal discutiam a respeito de caramelo.

Royal queria caramelo, mas a irmã dizia que isso era só para as noites de Inverno. Royal afirmou não compreender por que razão não havia o caramelo de

ser tão bom no Verão como no Inverno. Almanzo, que era da mesma opinião, entrou em casa e defendeu o ponto de vista do irmão.

Alice disse que sabia fazer caramelo. Elisa Jane recusava-se a fazê-lo, mas Alice misturou açúcar, melaço e água, ferveu e depois deitou o caramelo em pires amanteigados e pô-los no alpendre a arrefecer. Os outros - incluindo Elisa Jane - arregaçaram as mangas e puseram manteiga nas mãos, prontos «para puxar» o caramelo.

Entretanto, Lucy guinchava, a chamar Almanzo. O rapaz foi ao alpendre ver se o caramelo já estava suficientemente frio, e pensou que a sua porquinha também tinha o direito a comer algum. O caramelo estava frio. Como ninguém estava a ver, tirou um bom bocado da pasta mole e castanha e atirou-o, por cima da aresta do alpendre, para a boca escancarada de Lucy.

Depois foram todos puxar caramelo. Puxaram-no em tiras compridas, dobraram-nas e puxavam de novo. Cada vez que dobravam, comiam um bocado.

Era muito pegajoso. Pegava-se-lhes aos dentes, aos dedos e à cara, e até, sabia-se lá como, ao cabelo - e um bocado que Almanzo deixou cair pegou-se mesmo ao chão. Devia ter-se tornado duro e quebradiço, mas não tornou. Puxaram e tornaram a puxar, mas o caramelo continuou mole e pegajoso. Muito depois de ter passado a hora de se deitarem, desistiram e foram dormir.

Na manhã seguinte, quando Almanzo começou a tratar dos animais, Lucy estava parada no pátio, de rabinho murcho pendente e cabeça caída. Não guinchou, quando viu o dono:

abanou a cabeça tristemente e franziu o focinho.

Foi então que ele viu que, no lugar onde deveriam estar os dentes, estava uma coisa castanha.

Os dentes de Lucy estavam pegados com caramelo! Não podia comer, não podia beber, não podia grunhir e nem sequer podia guinchar. Mas quando viu Almanzo aproximar-se, fugiu.

Almanzo chamou Royal. Correram atrás de Lucy à volta da casa, debaixo dos arbustos de bola-de-neve e debaixo dos lilases. Perseguiram-na pela horta toda. Lucy fintava,

118 119

esquivava-se, encolhia-se e corria como se o Demónio a perseguisse. Mas sem emitir ruído. Não podia: tinha a boca cheia de caramelo.

Correu pelo meio das pernas de Royal e desequilibrou-se.

Almanzo esteve quase a agarrá-la, mas estatelou-se ao comprido. Passou velozmente através das ervilhas, esborrachou os tomates maduros e desenraizou os repolhos. Elisa Jane não se cansava de dizer aos irmãos que a agarrassem. Alice juntou-se aos perseguidores.

Por fim, encurralaram-na. Mesmo assim, ela tentou esquivar-se à volta da saia de Alice, mas Almanzo caiu-lhe em cima e agarrou-á: Lucy debateu-se e rasgou-lhe a frente da blusa.

Almanzo susteve-a e Alice agarrou-lhe as patas de trás, que não paravam de escoicinhar. Royal abriu-lhe a boca à força e raspou o caramelo. Como Lucy gritou, então! Deu todos os guinchos que guardara dentro de si toda a noite e os que não pudera dar enquanto a perseguiam, e correu a guinchar para a pocilga.

- Almanzo James Wilder, olha para ti! - ralhou Elisa Jane, mas ele não podia, nem queria.

Até Alice estava horrorizada por ele ter desperdiçado caramelo numa porca. E a sua blusa ficara uma desgraça.

Poderia ser remendada, mas ver-se-ia.

- Não quero saber! - resmungou Almanzo, grato por faltar uma semana inteira para a mãe tomar conhecimento.

Nesse dia fizeram outra vez sorvete e comeram o último bolo.

Alice disse que sabia fazer um bolo de libra (1). Acrescentou que faria um e depois se iria sentar na sala.

Almanzo achou que isso não teria piada nenhuma. Elisa Jane advertiu:

- Não irás nada, Alice. Sabes muito bem que a sala é só para as visitas.

A sala não era de Elisa Jane e a mãe não dissera que Alice não se podia sentar lá. Almanzo achou que ela lá se poderia sentar se lhe apetecesse.

Nessa tarde, foi à cozinha ver se o bolo de libra estava feito. Alice tirava-o nesse momento do forno. Cheirava tão bem que ele não resistiu e partiu um bocadinho de um canto. Alice cortou uma fatia para disfarçar o bocado partido, e depois comeram mais duas fatias com o resto do sorvete.

*1 Bolo rico. com ovos, e que levava uma libra (457,6 g, uma libra americana) de farinha, outra de açúcar e outra de manteiga. (N. do T.).

120

-Posso fazer mais sorvete - prontificou-se Alice. Como Elisa Jane estava no andar de cima, Almanzo disse:

- Vamos para a sala.

Entraram em bicos de pés, sem fazer barulho. A luz era fraca, em virtude de as persianas estarem descidas, mas a sala era bonita. O papel da parede era branco e dourado e a carpete do melhor que a mãe tinha, quase boa de mais para a pisarem. A mesa de centro tinha o tampo de mármore e em cima dela encontrava-se o alto candeeiro de sala, todo de porcelana branca e dourada e com rosas cor-de-rosa pintadas. Ao lado do candeeiro estava o álbum das fotografias, com capa de veludo vermelho e madrepérola.

Colocadas à volta das paredes estavam solenes cadeiras de crina, e o retrato de George Washington olhava severamente da sua moldura, entre as janelas.

Alice levantou o balão da saia, atrás, e sentou-se no sofá.

A crina eScorregadia fê-la deslizar até ao chão. Alice não se atreveu a rir alto, com medo que a irmã ouvisse. Voltou a sentar-se no sofá e a escorregar. Então Almanzo escorregou de uma cadeira.

Quando tinham visitas e eram obrigados a sentar-se nas cadeiras escorregadias, fincavam os dedos dos pés no chão, para não escorregarem. Mas agora podiam escorregar à vontade.

Fizeram-no das cadeiras e do sofá até Alice estar tão sacudida de riso que não se atreveram a escorregar mais.

Depois admiraram as conchas, o coral e as figurinhas de porcelana da estante. Não tocaram em nada, porém. Olharam até ouvir Elisa Jane descer. Então saíram da sala em bicos de pés e fecharam a porta sem o mínimo ruído. A irmã não os apanhou.

Dir-se-ia que uma semana nunca mais acabaria, mas de repente... acabou-se! Uma manhã, ao pequeno-almoço, Elisa Jane anunciou:

- O pai e a mãe chegam amanhã.

Pararam todos de comer. A horta não fora mondada. Os feijões e as ervilhas não tinham sido colhidos e, por isso, as vagens estavam a amadurecer demasiado depressa. O galinheiro não fora caiado.

- Esta casa está um pavor - continuou Elisa Jane. - E hoje temos de fazer manteiga. Que vou dizer à mãe? O açúcar desapareceu todo.

Ninguém comeu mais nada. Olharam para a barrica do açúcar e viram-lhe o fundo. Só Alice tentou mostrar-se animadora:

- Esperemos pelo melhor - disse, como era costume da mãe.

121

Ainda resta algum açúcar. A mãe disse: "Não comam o açúcar todo", e nós não comemos. Ainda há algum, aos lados.

Isto foi apenas o começo daquele terrível dia. Puseram-se todos ao trabalho, com todas as forças. Royal e Almanzo mondaram a horta e caíram o galinheiro, limparam as baias das vacas e varreram o piso do estábulo do sul. Entretanto, as irmãs varriam e esfregavam a casa. Elisa Jane obrigou Almanzo a bater as natas até a manteiga se formar e depois as suas mãos voaram enquanto a lavava, salgava e comprimia na vasilha. Para o almoço houve só pão com manteiga e geleia, embora Almanzo estivesse esfomeado.

- Agora, Almanzo, dá brilho ao aquecedor - ordenou Elisa Jane.

Ele detestava limpar fogões, mas esperou que Elisa Jane não dissesse que desperdiçara caramelo dando-o à porca e, por isso, deitou -se ao trabalho com a graxa preta e a escova.

Elisa Jane, porém, começou a apressá-lo e a irritá-lo.

- Tem cuidado, não entornes a graxa - recomendou, enquanto limpava afanosamente o pó.

Almanzo achou que tinha juízo suficiente para não entornar a graxa, mas calou-se.

- Usa menos água, Almanzo. E, valha-te Deus, esfrega com mais força!

Ele continuou calado.

Elisa Jane foi para a sala, limpar o pó. Mas nem assim o deixou em paz:

- Almanzo, esse fogão já está limpo?

- Não.

- Meu Deus, não sejas tão molengão!

Almanzo resmungou:

- De quem julgas que és patroa?

- Que disseste? - perguntou Elisa Jane.

- Nada.

A irmã veio à porta:

- Disseste qualquer coisa.

Almanzo endireitou-se e gritou:

- DISSE: DE QUEM JULGAS QUE ÉS PATROA?

Elisa Jane abriu a boca, estupefacta, e depois gritou também:

- Espera, Almanzo James Wilder, e verás! Espera que eu diga à mãe...

Almanzo não tencionava atirar-lhe com a escova da graxa. Ela é que lhe escapou da mão, voou rente à cabeça de Elisa Jane e, smack!, foi bater na parede da sala.

Uma grande mancha preta marcou o papel branco e dourado da parede.

Alice gritou. Almanzo virou costas e foi a correr para os estábulos. Subiu para o monte de feno e chegou-se o mais para trás que pôde. Não chorou, mas teria chorado se não tivesse quase 10 anos. A mãe voltaria para casa e verificaria que ele lhe estragara a bonita sala. O pai levá-lo-ia para o telheiro da lenha e dar-lhe-ia uma tarefa de chicote. Não queria sair, nunca mais, do monte de feno. Quem lhe dera poder ali ficar para sempre!

Passado um grande bocado, Royal aproximou-se do feno e animou-o. Almanzo saiu, de rastos, do esconderijo e percebeu que Royal sabia.

- Homem, vais levar uma destas sovas de chicote! - exclamou ele.

Royal tinha pena dele, mas não podia fazer nada. Sabiam ambos que Almanzo merecia a sova e que não havia maneira nenhuma de evitar que o pai tomasse conhecimento do sucedido.

Por isso, Almanzo disse:

- Não me importo.

Ajudou a tratar dos animais e juntou. Não tinha apetite, mas comeu para mostrar a Elisa Jane que não se importava. Depois deitou-se. A porta da sala estava fechada, mas ele tinha a impressão de ver a mancha preta esparrinhada na parede branca e dourada.

No dia seguinte, a carruagem com o pai e a mãe entrou no pátio. Almanzo teve de ir recebê-los, com os outros. Alice segredou-lhe: "Não estejas com medo. Talvez eles não se importem." Mas ela também tinha um ar preocupado.

- Pronto, cá estamos - disse o pai, alegremente. - Correu tudo bem?

- Sim, pai - respondeu Royal.

Almanzo não foi ajudar a desatrelar os cavalos; ficou em casa.

A mãe entrou e deu uma volta apressada, a ver tudo, enquanto desmanchava o laço da touca.

- Sim, senhora, Elisa Jane e Alice, tomastes conta da casa tão bem como eu teria feito!

- Mãe... - começou Alice, baixinho. - Mãe...

- Que é, filha, então?

122 123

Alice encheu-se de coragem e respondeu:

- A mãe disse-nos que não comêssemos o açúcar todo e nós comemo-lo quase todo. A mãe riu-se.

- Portaste-vos todos tão bem que não vos ralho por causa do açúcar.

Não sabia da mancha preta na parede da sala, cuja porta estava fechada. Não o soube nesse dia nem durante todo o dia seguinte. As refeições, Almanzo quase não conseguia engolir a comida, o que preocupava a mãe. Por isso, levou-o à despensa e obrigou-o a tomar uma colherada do horrível remédio preto que fizera com raízes de ervas.

Ele não queria que ela soubesse da mancha preta, mas ao mesmo tempo desejava que soubesse. Quando o pior acontecesse, não precisaria de continuar com medo.

Na segunda noite, ouviram uma carruagem entrar no pátio.

Eram o Sr. Webb e a mulher. O pai e a mãe foram recebê-los e um instante depois estavam todos na casa de jantar. Almanzo ouviu a mãe dizer:

- Venham para a sala.

Não foi capaz de se mexer. Nem de falar. Aquilo era pior do que tudo quanto imaginara. A mãe orgulhava-se tanto da sua bonita sala! Orgulhava-se de a manter sempre bonita e arranjada. Não sabia que ele Lha estragara e agora ia levar visitas para lá. Veriam a grande nódoa preta na parede.

A mãe abriu a porta da sala e entrou. Depois entraram a Sr.a Webb, o Sr. Webb e o pai. Almanzo só Lhes via as costas, mas ouviu as persianas serem levantadas. A sala ficou toda iluminada. Pareceu-Lhe que passava muito tempo, antes de alguém falar.

Foi a mãe que quebrou o silêncio:

- Sente-se nesta poltrona, Sr. Webb, e esteja à vontade.

Sente-se aqui no sofá Sr.a Webb.

Almanzo não podia crer nos seus ouvidos.

- Tem uma bonita sala! - exclamou a Sr.a Webb. - É quase bonita de mais para ser usada.

Almanzo via o ponto onde a escova da graxa acertara na parede, mas não podia acreditar nos seus olhos. O papel da parede continuava branco e dourado, sem qualquer nódoa.

Imaculado.

A mãe viu-o e disse:

- Entra, Almanzo.

Almanzo entrou, sentou-se muito direito numa cadeira de crina e apoiou os dedos dos pés no chão, com força, para não escorregar. O pai e a mãe estavam a falar da visita ao tio Andrew. Não havia nenhuma nódoa preta na parede, em lado algum.

- Não se preocupou por deixar os seus filhos aqui sozinhos e ir para tão longe? - perguntou a Sr.a Webb.

- Não - respondeu a mãe, orgulhosamente. - Sabia que eles tomariam conta de tudo tão bem como se o James e eu cá estivéssemos.

Almanzo pensou nas suas boas maneiras e não disse uma palavra. No dia seguinte, quando ninguém estava a ver, entrou sorrateiramente na sala e olhou com atenção para o lugar onde estivera a mancha preta.

124 125

O papel da parede estava remendado. O remendo fora cuidadosamente cortado à volta dos arabescos dourados e ajustado na perfeição. Os pontos de junção tinham sido tão bem raspados e alisados que dificilmente se encontravam.

Quando pôde falar com Elisa Jane a sós, perguntou-lhe:

- Elisa Jane, foste tu que remendaste o papel da sala?

- Fui. Procurei os restos de papel que estavam guardados no sótão, cortei o remendo e coleí-o com cola de farinha.

Almanzo murmurou, atrapalhado:

- Desculpa ter-te atirado a escova. Palavra, não era minha intenção, Elisa Jane.

- Creio que eu estava a ser embirrente - respondeu a irmã. - Mas também não era minha intenção. És o único irmãozinho pequeno que eu tenho.

Almanzo nunca imaginara quanto gostava de Elisa Jane.

Nunca falaram da mancha de graxa da parede da sala, nunca, e a mãe nunca soube.

126

19 - COLHEITA TEMPORÃ

Era tempo de ceifar o feno. O pai foi buscar as foices e Almanzo virou a pedra de amolar com uma das mãos e deitou um pouco de água com a outra, enquanto o pai encostava delicadamente as lâminas de aço à pedra. A água, que Almanzo não parava de deitar em fio, evitava que as foices aquecessem demasiado, enquanto a pedra de amolar lhes tornava a lâmina fina e aguçada.

Depois Almanzo foi, pela floresta, às pequenas casas de madeira dos franceses e disse a Joe Francês e a John Preguiçoso que fossem trabalhar na manhã seguinte.

Assim que o Sol secou o orvalho dos prados, o pai, John e Joe começaram a cortar o feno. Trabalhavam lado a lado, a lançar as foices à erva alta e emplumada que caía em grandes molhos.

"Suiche! Suiche! Suiche!", faziam as foices, enquanto Almanzo, Pierre e Louis seguiam atrás dos homens e espalhavam a erva caída em molhos com as forquilhas, para que secasse por igual ao sol. Sentiam debaixo dos pés o restolho macio e fresco. Pássaros levantavam voo à frente dos ceifeiros e, de vez em quando, um coelho saltava e afastava-se, aos pulos.

Muito alto, no ar, as cotovias dos prados cantavam.

O Sol aqueceu. O cheiro do feno tornou-se mais forte e mais adocicado. Depois começaram a subir do solo ondas de calor. Os braços bronzeados de Almanzo ficaram ainda mais escuros e o suor escorria-lhe pela testa. Os homens pararam, para porem folhas verdes na copa dos chapéus,

127

e os rapazes fizeram o mesmo. Durante um bocado, as folhas dar-lhes-iam à cabeça uma sensação de frescura.

A meio da manhã, a mãe tocou a corneta do almoço. Almanzo sabia o que isso significava: Cravou a forquilha no chão e dirigiu-se para casa, a correr e a escorregar através dos prados. A mãe esperava-o no alpendre das traseiras, com o balde do leite a transbordar de gemada fresca.

A gemada era feita de leite, natas e muitos ovos e açúcar. A sua superfície espumosa estava salpicada de especiarias e pedaços de gemada a boiar. A parte de fora do balde estava coberta de gotinhas de humidade, da frescura da gemada.

Almanzo dirigiu-se devagar para o campo de feno, carregado com o balde pesado e uma concha. Pensou que o balde estava demasiado cheio e se arriscava a entornar alguma gemada. A mãe dizia que estragar e desperdiçar era pecado, e ele tinha a certeza de que seria pecado desperdiçar uma gota que fosse daquela gemada. Tinha de fazer qualquer coisa para o evitar.

Por isso, pousou o balde, encheu a concha e bebeu. A gemada fresca escorregou-lhe suavemente pela garganta abaixo e refrescou-o por dentro.

Quando chegou ao campo de feno, toda a gente parou de trabalhar. Foram para a sombra de um carvalho, empurraram o chapéu para trás e passaram a concha de mão em mão até a gemada se acabar. Almanzo bebeu a sua conta. A brisa pareceu mais fresca e Joe Preguiçoso disse, a limpar a espuma do bigode:

- Ah, isto dá genica a um homem!

Depois os homens molharam as foices e fizeram as pedras de amolar cantar, em contacto com o aço. Voltaram para o trabalho com vontade. O pai afirmava sempre que um homem trabalhava mais nas suas 12 horas se descansasse um bocado e bebesse toda a gemada que pudesse, de manhã e à tarde.

Trabalharam todos enquanto houve luz suficiente para verem o que faziam, e os animais foram tratados à luz da lanterna.

Na manhã seguinte, o feno secara e os rapazes reuniram-no com grandes e leves ancinhos de madeira que o pai fizera.

Depois Joe e John continuaram a ceifar e Pierre e Louis a espalhar o feno atrás deles: Mas Almanzo ficou a trabalhar na carroça de transportar feno. O pai trouxera-a dos estábulos e, juntamente com Royal, iam-lhe deitando os feixes de feno, enquanto Almanzo os calcava bem. Co ria para trás e para diante, sobre o feno perfumado, a calcá-lo tão depressa quanto o pai e Royal o lançavam na máquina.

Quando a carroça já não aguentava mais, ele encontrava-se lá no topo, em cima da carga. Deitava-se então de bruços, a bater com os pés, enquanto o pai conduzia tudo para o celeiro grande. A carga de feno passava à justa pela porta alta e Almanzo deixava-se escorregar para o chão.

O pai e Royal lançavam o feno novo, com as forquilhas, para o monte que já lá se encontrava, enquanto Almanzo pegava no jarro da água e ia ao poço. Bombeava, depois saltava, aparava o jorro de água fria nas mãos e bebia. Levava a água ao pai e ao irmão e voltava a encher o jarro. Em seguida regressava na carroça vazia e calcava outra carga.

Almanzo gostava da época de ceifar o feno. Passava os dias atarefado, desde o alvorecer até muito depois de escurecer, sempre a fazer coisas diferentes. Era como brincar, e de manhã e à tarde havia gemada fresca. Ao fim de três semanas, os depósitos de feno estavam todos cheios a mais não poder e os prados apresentavam-se nus. Então chegava a lufa-lufa das colheitas.

A aveia estava madura, alta, grossa e amarela. O trigo estava dourado, mais escuro do que a aveia. Os feijões estavam maduros e as abóboras, as cenouras, os nabos e as batatas prontos para serem colhidos.

Nessa altura, não havia descanso nem brincadeira para ninguém. Trabalhavam todos do alvorecer ao escurecer. A mãe e as raparigas faziam conserva de pepinos, conserva de tomates verdes e conserva de cascas de melancia; secavam milho e maçãs e faziam compotas. Tinha de se aproveitar tudo, não se podia desperdiçar nada da fartura do Verão. Até os caroços das maçãs eram aproveitados para fazer vinagre, e numa tina, no alpendre das traseiras, estava de molho um feixe de palha de aveia.

Sempre que dispunha de um bocadinho, a mãe entrançava 5 ou 10 centímetros de palha, a fim de fazer os chapéus para o Verão seguinte.

A aveia não era cortada com foices e, sim, com grades. As grades tinham lâminas como as foices, mas tinham também compridos dentes de madeira que apanhavam os caules cortados e os seguravam. Quando tinham cortado o suficiente para um molho, Joe e John largavam os caules, em pilhas certinhas. O pai, Royal e Almanzo seguiam-nos, a atar os molhos em feixes.

Almanzo nunca tinha atado aveia, mas o pai ensinou-Lhe a atar dois punhados de caules um ao outro, para formarem uma tira comprida, e depois a reunir um braçado de cereal,

a passar-lhe a tira bem apertada pelo meio, a torcer as duas pontas uma na outra e metê-las bem para dentro.

Em pouco tempo, já conseguia atar um feixe muito bem, embora não muito depressa. O pai e Royal atavam feixes tão depressa quando os segadores os cortavam.

Pouco antes do pôr do Sol, os segadores paravam de cortar aveia e começavam todos a juntar os feixes em medas. Toda a aveia cortada tinha de ficar em medas antes de escurecer, pois estragar-se-ia se ficasse no chão, ao orvalho, durante a noite.

Almanzo sabia fazer medas tão bem como qualquer outro. Colocava 10 feixes em pé, apoiados nas pontas dos caules e bem juntos, com todas as espigas para cima. Depois colocava mais dois feixes em cima e abria-lhes os caules, a fim de formarem um telhado sobre os 10 feixes de baixo. As medas pareciam pequenas cabanas de índios, espalhadas por todo o campo de restolho curto e claro.

O campo de trigo esperava; não havia tempo a perder. Assim que toda a aveia estava em medas, toda a gente se apressava a ceifar, atar e emedar o trigo. Era mais difícil, porque era mais pesado do que a aveia, mas Almanzo fazia o melhor que podia, como um homenzinho. Depois faltava o campo de aveia e ervilhas-do-canadá.

As hastes trepadeiras das ervilhas estavam todas emaranhadas na aveia que, por isso, não podia ser reunida em medas.

Almanzo amontoou-a em montes compridos, com o ancinho.

Já era mais que tempo de colher o feijão roxo. Alice teve de dar uma ajuda. O pai levou as estacas do feijão para o campo e cravou-as no solo com um malho. Depois, juntamente com Royal, carregou as medas de cereal para os celeiros, enquanto Almanzo e Alice arrancavam os feijoeiros.

Primeiro colocaram pedras a toda a volta das estacas, para evitar que os feijões caíssem para o chão. Depois arrancaram os feijoeiros com ambas as mãos. Quando já lhes não cabiam mais nas mãos, levaram-nos para as estacas e colocaram as raízes junto deles, espalhando as hastes compridas para fora, nas pedras.

Empilharam à volta de cada estaca camada após camada de feijoeiros. As raízes eram maiores do que as hastes e, por isso, o monte foi ficando mais alto no meio. As hastes emaranhadas, cheias de vagens ruidosas de feijão, pendiam a toda a volta.

Quando as raízes empilhadas chegaram ao cimo das estacas, Almanzo e Alice colocaram hastes por cima, fazendo um pequeno telhado como protecção contra a chuva. Aquela estaca de feijão estava pronta e começaram outra.

As estacas eram da altura de Almanzo e, as hastes espetavam-se a toda a volta como a saia de balão de Alice.

Um dia, quando chegaram a casa para almoçar, Almanzo e Alice encontraram lá o comprador de manteiga, que vinha todos os anos da cidade de Nova Iorque. Vestia boas roupas citadinas, usava relógio e corrente de ouro e conduzia uma boa parelha.

Toda a gente gostava do comprador de manteiga e a hora do almoço era engraçada, quando ele lá estava. Sabia todas as notícias de política, modas e preços da cidade de Nova Iorque.

Depois do almoço, Almanzo voltou para o trabalho, mas Alice ficou em casa, para ver a mãe vender a manteiga.

O comprador desceu à cave, onde as vasilhas de manteiga se encontravam, cobertas por panos brancos limpos. A mãe afastou os panos e o comprador enfiou o comprido tubo de aço, de analisar a manteiga, até ao fundo de uma vasilha.

O tubo era oco e tinha uma abertura de lado. Quando o homem tirou o tubo, viu-se na abertura a comprida amostra de manteiga.

A mãe não regateou nada. Limitou-se a dizer, orgulhosamente:

- A minha manteiga fala por si.

131

Nem uma das amostras de todas as vasilhas tinham a mínima mancha. Do cimo ao fundo de cada vasilha, a manteiga era toda dourada, firme e compacta.

Almanzo viu o comprador partir. Alice foi a correr ao feijoal, a sacudir a touca pelas fitas, e gritou:

- Adivinha o que ele fez!

- Que foi? - perguntou Almanzo.

- Disse que a manteiga da mãe era a melhor que já vira em toda a parte! E pagou-lhe... Adivinhas quanto? Pagou-lhe 50 cêntimos por libra!

Almanzo ficou embasbacado. Nunca ouvira falar em tal preço para a manteiga.

- Ela tinha 500 libras! - continuou Alice. - Foram. 2 dólares! Ele pagou-lhe esse dinheiro todo e ela já está a atrelar a parelha, a fim de o ir depositar no banco.

Pouco depois, a mãe partiu com a sua melhor touca e o seu vestido de bombazina preta. Ia à cidade à tarde, num dia de trabalho e em tempo de colheita. Nunca fizera semelhante coisa. Mas o pai estava atarefado nos campos e ela não ficaria com todo aquele dinheiro em casa, até ao outro dia.

Almanzo sentiu-se orgulhoso. A sua mãe devia ser, talvez, a melhor fabricante de manteiga de todo o estado de Nova Iorque. pessoas da cidade de Nova Iorque iam comer a sua manteiga, dizer umas às outras que era boa e perguntar a si mesmas quem a teria feito.

132

20 - COLHEITA TARDIA

Agora a Lua das colheitas brilhava redonda e amarela sobre os campos, à noite, e o ar tornava-se frio. Todo o milho fora cortado e encontrava-se em medas altas, cujas sombras negras o luar projectava no solo, onde as abóboras pareciam nuas por cima das suas folhas. A abóbora de Almanzo, alimentada a leite, estava enorme. Ele cortou-a cuidadosamente da haste, mas não foi capaz de a levantar - nem sequer de a rebolar. O pai ergueu-a para a carroça e, com todas as cautelas, levou-a para o celeiro e colocou-a em cima de feno, para esperar pelo dia da Feira do Condado.

Almanzo rolou todas as outras abóboras umas para junto das outras e o pai levou-as para os estábulos. As melhores foram para a cave, para a mãe fazer tarte de abóbora, e as outras foram empilhadas no piso do estábulo do sul. Todas as noites Almanzo cortava algumas, com a machada, e dava-as às vacas, aos vitelos e aos bois.

As maçãs estavam maduras. Almanzo, Royal e o pai encostaram escadas às árvores e subiram para as copas frondosas. Colheram cuidadosamente todas as maçãs perfeitas e colocaram-nas num cesto. Depois o pai conduziu a carroça cheia de cestos para casa e Almanzo ajudou a transportar os cestos para a cave e a colocar as maçãs, com todo o cuidado, nas arcas que lhe estavam destinadas.

133

Esforçaram-se para não amachucar nenhuma maçã, pois uma maçã amachucada apodrece, e uma maçã podre apodrece todas as outras da arca.

A cave começou a ter o seu cheiro de Inverno, a maçãs e doces. As vasilhas do leite tinham sido levadas para a despensa, até a Primavera voltar.

Depois de colhidas as maçãs perfeitas, Almanzo e Royal podiam sacudir as árvores, o que era divertido. Sacudiam as árvores com toda a força e as maçãs caíam como saraiva.

Apanhavam-nas e atiravam-nas para a carroça. Não havia perigo, eram maçãs para fazer sidra. Quando lhe apetecia, Almanzo dava uma dentada numa.

Chegara também o tempo de colher os produtos da horta. O pai levou as maçãs para a destilaria da sidra, mas Almanzo teve de ficar em casa a arrancar beterrabas, nabos e rábanos e a levá-los para a cave. Arrancou as cebolas, cujos pés secos Alice uniu em tranças compridas. As cebolas redondas pendiam, abundantes, de ambos os lados das tranças e a mãe pendurou-as no sótão. Almanzo apanhou as malaguetas e Alice pegou numa agulha e enfiou-as num fio, como contas de um colar, para serem penduradas ao lado das cebolas.

Nessa noite, o pai voltou com duas grandes quartolas de sidra, . que rebolou para a cave. Havia sidra que duraria até à próxima colheita de maçãs.

Na manhã seguinte, soprava um vento frio e acastelavam-se nuvens de tempestade no céu cinzento. O pai pareceu preocupado. Era preciso colher as cenouras e as batatas, depressa.

Almanzo calçou as meias e os mocassins, pôs o boné, calçou as luvas e vestiu o casaco, e Alice pôs o capuz e embrulhou-se no xaile, para ir ajudar.

O pai atrelou a Bess e a Beleza ao arado e abriu um rego de cada lado dos compridos carreiros de cenouras. Estas ficaram, assim, numa pequena elevação de terra, que permitia arrancá-las com facilidade. Almanzo e Alice arrancaram-nas o mais depressa que puderam e Royal cortou-lhes a rama e atirou-as para a carroça. O pai levou-as para casa e despejou-as por uma calha para as arcas de cenouras da cave.

As sementinhas encarnadas que Almanzo e Alice tinham semeado, haviam-se transformado em 200 alqueires de cenouras.

A mãe poderia cozer as que lhe apetecesse e os cavalos e as vacas teriam cenouras cruas durante todo o Inverno.

John Preguiçoso ajudou a colher as batatas. O pai e John desenterravam as batatas com enxadas, enquanto Alice e Almanzo as metiam em cestos que despejavam numa carroça. Royal deixava uma vazia no campo e levava a cheia para casa, onde despejava as batatas nas arcas respectivas, pela janela da cave. Almanzo e Alice esforçavam-se, para encher a carroça vazia na sua ausência. Ao meio-dia quase não pararam para comer.

Trabalharam até ser escuro e já não se ver nada. Se não levassem as batatas para a cave antes de o solo gelar, todo o trabalho do ano inteiro, no batatal, se perderia e o pai teria de comprar batatas.

- Nunca vi um tempo assim, nesta época do ano - disse o pai.

De manhãzinha, antes de nascer o Sol, já estavam de novo a trabalhar com afinco. Aliás, o Sol nem nasceu, encoberto por densas nuvens cinzentas e baixas. O solo e as batatas estavam frios e soprava vento cortante, que lançava terra para os olhos de Almanzo e os deixava a arder. Ele e Alice tinham sono. Tentavam apressar-se, mas os seus dedos estavam tão frios que deixavam cair as batatas. Alice observou:

- Tenho o nariz tão frio! Se temos orelheiras, por causa do frio, porque não temos também narigueiras?

Almanzo disse ao pai que estavam com frio e ele respondeu-lhe:

- Trabalha mais depressa, filho. O exercício aquecer-te-á.

Eles bem tentaram, mas estavam tão gelados que não podiam trabalhar muito depressa. Quando o pai voltou a passar por eles, disse:

- Faz uma fogueira da rama seca das batatas, Almanzo.

Assim fizeram. Por isso, Alice e Almanzo juntaram uma enorme quantidade de rama seca, o pai deu um fósforo a Almanzo e ele acendeu a fogueira. Uma pequena chama alastrou a uma folha seca, depois avançou avidamente por um caule, crepitou, cresceu e rugiu no ar. Deu a impressão que tornava o campo todo mais quente.

Durante muito tempo trabalharam todos afanosamente. Sempre que sentia muito frio, Almanzo ia a correr deitar mais rama seca na fogueira.

Alice estendia as mãos sujas para as chamas, a fim de as aquecer, e o lume brilhava-lhe na cara como a luz do Sol.

- Tenho fome - queixou-se Almanzo.

- Também eu - confessou Alice. - Devem ser quase horas de comer.

Almanzo não sabia calcular, pois não havia sol. Continuaram a trabalhar, a trabalhar, sem ouvirem a corneta chamar para o almoço. Almanzo, que já estava todo vazio por dentro, disse à irmã:

- Ouvi-la-emos antes de chegarmos ao fim deste carreiro.

134 135

Mas não ouviram. Almanzo achou que devia ter acontecido alguma coisa à corneta e disse ao pai:

- Creio que são horas de almoçar.

John riu-se e o pai respondeu:

- Ainda mal chegámos ao meio da manhã, filho.

Almanzo continuou a apanhar batatas. Depois o pai gritou-lhe:

- Põe uma batata nas cinzas, Almanzo. Isso ajuda-te a entreter a fome.

Almanzo pôs duas grandes batatas nas cinzas quentes, uma para ele e outra para Alice. Cobriu-as de cinza e pôs mais rama seca na fogueira. Sabia que devia voltar para o trabalho, mas deixou-se ficar no calor agradável, à espera que as batatas assassem. Não tinha a consciência tranquila, mas pelo menos estava quente, por fora, e pensava! "Tenho de ficar aqui para assar as batatas." Sentiu remorsos de deixar Alice a trabalhar sozinha, mas encontrou outra desculpa: "Estou ocupado a assar uma batata para ela."

De súbito, ouviu um puff baixo e sibilante e bateu-lhe qualquer coisa na cara - qualquer coisa que lá ficou, escaldante. Desatou a gritar, pois a dor era horrível e ele não via.

Ouviu gritos e correrias. Mãos grandes afastaram-lhe as suas da cara e o pai inclinou-lhe a cabeça para trás. John Preguiçoso falava em francês e Alice chorava: "Oh, pai! Oh, pai!"

- Abre os olhos, filho - disse o pai.

Almanzo tentou, mas só conseguiu abrir um. O polegar do pai levantou-lhe a outra pálpebra, e isso doeu.

- Não há novidade - disse o pai. - O olho não está ferido.

Uma das batatas que estavam a assar rebentara e o seu interior escaldante atingira Almanzo. Mas a pálpebra fechara-se a tempo e só ela e a face estavam queimadas.

O pai amarrou-lhe o lenço por cima do olho e voltou, com John Preguiçoso, para o trabalho.

Almanzo não imaginara que alguma coisa pudesse doer tanto como aquela queimadura. Mas mesmo assim disse a Alice que não doía... muito. Pegou num pau e tirou a outra batata das cinzas.

- Creio que é a tua batata - disse, a fungar; não estava a chorar, mas as lágrimas não paravam de lhe correr dos olhos e entrar no nariz, por dentro.

- Não, é a tua - respondeu a irmã. - A minha batata é que rebentou.

- Como sabes qual delas rebentou?

- Esta é tua porque estás magoado e eu não tenho fome... pelo menos não tenho muita fome.

- Tens tanta fome como eu! - afirmou Almanzo, que não podia continuar a ser egoísta. - Come metade e eu como outra metade.

A batata estava toda preta por fora, mas por dentro era branca e farinhenta e deitava um delicioso cheirinho a batata assada. Deixaram-na arrefecer um bocadinho e depois comeram-lhe toda a polpa branca. Nunca tinham comido uma batata tão boa. Sentiram-se melhor e voltaram para o trabalho.

A cara de Almanzo estava empolada e o olho fechado, de tão inchado. Mas a mãe pôs-lhe uma cataplasma, ao primeiro-dia, e outra, à noite, e no dia seguinte já não lhe doía muito.

Logo após escurecer, no terceiro dia, ele e Alice acompanharam o último carregamento de batatas a casa. O tempo arrefecia de minuto a minuto. O pai descarregou as batatas para a cave à pazada, à luz da lanterna, e Royal e Almanzo trataram dos animais.

Tinham salvado as batatas por um triz. Nessa mesma noite o solo gelou.

- Estão salvas e é o que importa - comentou a mãe, mas o pai abanou a cabeça.

- Foi demasiado à justa para me agradar - declarou. - Não tarda aí a neve.

Temos de nos apressar para colocar o feijão e o milho sob resguardo.

Pôs o atrelado do feno na carroça.e Royal e Almanzo ajudaram-no a transportar os feijões. Arrancaram as estacas e colocaram-nas na carroça, com feijões e tudo. Trabalharam com cuidado, pois um safanão podia fazer sair os feijões das vagens secas e perderem-se.

136 137

Quando as estacas do feijão estavam todas empilhadas no piso do estábulo do sul, carregaram os molhos de milho. As colheitas tinham sido tão boas que não cabiam nos grandes celeiros do pai, apesar de serem tão grandes. Diversos carregamentos de milho tiveram de ficar no pátio e o pai construiu uma cerca em redor, para evitar que o gado novo o comesse.

Toda a colheita estava resguardada. Cave, sótão e celeiros estavam quase a rebentar, de cheios. Havia comida suficiente - e também rações para os animais - para o Inverno todo.

Agora todos podiam deixar de trabalhar um tempo e divertir-se na Feira do Condado.

138

21 - FEIRA DO CONDADO

Partiram muito cedo para a feira, na manhã gelada. Levavam todos a sua roupa domingueira, menos a mãe: ela vestira a segunda melhor roupa e levava um avental, pois ia ajudar no almoço da igreja. Debaixo do banco de trás da carruagem ia a caixa de geleias, picles e compotas que Elisa Jane e Alice tinham feito para expor na feira. Alice também levava o seu bordado a lã. Mas a abóbora de Almanzo, alimentada a leite, tivera de ir na véspera, pois era tão grande que não caberia na carruagem. Almanzo dera-lhe brilho, cuidadosamente, o pai colocara-a na carroça e envolvera-a numa camada de feno macio, e tinham-na levado para o recinto da feira e entregueado ao Sr. Paddock, que estava encarregado de coisas desse género. De manhã as estradas estavam cheias de carros com gente para a feira e em Malone a multidão era maior ainda do que no Dia da Independência. A toda a volta do recinto havia hectares e hectares de carros e carruagens e as pessoas estavam amontoadas como moscas. Ondulavam bandeiras e a banda tocava. A mãe, Royal e as irmãs apearam-se da carruagem no recinto da feira, mas Almanzo foi com o pai até aos abrigos da igreja e ajudou a desatrear os cavalos. Os abrigos estavam cheios.

139

Ao longo dos passeios, magotes de gente, com as roupas domingueiras, iam a caminho da feira, enquanto carruagens subiam e desciam velozmente as ruas no meio de nuvens de poeira.

- Bem, filho, que vamos fazer primeiro? - perguntou o pai.

- Quero ver os cavalos - respondeu Almanzo, e o pai disse que sim, senhor, veriam primeiro os cavalos.

O Sol já estava alto e o dia claro e agradavelmente quente.

Entrava constantemente mais gente no recinto, num grande alarido de vozes e passos, e a banda tocava alegremente.

Chegavam e partiam carruagens, paravam homens para falar ao pai e havia rapazes por todo o lado. Frank passou por eles com alguns rapazes da cidade e Almanzo viu Miles Lewis e Aaron Webb; mas ficou com o pai. Passaram devagar pelas traseiras da alta tribuna principal e do edifício baixo e comprido da igreja - não se tratava da igreja propriamente dita, mas de uma cozinha e sala de jantar da igreja, no recinto da feira, de cujo interior vinha um barulho de pratos e panelas, e de vozes de mulheres. A mãe e as irmãs de Almanzo estavam alegres, lá dentro.

Seguia-se uma enfiada de tendas e barracas, todas engalanadas com bandeiras e enfeitadas com desenhos coloridos.

À porta, homens gritavam:

- "É entrar, é entrar! Só dez cêntimos, a décima parte de um dólar!

"Laranjas, laranjas, laranjas doces da Florida!"

"Cura todas as mazelas de homem e animal!"

"Prêmios para todos! Prêmios para todos!"

"É a última oportunidade, rapazes, façam as suas apostas!

Recuem, não empurrem!"

Uma das barracas era uma floresta de bengalas às riscas pretas e brancas. Se uma pessoa conseguia enfiar uma argola numa bengala, o homem dava-lha. Havia montanhas de laranjas, tabuleiros de pão da espécie e vasilhas enormes de limonada cor-de-rosa. Um homem de fraque e reluzente chapéu alto metia uma ervilha debaixo de uma concha e dava um prêmio a quem dissesse onde a ervilha estava - e acertasse.

- Sei onde ela está, pai! - exclamou Almanzo.

- Tens a certeza, filho?

- Tenho - respondeu Almanzo, a apontar. - Está debaixo daquela.

- Bem, filho, vamos esperar e ver.

Nesse momento, um homem abriu caminho pelo meio dos mirones e colocou uma nota de 5 dólares ao lado das conchas. Eram três conchas e o homem apontou para a mesma que Almanzo apontara.

O homem do chapéu alto levantou a concha... e não havia ervilha nenhuma. No instante seguinte, a nota de 5 dólares estava na algibeira do seu fraque e ele mostrava de novo a ervilha e metia-a debaixo de outra concha.

Almanzo não conseguia compreender. Tinha visto a ervilha debaixo daquela concha e depois não estava lá! Perguntou ao pai como fizera o homem aquilo.

- Não sei, Almanzo. Mas ele sabe. É o seu jogo. Nunca apostes dinheiro teu no jogo de outro homem.

Dirigiram-se para as cavalariças, cujo solo estava muito pisado e transformado numa camada de poeira funda pela multidão de homens e rapazes. Mas havia silêncio.

Almanzo e o pai admiraram durante muito tempo os bonitos cavalos baios, castanhos e alazões, os Morgans de pernas esguias e pés pequenos e perfeitos. Os animais sacudiam a cabeça pequena e tinham os olhos meigos e brilhantes. Almanzo examinou-os a todos cuidadosamente e não achou nenhum melhor do que os potros vendidos pelo pai na Primavera passada.

Depois foi com o pai ver os puros-sangues, de corpo mais comprido, pescoço mais delgado e quadris esbeltos. Os puros-sangues eram nervosos, as suas orelhas tremiam e os seus olhos mostravam a parte branca. Pareciam mais velozes do que os Morgans, mas não tão seguros.

A seguir a estes estavam três grandes cavalos cinzentos mosqueados, de quadris roliços e duros, pescoço grosso e pernas pesadas. Pêlos compridos e densos

ocultavam-lhes os cascos grandes. Tinham cabeça maciça e olhos serenos e bondosos. Almanzo nunca vira nenhuns como eles.

O pai disse-lhe que eram belgas. Provinham de um país da Europa chamado Bélgica. A Bélgica era vizinha da França e os franceses tinham levado aqueles cavalos para o Canadá, em barcos. Agora os cavalos belgas iam do Canadá para os Estados Unidos. O pai admirava-os muito:

- Olha para aqueles músculos! - exclamou. - Seriam capazes de puxar um celeiro, se os atrelassem a ele.

- Qual é a utilidade de um cavalo capaz de puxar um celeiro?

- perguntou Almanzo. - Não precisamos de puxar um celeiro para nada. Um Morgan tem músculo suficiente para puxar uma carroça e velocidade suficiente para puxar uma carruagem.

- Tens razão, filho! - concordou o pai, a olhar tristemente para os grandes cavalos e a abanar a cabeça.

140 141

- Seria um desperdício alimentar todo aquele músculo e nós não temos utilidade para eles. Sim, tens razão.

Almanzo sentiu-se importante e adulto, a falar de cavalos com o pai.

A seguir aos cavalos belgas, uma multidão de homens e rapazes rodeava de tal maneira uma baía que nem o pai conseguiu ver o que lá estava. Almanzo largou a mão do pai e, fura que fura pelo meio das pernas dos homens, chegou às grades da baía.

Lá dentro estavam dois animais pretos. Nunca tinha visto nada que se lhes assemelhasse. Tinham certas parecenças com cavalos, mas não eram cavalos. A cauda era pelada, só com um tufo de pêlo na ponta, e a crina curta e cerdosa apresentava-se de pé, direita e rígida. As orelhas eram como orelhas de coelhos, compridas e erectas em cima do focinho comprido e descarnado. Enquanto Almanzo olhava, um dos animais apontou as orelhas para ele e estendeu o pescoço. Perto dos olhos arregalados do rapaz, o focinho do bicho franziu-se e os beiços arreganharam-se e mostraram duas fieiras de dentes compridos e amarelos. Almanzo ficou especado. Devagar, a criatura abriu a boca de comprida dentuça e da garganta saiu-lhe um rugido aterrador:

"Iüüüüi, ó! Hüüüi, hó!" Almanzo deu um grito e, à força de empurrões e pulso, abriu caminho para junto do pai. Alcançou-o num instante e só então se apercebeu de que toda a gente se estava a rir dele. Menos o pai.

- Trata-se apenas do primeiro cavalo cruzado que vês, filho - explicou o pai. - É a primeira mula que vês. E não és o único assustado, acredita - acrescentou, a olhar em seu redor, para a multidão.

Almanzo sentiu-se muito melhor quando viu os potros. Havia potros de dois anos e um ano e alguns pequeninos, com as mães.

Almanzo olhou-os minuciosamente e, por fim, disse:

- Pai, gostaria...

- De quê, filho?

- Pai, não está aqui um potro que chegue aos calcanhares do Estrelado! Não podes trazer o Estrelado à feira, no próximo ano?

- Bem... veremos, quando o próximo ano chegar.

Depois foram ver o gado. Havia Guernseys e Jerseys castanhos-amarelados, originários de ilhas com os mesmos nomes, que ficavam perto da costa da França. Viram os Devons vermelhos-lustrosos e os Durhams cinzentos, originários de Inglaterra. Viram jovens vitelos e vitelos de um ano, alguns dos quais eram mais bonitos do que BEss e Brilhante. Viram também os robustos e possantes bois de canga.

Mas durante todo esse tempo Almanzo pensava que se o pai levasse o Estrelado à feira, ele ganharia com certeza um prémio. Depois viram os grandes porcos brancos Chester e os Berkshire pretos, mais pequenos. Lucy, a porca de Almanzo,

era uma Chester branca, mas ele decidiu que um dia havia de ter também um Berkshire.

Viram ovinos Merinos, como os do pai, com a sua pele enrugada e de lã curta e fina, e viram a raça Cotswold, animais maiores e de lã mais comprida, mas mais áspera, também. O pai estava satisfeito com os seus merinos; preferia ter menos lã, mas de melhor qualidade, para a mãe tecer. Entretanto era meio-dia e Almanzo ainda não vira a sua abóbora. Mas como tinha fome foram almoçar. A sala de jantar da igreja já estava cheia. Todos os lugares da comprida mesa estavam ocupados e Elisa Jane e Alice, juntamente com outras raparigas, traziam da cozinha travessas cheias de comida. cheiros deliciosos que andavam no ar fizeram crescer água na boca a Almanzo. O pai foi à cozinha e Almanzo seguiu-o. Estava cheia de mulheres que partiam apressadamente presuntos e carne de vaca assada, trinchavam frangos assados e distribuíam vegetais pelos pratos. A mãe abriu o forno e tirou perus e patos assados. Encostados à parede estavam três barris nos quais entravam uns compridos tubos de ferro vindos de um caldeirão de água que fervia no lume. Saíam pufos de vapor de todas as fendas dos barris. O pai tirou a tampa a um dos barris e saíram nuvens de vapor. Almanzo olhou e viu que o barril estava cheio de batatas fumegantes, com a casca castanha-clara. As cascas rebentaram quando o ar lhes tocou e soltaram-se, enrugadas, da polpa farinhenta. A toda a volta de Almanzo havia bolos e tartes de todas as espécies, e a sua fome era tanta que seria capaz de os comer todos. Mas não se atreveu a tocar nem numa migalhinha. Por fim, ele e o pai conseguiram arranjar lugar na mesa comprida da sala de jantar. Estavam todos bem dispostos, a conversar e a rir, mas Almanzo limitou-se a comer. Comeu presunto, frango e peru, recheio e geleia de uvas-do-monte; comeu batatas e molho, milho verde e feijão, feijão no forno e feijão cozido com cebolas, pão branco e pão de milho e centeio, pickles doces e compotas. Depois respirou fundo e comeu tarte.

142 143

Quando começou a comer a tarte, desejou não ter comido mais nada. Comeu uma fatia de tarte de abóbora, uma fatia de tarte de custard e quase uma fatia de tarte azeda. Tentou comer uma fatia de tarte de passas, corintos e frutas cristalizadas, mas não conseguiu acabar. Havia tartes de bagas, tartes de natas, tartes azedas e tartes de passas, mas ele não podia comer mais nada.

Gostou de se sentar com o pai na tribuna. Viram passar os cavalos a trote, a aquecer para as corridas. Erguiam-se nuvenzinhas de poeira atrás dos velozes carros leves. Royal estava com os rapazes crescidos na beira da pista, com os homens que apostavam nas corridas.

O pai disse que não havia mal nenhum em apostar nas corridas, se desejava.

- Pode-se ganhar dinheiro - acrescentou. - Mas eu prefiro empregar o meu em coisas mais substanciais.

144

A tribuna encheu-se tanto que as pessoas ficaram comprimidas nas séries de bancos. Os carros leves estavam alinhados e os cavalos sacudiam a cabeça e escarvavam o chão, ansiosos por partir. Almanzo estava tão agitado que não conseguia estar quieto. Escolheu o cavalo que lhe parecia que ganharia, um alazão puro-sangue, esbelto e bonito.

Alguém gritou e, todos ao mesmo tempo, os cavalos pareceram voar pela pista fora, com a multidão toda a gritar. De súbito, calaram-se todos, estupefactos.

Um índio corria pela pista fora, atrás dos carros. Corria tão velozmente como os cavalos.

Desataram a gritar: "Ele não consegue!" "Dois dólares como se aguenta!!" "O baio! O baio! Para a frente! Para a frente!" "Três dólares no índio!" "Reparem naquele alazão!" "Olhem para o índio!" A poeira subia do outro lado da pista. Os cavalos voavam, com todo o corpo esticado acima do solo. As pessoas tinham-se levantado todas, nos bancos, e gritavam. Almanzo também gritava sem parar. Na pista, os cavalos corriam num tropel de cascos.

145

"Vamos! Vamos! O baio! O baio!"

Passaram tão velozmente que nem se viram. Atrás deles, o índio corria sem dificuldade. Defronte da tribuna deu um grande salto no ar, depois deu um salto mortal e endireitou-se, a saudar a assistência com o braço direito.

A tribuna estremeceu com o barulho dos gritos e aplausos.

Até o pai de Almanzo gritava: "Viva! Viva!"

O índio correrá aquela milha em 2 minutos e 40 segundos, o com mo tempo do cavalo vencedor. E nem sequer ofegava. Saudou de novo toda a gente e saiu da pista.

O cavalo baio tinha ganhado.

Havia mais corridas, mas não tardaram a chegar as três horas, hora de voltar para casa. O regresso foi divertido, nesse dia, porque havia muito de que falar. Royal enfiara uma argola numa das bengalas às riscas pretas e brancas, e ganhara-a. Alice gastara um níquel em rebuçados de hortelã-pimenta. Partiu a barra de rebuçado ao meio e ela e Almanzo chuparam, devagar.

Parecia estranho estar em casa apenas o tempo suficiente para tratar dos animais e dormir, pois de manhãzinha cedo partiriam de novo. Havia mais dois dias de feira.

Nessa manhã, Almanzo e o pai passaram rapidamente pelo recinto de exposição de animais e dirigiram-se para a exposição de vegetais e cereais. Almanzo descobriu logo as abóboras, que sobressaíam, douradas e brilhantes, entre as outras coisas menos coloridas. E lá estava a sua, a maior de todas!

- Não te convenças demasiado de que vais ganhar o prémio, filho - recomendou-lhe o pai. - O tamanho conta, mas a qualidade conta mais.

Almanzo tentou não se preocupar muito com o prémio.

Afastou-se das abóboras com o pai, embora de vez em quando não resistisse à tentação de olhar para trás, para as abóboras.

Viu as excelentes batatas, as beterrabas, os nabos, as rutabagas e as cebolas. Apalpou os grãos castanhos e arredondados do trigo, a aveia clara e sulcada, os feijões-do-canadá, os feijões roxos e os feijões catarinos.

Admirou as maçarocas de milho branco, amarelo e encarnado, branco e azul: O pai mostrou-lhe como os bagos estavam apertados uns contra os outros nas melhores maçarocas, cobrindo até a própria ponta.

Andavam pessoas para cá e para lá, a olhar. Havia sempre algumas pessoas a ver as abóboras, e Almanzo gostaria que soubessem que a maior era sua.

Depois do almoço, foi a correr assistir às decisões. Havia mais gente do que anteriormente e, por vezes, ele tinha de deixar o pai e de cortar caminho pelo meio das pessoas, a fim de ver o que os juizes estavam a fazer. Os três juizes usavam distintivos no casaco, tinham ar solene e falavam entre si em voz baixa, de modo que ninguém via o que diziam. Sopesaram os grãos de cereal na mão e observaram-nos minuciosamente.

Mastigaram alguns grãos de trigo e aveia, para lhes apreciar o sabor. Abriam ao meio ervilhas e feijões e tiraram alguns bagos de cada maçaroca de milho, para verificarem o seu comprimento. Com as navalhas, partiram as cebolas e as batatas ao meio. Cortaram fatias muito fininhas das batatas e levantaram-nas para a luz. A melhor parte de uma batata é a que fica a seguir à casca, e pode avaliar-se a espessura dessa melhor parte levantando uma fatia fininha para a luz e observando.

A maior multidão concentrava-se à roda da mesa dos juizes e observavam em silêncio. Não se ouviu nem um som quando, finalmente, o juiz magro e alto, de barbicha, tirou da algibeira um bocadinho de fita encarnada e um bocadinho de fita azul. A fita encarnada representava o segundo prémio e a azul o primeiro. O juiz colocou-as nos vegetais que as tinham ganhado e a multidão soltou um longo suspiro.

De repente, começou toda a gente a falar. Almanzo viu pessoas que não tinham obtido nenhum prémio e a que ganhara o segundo prémio felicitarem todas o vencedor. Se a sua abóbora não fosse premiada, ele teria de fazer aquilo. Não queria, mas parecia-lhe que não teria outro remédio.

Por fim, chegou a vez das abóboras. Almanzo tentou dar a impressão de não se importar muito, mas sentia-se todo a arder.

Os juizes tiveram de esperar que o Sr. Paddock fosse buscar uma grande faca de carneiro bem afiada. O juiz mais forte pegou-lhe e cravou-a com todas as ganas numa abóbora. Fez força no cabo e cortou uma talhada grossa. Levantou-a e todos os juizes olharam para a polpa espessa e amarela da abóbora. Viram também a espessura da casca e a pequena concavidade das sementes. Cortaram fatias fininhas e provaram.

Depois o juiz mais forte abriu outra abóbora. Começara pela mais pequena. A multidão comprimia-se contra Almanzo, que tinha de abrir a boca para poder respirar.

Finalmente, o juiz abriu a grande abóbora de Almanzo, que se sentiu tonto.

146 147

O interior da sua abóbora tinha um grande buraco para as sementes, mas a verdade é que também se tratava de uma grande abóbora. Tinha muitas sementes e a sua polpa era um bocadinho mais clara do que a das outras. Almanzo ignorava se isso fazia alguma diferença. Os juizes provaram, mas ele não percebeu pelas suas caras se o gosto era bom ou não.

Depois os juizes falaram durante muito tempo, sem que ele pudesse ouvir o que diziam. O juiz alto e magro abanava a cabeça e puxava a barbicha. Cortou uma tira fininha da abóbora mais amarela e outra fatia fininha da abóbora de Almanzo, e provou-as. Depois estendeu-as ao juiz forte, que provou também. Este disse qualquer coisa e sorriram todos.

O Sr. Paddock inclinou-se por cima da mesa e disse:

- Boas tardes, Wilder. Está a ver o espectáculo com o rapaz, hem? Estás a divertir-te, Almanzo?

Almanzo conseguiu responder, com muita dificuldade:

- Sim, senhor.

O juiz alto tirara a Bata encarnada e a fita azul da algibeira. O juiz forte puxou-lhe pela manga e os juizes voltaram todos a falar baixinho. O juiz alto virou-se devagar, tirou vagarosamente um alfinete da mala e espetou-o na fita azul. Não estava muito perto da grande abóbora de Almanzo, não lhe poderia chegar... Estendeu a fita azul por cima de outra abóbora, inclinou-se, esticou mais o braço e cravou o alfinete na abóbora de Almanzo. A mão do pai apertou o ombro de Almanzo, que de repente conseguiu respirar de novo e sentiu um grande formigueiro no corpo todo. O Sr. Paddock apertava-lhe a mão e todos os juizes sorriam. Uma quantidade de gente disse:

- O seu rapaz ganhou o primeiro prémio, hem, Sr. Wilder?

- É uma bela abóbora, Almanzo - elogiou o Sr. Webb. - Creio que nunca vi nenhuma melhor.

- Nunca vi nenhuma que lhe levasse a melhor em tamanho - afirmou o Sr.

Paddock. - Como conseguiste arranjar uma abóbora tão grande, Almanzo?

De súbito, pareceu-lhe tudo enorme e muito quieto. Sentiu-se pequeno, frio e assustado. Não pensara, antes, que talvez não fosse justo obter um prémio por uma abóbora criada a leite.

Talvez o prémio se destinasse às abóboras criadas de modo normal. Se dissesse a verdade, talvez lhe tirassem o prémio, ou pensassem que tentara fazer batota.

Olhou para o pai, mas o rosto dele não lhe disse o que deveria fazer.

- Eu... eu... sachei-a e...

Compreendeu, de repente, que estava a mentir e que o pai estava a ouvi-lo mentir. Olhou para o Sr. Paddock e acrescentou:

- Criei-a com leite. É uma abóbora criada a leite. Não... não faz mal?

- Claro que não faz mal - respondeu o Sr. Paddock.

O pai riu-se e disse:

- Há truques em todas as profissões menos nas nossas, Paddock. Mas talvez também haja uns truquezinhos na agricultura e na construção de carros, hem?

Almanzo compreendeu então como fora pateta. O pai sabia tudo a respeito da abóbora, e o pai não faria batota.

Depois foi passear com o pai pelo meio da multidão. Viram outra vez os cavalos. O potro que ganhara o prémio não era tão bom como o Estrelado. Almanzo desejou que o pai levasse o Estrelado à feira, no próximo ano.

148 149

Depois assistiram às corridas a pé e às competições de salto e lançamento. Participaram rapazes da cidade, mas os rapazes das quintas ganharam quase sempre. Almanzo não se esquecia da sua abóbora premiada e sentia-se satisfeito.

De regresso a casa, à tarde, sentiam-se todos felizes. O bordado e lã de Alice ganhara o primeiro prémio e Elisa Jane tinha uma fita encarnada e Alice uma azul do concurso de geleias. O pai disse que naquele dia a família Wilder ganhara o direito a sentir-se orgulhosa:

Houve ainda outro dia de feira, mas não foi muito divertido. Almanzo estava cansado de se divertir. Três dias seguidos era demasiado. Não lhe parecia bem estar outra vez vestido a preceito e abandonar a quinta. Sentia-se inseguro, como nas alturas de limpeza da casa. Ficou satisfeito quando a feira acabou e pôde voltar tudo à normalidade.

150

22 - OUTONO

- O vento soprava do norte - disse o pai, ao pequeno-almoço. - E estão a formar-se nuvens. Acho melhor colhermos as nozes de faia antes que neve.

As faias ficavam no bosque, a mais de 3 km pela estrada, mas a menos de 1 km através dos campos. O Sr. Webb era um bom vizinho e deixava o pai atravessar a sua terra.

Almanzo e Royal puseram os bonés e vestiram os casacos quentes, Alice pôs a capa e o capuz e partiram todos com o pai na carroça, para colherem as nozes de faia.

Quando chegavam a uma vedação de pedra, Almanzo ajudava a tirá-la para a carroça passar. As pastagens estavam desertas, os animais encontravam-se todos nos estábulos quentes; por isso, podiam deixar as vedações tiradas, até à última passagem de regresso a casa. No bosque de faias todas as folhas amarelas tinham caído. Formavam uma camada alta no chão, debaixo dos troncos esguios e dos ramos nus das faias. As nozes tinham caído depois das folhas e encontravam-se em cima delas. O pai e Royal levantaram cuidadosamente as folhas acamadas, com as forquilhas, e meteram-nas, com nozes e tudo, na carroça. Alice e Almanzo correram de um lado para o outro na carroça, a acamar bem as folhas murmurantes, a fim de arranjar espaço para mais.

151

Quando a carroça ficou cheia, Royal voltou com o pai a casa, mas Almanzo e Alice ficaram a brincar, até a carroça regressar.

Soprava um vento frio e o Sol estava encoberto. Saltitavam esqui los nas imediações, a armazenar nozes para o Inverno. No céu, muito alto, os patos selvagens apressavam-se a seguir para sul, num alarido de honks. Estava um dia maravilhoso para brincar aos índios, entre as árvores.

Quando Almanzo se cansou de brincar aos índios, sentou-se com Alice num tronco e partiram nozes de faia com os dentes.

As nozes de faia são triangulares, de um castanho brilhante e pequenas, mas cada uma está completamente cheia de miolo. São tão boas que nunca ninguém se pode faltar de as comer.

Almanzo, pelo menos, nunca se cansava de as comer, antes de a carroça regressar.

Depois ele e Alice voltaram a pisar as folhas, para as calcar, enquanto as apressadas forquilhas tornavam cada vez maior o espaço de solo nu.

Precisaram de quase todo o dia para recolherem todas as nozes. No crepúsculo frio, Almanzo ajudou a recolocar as últimas vedações de pedra, depois do último carregamento. As folhas de faia com as nozes faziam um grande monte no piso do estábulo do sul, ao lado da ciranda.

À noite, o pai disse que se acabara o Verão de São Martinho.

- Esta noite nevará - acrescentou.

E, de facto, quando Almanzo se levantou na manhã seguinte, a luz tinha um ar enevoado e ele viu, pela janela, que o solo e os telhados dos estábulos estavam brancos de neve.

O pai estava satisfeito. A neve macia tinha 15 centímetros de espessura, mas o chão ainda não estava gelado.

Chamava a essa neve «adubo do pobre» e, juntamente com Royal, misturou-a com a terra de todos os campos. Aquela neve trazia qualquer coisa do ar para o solo, qualquer coisa que ajudaria as sementes a crescer.

Entretanto, Almanzo também ajudou o pai. Vedaram bem as janelas de madeira dos estábulos e pregaram todas as tábuas que o Sol e a chuva do Verão tinham soltado. Acamaram à volta das paredes do estábulo palha das baías e fizeram o mesmo às da casa, mas com palha limpa e nova. Colocaram pedras em cima da palha, para os ventos a não levarem. Colocaram portas e janelas de protecção contra as tempestades na casa, e fizeram-no mesmo a tempo. O fim dessa semana foi assinalado pela primeira solidificação da neve gelada.

O frio de rachar chegara para ficar, e chegara também a altura da matança.

No alvorecer frio, antes do pequeno-almoço, Almanzo ajudou o pai a levar o grande caldeirão de ferro para junto dos estábulos. colocaram-no em cima de pedras e acenderam-lhe uma fogueira por baixo. Levava três barris de água. John Preguiçoso e Joe Francês chegaram antes de eles acabarem e só houve tempo para um pequeno-almoço apressado. Naquele dia abateriam cinco porcos e um vitelo de um ano. Assim que um dos animais estava morto, o pai, Joe e John mergulhavam a carcaça na água a ferver do caldeirão e depois colocavam-na em cima de umas tábuas. Com facas de carnicheiro, raspavam-lhe os pêlos todos. Em seguida suspendiam-no de uma árvore, pelas patas traseiras, abriam-no e recolhiam as entranhas num alguidar.

Almanzo e Royal levavam o alguidar para a cozinha, onde a mãe e as irmãs lavavam o coração e o fígado e tiravam todos os bocadinhos de gordura das entranhas, para fazer banha.

O pai e Joe esfolaram o vitelo cuidadosamente. O couro saiu inteiro. Todos os anos o pai matava um vitelo e aproveitava o couro para fazer sapatos.

Os homens passaram a tarde toda a cortar a carne e Almanzo e Royal andaram num virote, a guardá-la. Os pedaços de carne de porco gorda foram metidos em sal, nas barricas da cave. Os presuntos e as pás foram metidos cuidadosamente no tempero especial que a mãe fizera com sal, açúcar de bordo, salitre e água, tudo fervido junto. O tempero tinha um cheiro que provocava espirros.

O entrecosto, os ossos da espinha, os corações, os fígados, as línguas e toda a carne para enchidos tinham de ir para o sótão do telheiro da lenha. O pai e o Joe também lá penduraram os quartos do vitelo. A carne gelaria no sótão e permaneceria gelada todo o Inverno.

A matança terminou nessa noite. Joe Francês e John Preguiçoso foram para casa a assobiar, com carne fresca em pagamento do seu trabalho, e a mãe fez entrecosto para o jantar. Almanzo gostava de arrancar a carne dos ossos compridos e curvos. E também gostava do molho castanho, sobre o cremoso puré de batata.

Durante toda a semana seguinte a mãe e as irmãs não pararam, e a mãe também exigiu a presença de Almanzo na cozinha, para ajudar. Cortaram a gordura de porco e ferveram-na em grandes caçarolas, no fogão.

152 153

Quando estava bem cozida, a mãe coou a banha por panos brancos e deitou-a em grandes vasilhas de pedra.

Depois da coadura, ficavam nos panos torresmos castanhos e estaladiços. Almanzo surripiava alguns sempre que podia e comia-os. A mãe dizia que eram demasiado ricos para ele e guardava-os para usar no pão de milho, para dar gosto.

Depois fez a galantina. Cozeu as seis cabeças até a carne se serrar dos ossos, cortou-a aos bocadinhos, temperou-a e misturou-a com o caldo da cozedura. Deitou então tudo em panelas de 6 litros. Quando arrefeceu, parecia geleia, por causa da espécie de gelatina largada pelos ossos.

Fez a seguir carne picada. Cozeu os melhores bocados de carne de vaca e de porco e cortou-os muito miudinhos. Misturou-lhes diversas especiarias, açúcar e vinagre, maçãs aos bocadinhos e brande, e encheu dois grandes boiões. Tinha um cheiro delicioso e a mãe deixou Almanzo comer o que ficara agarrado ao alguidar onde fizera a mistura.

Ele passava esse tempo todo a moer carne para enchidos. Metia milhares de bocados de carne na máquina de picar e dava à manivela horas e horas. Ficou aliviado quando acabou. A mãe temperou-a e moldou-a em bolas grandes, e Almanzo teve de as levar todas para o sótão do telheiro da lenha e empilhá-las em panos limpos. Ficariam ali, geladas, todo o Inverno, e todas as manhãs a mãe dividiria uma bola em pequenos bolinhos que fritaria para o pequeno-almoço.

O fabrico das velas era o fim do tempo da matança.

A mãe raspava as grandes caçarolas da banha e enchia-as de bocadinhos de gordura do vitelo. A gordura da carne de vaca não faz banha; derrete-se e transforma-se em sebo. Enquanto a gordura se derretia, Almanzo ajudou a preparar os pavios, nos moldes das velas.

Um molde de velas era composto por duas séries de tubos de folha, presos uns aos outros e apoiados em seis pés. Um molde tinha 12 tubos, abertos em cima e a afunilar até formar um bico, em baixo. Cada bico tinha um buraquinho.

A mãe cortava um bocado de pavio de vela para cada tubo, dobrava-o por cima de um pau e torcia-o até formar uma pequena corda. Depois humedecia o polegar e o indicador e enrolava muito bem as duas extremidades, até formar uma ponta fina. Quando tinha seis cordas no pau, metia-as nos seis tubos, no cimo dos quais ficava o pau. As pontas torcidas saíam pelos buraquinhos das pontas dos tubos. Almanzo puxava bem uma de cada vez e enterrava a ponta aguçada do tubo numa batata crua, para manter o pavio bem esticado.

Quando cada tubo tinha o seu pavio bem direito e esticado pelo meio abaixo, a mãe deitava cuidadosamente o sebo quente. Enchia cada tubo até acima e, depois, Almanzo punha o molde fora de casa, a fim de arrefecer.

Quando o sebo ficava duro, levava o molde para dentro e tirava as batatas. A mãe mergulhava rapidamente todo o molde em água a ferver e puxava os paus: cada pau trazia seis velas penduradas.

Então Almanzo separava-as do pau, aparava as pontas do pavio da extremidade achatada e deixava nas pontas aguçadas apenas a quantidade de pavio necessária para acender. Arrumava então as velas direitas e lisas em rimas brancas.

Almanzo passou um dia inteiro a ajudar a mãe a fazer velas.

Nessa noite tinham uma quantidade suficiente para durar até à época da matança do ano seguinte.

154 155

23 - O SAPATEIRO

A mãe andava preocupada e carrancuda porque o sapateiro não aparecera. Os mocassins de Almanzo estavam num frangalho e as botas do ano anterior já não serviam a Royal, que lhes tivera de fazer uns cortes, à volta, para conseguir calçá-las. Os pés doíam-lhes do frio, mas não se podia fazer nada enquanto o sapateiro não viesse.

Já quase chegara a altura de Royal, Elisa Jane e Alice irem para a Academia e não tinham calçado. Mas o sapateiro continuava a não aparecer.

A tesoura da mãe não parava, corta que corta na bonita fazenda cinzenta que tecera. Cortou, provou, alinhavou e coseu, e fez a Royal um elegante fato novo, com sobretudo a condizer. Fez-lhe também um boné com orelheiras que se abotoavam em cima, como os comprados na loja.

Para Elisa Jane fez um vestido bonito de fazenda cor de vinho, e para Alice um vestido azul-índigo. As irmãs descosiam os vestidos e as toucas antigos, limpavam-nos, passavam-nos a ferro e voltavam a cosê-los pelo avesso, a fim de parecerem novos. Enfim, viravam-nos, como se diz.

À noite, as agulhas de tricotar da mãe não paravam, a fazer meias para todos. Tricotava tão depressa que as agulhas aqueciam, de tanto roçarem umas pelas outras. Mas, se o sapateiro não aparecesse a tempo, não teriam sapatos novos.

Ele não apareceu. As saias das raparigas tapavam-lhes os sapatos rotos, mas Royal teve de ir para a Academia com o bonito fato novo e as botas do ano anterior, todas cortadas à volta e a deixarem ver as meias brancas. Não houve outro remédio.

Chegou a última manhã. O pai e Almanzo trataram dos animais. as janelas da casa brilhavam, com a luz das velas, e Almanzo sentiu a falta de Royal nos estábulos. Royal e as irmãs apresentaram-se vestidos de ponto em branco, ao pequeno-almoço. Ninguém comeu muito. O pai foi atrelar os cavalos e Almanzo trouxe as malas de viagem para baixo.

Gostaria que Alice se não fosse embora. Os guizos do trenó soaram, à porta, e a mãe riu-se e limpou os olhos ao avental.

Aproximaram-se todos do trenó. Os cavalos escarvavam e faziam tocar os guizos. Alice pôs a manta por cima da enorme saia de balão e o pai deixou os cavalos partir. O trenó deslizou e saiu para a estrada. O rosto velado de preto de Alice voltou-se para trás e ela gritou:

- Adeus! Adeus!

Almanzo não gostou muito desse dia. Parecia tudo grande, silencioso e deserto. Almoçou sozinho com o pai e a mãe. A hora de tratar dos animais começou mais cedo, porque Royal não estava. Almanzo detestava entrar em casa e não ver Alice. Até sentia a falta de Elisa Jane.

156 157

Depois de se deitar, ficou muito tempo acordado, a pensar no que estariam eles a fazer, a oito longos quilómetros de distância.

Na manhã seguinte, o sapateiro apareceu! A mãe foi à porta e disse-lhe:

- Que linda altura de aparecer, francamente! Três semanas atrasado e os meus filhos praticamente descalços!

Mas o sapateiro tinha tão mau génio que ela não foi capaz de ficar zangada muito tempo. A culpa não era dele; tinham-no demorado três semanas numa casa, a

fazer sapatos para um casamento. O sapateiro era um homem gordo e alegre, cujas faces e cujo ventre estremeciam quando ele se ria. Colocou a bancada de sapateiro na sala de jantar, perto da janela, e abriu a caixa das ferramentas. A mãe já começara a rir-se dos seus gracejos. O pai foi buscar os couros curtidos do ano passado e levou a manhã toda a falar com o sapateiro a respeito deles.

A hora do almoço foi alegre. O sapateiro contou todas as novidades, elogiou a comida da mãe e contou anedotas que fizeram o pai rir à gargalhada e obrigaram a mãe a enxugar os olhos. Depois perguntou ao pai o que devia fazer primeiro, e o pai respondeu-lhe:

- Acho melhor começar pelas botas para o Almanzo.

Almanzo quase não acreditou. Havia tanto tempo que desejava ter umas botas! Pensara que teria de usar mocassins até os seus pés deixarem de crescer tão depressa.

- Estragas o rapaz, James - protestou a mãe, mas o pai respondeu-lhe:

- Ele agora já tem idade para usar botas.

Almanzo estava ansioso por que o sapateiro começasse.

Primeiro, o homem foi ver a madeira que estava no telheiro.

Precisava de um bocado de bordo perfeitamente seco e com um grão direito e fino. Quando o encontrou, pegou na sua pequena serra e serrou duas tábuas finas. Uma exactamente com 2,5 centímetros de espessura e outra com 1,25 centímetros de espessura. Mediu e serrou-lhes os cantos a direito.

Levou as tábuas para a bancada, sentou-se e abriu a caixa das ferramentas. A caixa estava dividida em pequenos compartimentos, nos quais estava muito bem arrumada toda a espécie de ferramentas de sapateiro.

Colocou o bocado mais grosso de bordo na bancada, à sua frente. Pegou numa faca comprida e afiada e abriu pequenos sulcos em toda a parte de cima da madeira. Depois virou-a e cortou sulcos em sentido contrário a fazer uns picozinhos pequeninos e aguçados.

Apoiou o gume de uma faca direita e estreita entre dois sulcos e bateu devagarinho com um martelo. Saiu uma faixa delgada de madeira, toda entalhada ao longo de um lado. Mudou a faca de lugar e foi batendo, até a madeira ficár toda em tiras. Depois agarrou numa por uma ponta, meteu a faca nos entalhes e todas as vezes que batia soltava-se uma cavilhazinha de madeira. Cada cavilha tinha centímetros de comprimento e era aguçada na ponta.

Também transformou a tábua mais delgada em cavilhas, estas com 1,25 centímetros de comprimento.

O sapateiro podia, finalmente, tirar as medidas a Almanzo, para lhe fazer as botas.

O rapaz descalçou os mocassins e as meias e apoiou o pé num bocado de papel, enquanto o sapateiro lhe desenhava cuidadosamente os contornos dos pés, com o grande lápis.

Depois mediu-lhe os pés em todas as direcções e tomou nota das medidas obtidas.

Como já não precisava mais de Almanzo, ele foi ajudar o pai a debulhar milho. Tinha uma cavilha debulhadora igual à do pai, mas mais pequena. Afivelou a correia à volta da luva direita e a cavilha debulhadora ficou espetada, como um segundo polegar, entre o dedo polegar e os outros.

Ele e o pai sentaram-se nos bancos de ordenhar, no pátio frio, junto dos molhos de milho. Puxavam maçarocas dos caules, seguravam-lhes as pontas secas entre o polegar e a cavilha debulhadora e separavam as maçarocas da palha. Por fim, deitavam as maçarocas nuas em cestos de alqueire.

Quanto aos pés e às compridas folhas secas, amontoavam-nos. O gado novo comeria as folhas.

Quando debulharam todo o milho a que podiam chegar, puxaram os bancos mais para a frente e continuaram. Palha e caules iam-se amontoando atrás deles. O pai despejava os cestos cheios nas arcas do milho, que se iam enchendo.

Não estava muito frio no pátio. Os grandes estábulos quebravam os ventos frios e caía neve seca dos caules do milho. Os pés de Almanzo doíam-lhe, mas ele pensava nas botas novas e calava-se. Estava desejoso que chegasse a hora de jantar, para ver o que o sapateiro fizera.

Nesse dia o sapateiro desbastara duas formas de madeira, exactamente do formato dos pés de Almanzo. Enfiavam-se, de cano para baixo, num toro alto que saía da bancada do sapateiro, e separavam-se em metades.

158 159

Na manhã seguinte, o sapateiro cortou solas do meio grosso couro e palmilhas do mais delgado, próximo da beira. As partes de cima cortou-as do couro mais macio. Depois encerou o couro.

Com a mão direita puxava um bocado de fio através do bloco de cera preta, de sapateiro, que tinha na palma da mão esquerda, e rolava o fio debaixo da palma direita, pela frente do avental de couro abaixo. Depois puxava-o e enrolava-o outra vez. A cera produzia som crepitante e os braços do sapateiro iam e vinham, iam e vinham até o fio ficar preto e brilhante e rígido da cera.

Depois colocou uma dura cerda de porco junto de cada ponta de fio e encerou e enrolou, encerou e enrolou, até as cerdas estarem bem coladas ao fio.

Finalmente estava tudo preparado para coser. Uniu as partes superiores de uma bota e prendeu-as num torno. As arestas ficaram viradas para cima, direitas e firmes. Com a sovela, o sapateiro abriu um buraco no couro. Passou as duas cerdas pelo buraco, uma de cada lado, e com os braços fortes puxou o fio e apertou bem. Abriu outro buraco, passou por ele as duas cerdas e puxou de novo, até o fio se enterrar no couro. Estava dado um ponto.

- Isto é um primor! - exclamou. - Os teus pés não se molharão dentro das minhas botas, nem mesmo que te metas dentro de água com elas. Ainda nunca fiz uma costura que não resistisse à água.

Ponto a ponto, coseu as partes superiores. Em seguida, meteu as botas dentro de água, para ficarem de molho até ao outro dia.

Na manhã seguinte, meteu uma das formas no toro da bancada, com a sola para cima. Colocou-lhe a sola interior de couro e enfiou a parte superior de uma bota, cujas arestas dobrou para cima da sola exterior. Depois colocou por cima a sola grossa de fora e a bota ficou, de cano para baixo, na forma.

O sapateiro abriu buracos com a sovela a toda a volta da sola e enfiou em cada buraco uma das cavilhas de bordo mais curtas. Fez um tacão de couro grosso e pregou-o no seu lugar, com as cavilhas de bordo mais compridas. A bota estava feita.

As solas húmidas tinham de secar durante a noite. De manhã, o sapateiro tirou as formas e, com uma raspadeira, raspou as pontas das cavilhas que tinham ficado no lado interior das botas.

Almanzo calçou-as. Serviam-lhe perfeitamente e os tacões faziam um barulho autoritário no chão da cozinha.

No sábado de manhã, o pai foi a Malone buscar Alice, Royal e Elisa Jane, a fim de tirarem as medidas para os sapatos novos.

A mãe estava a preparar um grande almoço para eles, e Almanzo deixou-se ficar pelas imediações do portão, ansioso por voltar a ver Alice.

Ela não mudara nada. Antes mesmo de saltar da carruagem, gritou:

- Oh, Almanzo, tens botas novas!

Estava a estudar para ser uma senhora fina e falou a Almanzo das suas lições de música e comportamento. Mas disse que se sentia contente por estar de novo em casa.

Elisa Jane, essa, estava mais autoritária do que nunca.

Disse que as botas de Almanzo faziam barulho de mais, e até confessou à mãe sentir-se mortificada porque o pai bebia o chá pelo pires.

- Valha-me Deus! - exclamou a mãe. - Como havia ele de arrefecê-lo?

- Já não é moda beber pelo pires - respondeu Elisa Jane. - As pessoas finas bebem pela chávina.

- Elisa Jane! - ralhou Alice. - Tem vergonha! Acho o pai tão fino como qualquer outro!

A mãe até parou de trabalhar. Tirou as mãos do alguidar e virou-se para Elisa Jane.

- Minha menina, já que queres exhibir a tua bonita educação, diz-me cá de onde vieram os pires.

Elisa Jane abriu a boca, voltou a fechá-la e ficou com cara de parva.

- Vieram da China - respondeu a mãe. - Trouxeram-nos da China marinheiros holandeses há 200 anos, quando pela primeira vez navegaram à volta do cabo da Boa Esperança e descobriram a China. Até essa altura, as pessoas bebiam pelas chávenas, pois não tinham pires. Desde que passaram a ter pires, passaram a beber por eles. Acho que podemos continuar a fazer o que as pessoas fazem há 20 anos. Não julgues que vamos mudar, por causa de uma ideia moderna que adquiriste na Academia de Malone.

Foi o bastante para calar Elisa Jane.

Royal falou pouco. Vestiu a roupa velha e fez a sua parte das tarefas, mas não pareceu interessado. E nessa noite, quando se deitaram, disse a Almanzo que ia ser gerente de um armazém.

- Serás mais parvo do que eu se passares todos os teus dias a labutar numa quinta - afirmou.

- Gosto de cavalos - respondeu-lhe Almanzo.

- Ora, os gerentes de armazéns também têm cavalos - replicou: - Vestem-se todos os dias como deve ser, andam limpos e deslocam -se numa carruagem puxada por uma parelha.

Nas cidades até há homens que têm cocheiros para os conduzirem.

Almanzo não o disse, mas pensou que não queria um cocheiro para nada. O que queria era adestrar potros e conduzir pessoalmente os seus próprios cavalos.

Na manhã seguinte, foram todos à igreja juntos. Deixaram Royal, Elisa Jane e Alice na Academia e o sapateiro regressou com eles à quinta. Passava os dias a assobiar e a trabalhar na sua bancada de trabalho na sala de jantar, até todas as botas e todos os sapatos ficarem prontos. Passou lá duas semanas, e quando carregou a bancada e as ferramentas no seu carro e partiu para casa do cliente seguinte, a casa pareceu de novo vazia e silenciosa.

Nessa noite, o pai disse a Almanzo:

- Bem, filho, o milho está descascado. Que dizes a fazermos um trenó para Estrela e Brilhante, amanhã?

- Oh, pai! - exclamou Almanzo. - Posso... deixa-me carregar madeira do bosque, este Inverno?

Os olhos do pai cintilaram, quando perguntou:

- Se não fosse para isso, para que precisarias de um trenó de atrelar?

24 - O PEQUENO TRENÓ DE ATRELAR

Nevava, na manhã seguinte, quando Almanzo foi com o pai ao bosque. Grandes flocos penugentos cobriam tudo de uma espécie de véu, e quando se estava sozinho, se continha a respiração e se escutava, conseguia-se ouvir o som suave e quase imperceptível da neve a cair.

O pai e Almanzo caminharam pelo meio da neve, no bosque, a procurar pequenos carvalhos direitos. Quando encontraram um, o pai derrubou-o. Cortou-lhe todos os ramos, que Almanzo empilhou muito bem, e depois meteram tudo no trenó.

Em seguida procuraram duas pequenas árvores curvas, para fazerem patins curvos. Precisariam de ter uns 12,5 centímetros de diâmetro e 1,80 metros de altura, antes de começarem acurvar. Seriam difíceis de encontrar. Em todo o bosque não havia duas árvores iguais.

- Não encontrarias duas árvores iguais em todo o mundo, filho - afirmou o pai.
- Nem mesmo duas folhas de erva são iguais. Se reparares bem, tudo é diferente de tudo o mais.

Tiveram de optar por duas árvores que eram um pouco semelhantes. O pai abateu-as e Almanzo ajudou a carregá-las no trenó. Depois regressaram a casa, a horas de almoço.

Nessa tarde, o pai e Almanzo fizeram o pequeno trenó de atrelar, no piso do celeiro grande.

Primeiro o pai desbastou as bases dos patins, até as tornar planas e lisas, bem à volta do arqueamento das pontas dianteiras reviradas para cima. Logo atrás do arqueamento,

163

desbastou uma extensão plana na parte de cima e outra perto das pontas da retaguarda. Depois desbastou dois bocados de madeira, para travessas.

Desbastou-os até ficarem com 25 centímetros de largura e 7,5 centímetros de altura e serrou-os com 1,20 metros de comprimento. Teriam de ficar de cutelo.; Desbastou-lhes os cantos, para se ajustarem nas extensões planas dos patins. A seguir, desbastou-lhes uma curva, na parte debaixo, para poderem deslizar na neve alta do meio da estrada.

Colocou os patins ao lado um do outro, com 1,05 metros de afastamento, e assentou-lhes as travessas. Mas não uniu ainda as diversas Peças.

Desbastou dois bucados de madeira, com 1,80 metros de comprimento e planos de ambos os lados e colocou-os sobre as travessas, em cima dos patins.

Depois, com um furador, abriu um buraco na tábua, atravessando também a travessa e penetrando no patim. Furou rente ao patim e o furador fez meio buraco pelo lado da travessa abaixo. Do outro lado da travessa, abriu um buraco igual ao primeiro.

Cravou nos buracos cavilhas de madeira resistentes. As cavilhas atravessaram a tábua e entraram no patim e ficaram bem ajustadas nos meios buracos de ambos os lados da travessa.

Duas cavilhas uniram firmemente a tábua, a travessa e o patim, a um dos cantos do trenó.

O pai abriu os buracos nos outros três cantos e Almanzo cravou as cavilhas, com o martelo. Ficou assim pronto o corpo do trenó.

Então o pai abriu um buraco no sentido da largura, em cada patim, perto da travessa da frente. Desbastou a casca de um tronco fino e aguçou-lhes as pontas, de modo que entrassem nos buracos.

Almanzo e o pai afastaram as extremidades curvas dos patins o mais que puderam e o pai encaixou as extremidades do pequeno tronco nos buracos. Quando o pai e Almanzo o largaram, os patins mantiveram o pequeno tronco firmemente apertado entre eles.

Seguidamente, o pai abriu dois buracos no tronco, rente aos patins: serviriam para segurar o varal do trenó. Para fazer o varal utilizou um rebento de olmo, visto o olmo ser mais resistente e mais flexível do que o carvalho. O rebento tinha 3 metros de comprimento, de ponta a ponta. O pai enfiou um anel de ferro na ponta e martelou-o até ficar bem justo e a 75 centímetros da outra extremidade. Abriu então essa extremidade em duas até ao anel de ferro, que impediria o tronco de se abrir mais.

164

Aguçou as pontas abertas e enfiou-as nos buracos do tronco que servia de travessa. Depois abriu buracos através do tronco até às duas pontas do varal e cravou cavilhas nos buracos.

Próximo da ponta do varal cravou um espigão de ferro, que foi sair do outro lado. A ponta do varal entraria no anel de ferro do lado de baixo da canga dos vitelos, e quando eles recuassem o anel de ferro exerceria pressão contra o espigão e o varal rígido empurraria o trenó para trás.

Estava pronto o trenó de atrelar. Eram quase horas de tratar dos animais, mas Almanzo não deixaria o seu trenozinho enquanto ele não tivesse condições para transportar madeira.

Por isso, o pai abriu rapidamente buracos nas extremidades das tábuas, até às travessas, e Almanzo enfiou em cada buraco uma vara de 1,20 metros de comprimento. As varas erguiam-se nos quatro cantos do trenó e serviriam para conter os troncos quando ele transportasse madeira do bosque.

Estava a formar-se uma tempestade. A neve que caía redemoinhava e o vento assobiava, com um som solitário, quando Almanzo e o pai levaram os baldes cheios de leite para casa, nessa noite.

165

Almanzo estava desejoso de que houvesse uma camada de neve alta, para poder começar a transportar madeira com o novo trenó. Mas o pai ouviu barulho da tempestade e disse que no dia seguinte não poderia trabalhar fora de portas. Teriam de ficar debaixo de tecto; por isso, talvez fosse melhor começarem a malhar o trigo.

166

25 - A DEBULHA

O vento assobiava, a neve redemoinhava e os cedros emitiam um som lamentoso. Os ramos esqueléticos das macieiras entrechocavam-se como ossos. Fora de casa estava tudo escuro, agreste e barulhento.

Mas nos estábulos sólidos e resistentes havia sossego. A tempestade atacava-os, ululante, mas eles mantinham-se imperturbáveis. Conservavam o próprio calor dentro de si.

Quando Almanzo fechou a porta, depois de entrar, o som da tempestade não vencia o sossego quente dos estábulos. Os cavalos viravam-se nas suas baias e relinchavam suavemente; os potros empinavam a cabeça e escarvavam. As vacas estavam em fila, umas a seguir às outras, a abanar placidamente a cauda. Ouviam-se ruminar.

Almanzo afagou o focinho macio dos cavalos e olhou avidamente para os potros de olhos brilhantes. Depois foi à casa das ferramentas, onde o pai estava a consertar um mangual.

O mangual soltara-se do cabo e o pai voltara a juntar uma coisa à outra. O mangual era um pau de madeira dura, com 90 centímetros de comprimento e a grossura de um cabo de vassoura. Tinha um buraco, numa das extremidades. O cabo media 1,50 metros de comprimento e terminava num punho redondo.

O pai enfiou uma tira de couro no buraco do mangual e uniu as pontas, a fazer um arco. Pegou noutra tira de couro e fez-lhe um corte em cada extremidade.

167

Enfiou-a no arco de couro do mangual e passou as aberturas por cima do punho do cabo.

O mangual e o seu cabo estavam assim flexivelmente unidos pelas duas laçadas de couro e o mangual podia virar facilmente para qualquer direcção.

O mangual de Almanzo era igual ao do pai, mas era novo e não precisava de conserto. Quando o do pai ficou pronto, foram para a eira do estábulo do sul.

Ainda havia um leve cheiro a abóboras, embora o gado já as tivesse comido todas. As folhas de faia exalavam um cheiro que lembrava madeira e do trigo vinha um cheiro a palha. Lá fora, o vento continuava a assobiar e a neve a cair em turbilhões, mas ali havia calor e sossego.

O pai e Almanzo desataram diversos feixes de trigo e espalharam-no no chão de madeira limpo.

Almanzo perguntou ao pai porque não alugava a máquina de debulhar. No último Outono, três homens tinham-na levado para a região e o pai fora vê-la trabalhar. Debulhava toda a colheita de cereal de um homem em poucos dias.

- Isso é uma maneira de debulhar de preguiçoso - respondeu-lhe o pai. - A pressa origina desperdício, mas um preguiçoso prefere ver o seu trabalho feito depressa a ter de fazê-lo ele próprio. A máquina mastiga de tal maneira a palha que ela deixa de prestar para alimentar o gado, além de espalhar o grão a toda a volta, o que é um desperdício. A única coisa que poupa é tempo. Mas para que serve o tempo, filho, sem nada que fazer? Queres passar todos os dias tempestuosos deste Inverno sentado a olhar para as moscas?

- Não! - afirmou Almanzo: bem lhe bastavam os domingos!

Espalharam o trigo com uma altura de 5 a 8 centímetros, no chão. Depois voltaram-se um para o outro, pegaram no cabo dos manguais com ambas as mãos, ergueram-nos acima da cabeça e bateram no trigo.

Primeiro bateu o pai, depois Almanzo, depois o pai, depois Almanzo. TUD! Tud! TUD! Tud! Era como marchar ao compasso da música no Dia da Independência. Era como tocar o tambor. TUD! Tud! TUD! Tud!

Os grãos de trigo saíam das pequenas cascas e caíam através da palha, da qual subia um odor leve e bom que lembrava campos de cereal maduro ao sol.

Antes de Almanzo se cansar de brandir o mangual, chegou a altura de usar as forquilhas. Levantava cuidadosamente a palha na forquilha, sacudia-a e despejava-a ao lado. Os grãos de trigo castanhos estavam espalhados no chão. Almanzo e o pai espalharam-lhe por cima mais feixes desmanchados e pegaram de novo nos manguais. Quando o trigo debulhado já fazia altura, no chão, Almanzo puxou-o para o lado com uma grande raspadora de madeira. Durante todo o dia a pilha de trigo foi ficando mais alta. Pouco depois da hora de tratar dos animais, Almanzo varreu o chão que ficava defronte da ciranda. Depois o pai deitou pazadas de trigo no funil, enquanto Almanzo dava à manivela. As pás zumbiam no interior da máquina, uma nuvem de moinha saía pela frente e os grãos de trigo limpo saíam do lado e deslizavam para o monte que crescia no chão. Almanzo meteu um punhado na boca. Tinham um gosto adocicado, quando mastigados, e duravam muito tempo. Continuou a mastigar enquanto segurava os sacos e o pai lhes deitava para dentro pazadas de trigo. O pai encostou os sacos cheios à parede, em fila. Tinham feito um bom dia de trabalho!

- E se passássemos algumas nozes de faia, filho?

Colocaram, então, folhas de faia na ciranda e as pás fizeram saltar as folhas, enquanto as nozes triangulares saíam pela abertura. Almanzo encheu uma medida para comer nessa noite, junto do fogão de aquecimento.

Depois, a assobiar, foi tratar dos animais.

Ao longo de todo o Inverno, nos dias tempestuosos, malhariam os cereais. Quando acabassem o trigo, seria a vez da aveia, dos feijões e das ervilhas-do-canadá. Havia cereal bastante para alimentar o gado e centeio e trigo para levar ao moinho, a fim de fazer farinha. Almanzo mondara os campos, ajudara nas colheitas e agora malhava.

Ajudou a dar de comer às vacas pacientes, aos cavalos que relin chavam avidamente por cima das traves das baias, às ovelhas que baliavam e aos porcos que grunhiam. E teve vontade de dizer a todos:

- Podem confiar em mim. Já sou bastante crescido para cuidar de todos vocês.

Depois saiu e fechou bem a porta: ficavam todos alimentados, quentes e aconchegados até de manhã. Quanto a ele, enfrentou o temporal, a caminho do bom jantar que o aguardava na cozinha.

168 169

26 - NATAL

Durante muito tempo pareceu que o Natal nunca mais chegava: No Natal, iriam almoçar lá a casa o tio Andrew e a tia Délia, o tio Wesley e a tia Lindy, e todos os primos.

Seria o melhor almoço de todo o ano. E um rapaz bem comportado podia encontrar alguma coisa, na sua meia. Os rapazes maus, esses, só encontravam chibatas nas meias, na manhã de Natal.

Almanzo esforçou-se durante tanto tempo por ser bom que quase não podia suportar a tensão que isso causava. Mas, finalmente, chegou a véspera do Natal e Alice, Royal e Elisa Jane voltaram a estar em casa. As raparigas fizeram uma limpeza à casa toda e a mãe tratou dos cozinhados. Royal podia ajudar o pai a malhar o cereal, mas Almanzo teria de ajudar em casa.

Lembrou-se da chibata e tentou fazer as coisas com boa cara e boa vontade.

Teve de arear as facas e garfos de aço, de limpar as pratas e de pôr um avental à rodado pescoço. Foi buscar o tijolo de arear, raspou um montinho de pó vermelho e, com um pano húmido, esfregou as facas e os garfos com o pó.

A cozinha estava cheia de cheiros deliciosos. O pão acabado de cozer arrefecia, bolos cobertos, biscoitos, tartes de picado e tartes de abóbora enchiam as prateleiras da despensa.

No fogão, ferviam uvas-do-monte: a mãe estava a fazer molho para o ganso.

Fora de casa, o sol brilhava na neve. Os sinelos luziam e piscavam, a todo o comprimento dos beirais. Ouvia-se uma guizalhada de ós, muito longe, e dos estábulos vinha o vigoroso tud-tud! Tud! dos manguais. Quando acabou de arear todos os garfos e todas as facas, Almanzo, gravemente, limpou as pratas.

Depois teve de ir a correr ao sótão buscar salva; e de ir a correr à cave buscar maçãs, e de ir de novo a correr ao sótão buscar cebolas.

Encheu a arca da lenha. Foi a correr, ao frio, bombear água do poço.

Pensou, então, que talvez os seus trabalhos estivessem acabados, pelo menos por momentos. Mas não. Teve de dar brilho ao lado do fogão de aquecimento que ficava na casa de jantar.

- Trata tu do lado da sala, Elisa Jane - recomendou a mãe.

Almanzo podia entornar a graxa. ; As tripas de Almanzo torceram-se todas. Sabia o que aconteceria se a mãe descobrisse aquela mancha preta, escondida na parede da sala.

Não queria encontrar uma chibata na meia do Natal, mas preferia isso a ser levado pelo pai para o telheiro da lenha.

Nessa noite estavam todos cansados e a casa estava tão limpa e arrumada que ninguém se atrevia a tocar em nada. Depois do jantar, a mãe meteu o gordo ganso recheado e o leitão no forno do aquecedor, para irem assando devagar durante a noite. O pai tapou as bocas do fogão e deu corda ao relógio. Almanzo e Royal penduraram meias lavadas nas costas de uma cadeira e Alice e Elisa Jane fizeram o mesmo, nas costas de outra.

Depois pegaram todos em velas e foram-se deitar.

Ainda estava escuro quando Almanzo acordou. Sentiu-se agitado, mas depois lembrou-se de que era manhã de Natal.

Atirou a roupa para trás, saltou e chocou com qualquer coisa viva, que se encolheu. Era Royal. Esquecera-se por completo de que Royal estava ali. Mas não se atrapalhou, saltou por cima dele, a gritar:

- Natal! Natal! Feliz Natal!

Enfiou as calças por cima da camisa de dormir. Royal saltou também da cama e acendeu a vela. Almanzo agarrou-a e o irmão gritou-lhe:

- Eh, deixa-a ficar! Onde estão as minhas calças?

Mas Almanzo já corria pela escada abaixo. Alice e Elisa Jane saíram também do quarto como se voassem, mas Almanzo venceu-as. Viu logo a sua meia pendurada, cheia de altos e baixos. Pousou a vela e pegou na meia. A primeira coisa que tirou foi um boné, um boné de compra!

A fazenda aos quadrados tinha sido tecida à máquina. E o forro também. Até as costuras tinham sido feitas à máquina. E as orelheiras abotoavam-se no alto da cabeça.

170 171

Almanzo gritou de contente. Nem sequer esperara tal boné. Olhou-o bem por dentro e por fora, apalpou a fazenda e o forro brilhante. Pôs o boné na cabeça. Ficava-lhe um bocadinho grande, que ele estava a crescer. Assim poderia usá-lo durante muito tempo.

Elisa Jane e Alice estavam a meter as mãos nas suas meias e a dar gritinhos, e Royal tinha tirado um cachecol de seda.

Almanzo voltou a meter a mão na meia e tirou chupas de manioio que deviam ter custado pelo menos um níquel. Deu uma dentada na ponta de um deles. O exterior derreteu-se na boca como açúcar de bordo, mas o interior era duro e dava para chupar durante horas.

Depois tirou um par de luvas novas. A mãe tricotara os pulsos das costas das mãos com um ponto de fantasia. Tirou ainda uma laranja e um pacotinho de figos secos. Pensou que não havia mais nada e que nunca nenhum rapaz tivera um Natal melhor do que o seu. Mas na biqueira da meia estava mais qualquer coisa, qualquer coisa pequena, delgada e dura.

Tirou-a: era um canivete e tinha quatro lâminas.

Almanzo não se cansou de gritar. Abriu todas as lâminas, afiadas e reluzentes, e gritou:

- Alice, olha! Olha, Royal! Olhem, olhem, o meu canivete! E o meu boné!

A voz do pai soou, vinda do quarto às escuras:

- Olhem para o relógio!

Olharam todos uns para os outros. Depois Almanzo levantou a vela e olharam para o relógio de pé. Eram três e meia.

Nem a própria Elisa Jane soube que fazer. Tinham acordado o pai e a mãe hora e meia antes de serem horas de se levantarem!

- Que horas são? - perguntou o pai.

Almanzo olhou para Royal e Royal e Almanzo olharam para Elisa Jane. Esta engoliu em seco e abriu a boca, mas Alice falou primeiro do que ela:

- Feliz Natal, pai! Feliz Natal, mãe! São... são... faltam 30 minutos para as quatro, pai.

Ouviram o pai rir, no meio do tiquetaque, tiquetaque, do relógio.

Royal abriu as tampas do fogão de aquecimento e Elisa Jane espevitou o lume do fogão da cozinha e pôs a cafeteira ao lume. A casa estava quente e acolhedora quando o pai e a mãe se levantaram e eles tinham uma hora livre: tinham tempo para se encontrarem com as prendas.

Alice tivera um medalhão e Elisa Jane um par de brincos de granadas. A mãe fizera golas de renda novas e punhos de renda preta para ambas. Royal tivera o lenço de seda e uma boa carteira de cabedal. Mas Almanzo achava que os seus eram os melhores presentes de todos. Era um Natal maravilhoso.

Depois a mãe começou a apressar-se e a apressar todos os outros.

- É preciso tratar dos animais, coar o leite novo e guardá-lo, tomar o pequeno-almoço, preparar vegetais, arrumar a casa e vestirem-se todos antes de as visitas chegarem.

O Sol subia no céu, também apressado. A mãe estava em toda a parte, sempre a falar:

- Lava as orelhas, Almanzo! Valha-te Deus, Royal, não te metas debaixo dos pés das pessoas! Elisa Jane, lembra-te de que estás a descascar as batatas e não a

cortá-las, e não lhes deixes tantos olhos, que se ficam a ver tão bem que saltam do tacho. Conta a prata, Alice, e aparelha-a com os garfos e as facas de aço. As toalhas de mesa mais brancas estão no fundo da prateleira. Deus nos valha, as horas que já são!

Ouviram-se guizos de trenó, a subir a estrada, e a mãe fechou a porta do forno e foi a correr mudar o avental e pôr o broche. Alice desceu a escada a correr e Elisa Jane subiu-a a correr, e disseram ambas a Almanzo que endireitasse o colarinho. O pai estava a chamar a mãe, para lhe dobrar a gravata. A seguir, o trenó do tio Wesley parou, com um último toque de guizos.

Almanzo saiu de casa a gritar de contentamento e o pai e a mãe saíram atrás deles, tão calmos que até parecia nunca se terem apressado na sua vida.

Frank, Fred, Abner e Maria saltaram do trenó, todos entrouxados, e ainda a tia Lindy não entregara à mãe o bebé, já o trenó do tio Andrew se aproximava. O pátio ficou cheio de rapazes e a casa de saias de balão. Os tios bateram com os pés, para soltarem a neve das botas, e desenrolaram os cachecóis.

Royal e o primo James levaram os trenós para a casa das carruagens, desatrelaram os cavalos, puseram-nos em baias e friccionaram-lhes as pernas cobertas de neve.

Almanzo, que pusera o boné novo, mostrou o canivete aos primos. O boné de Frank, agora, já estava velho e embora ele também tivesse um canivete, este tinha só três lâminas.

Depois Almanzo mostrou-lhes Estrela e Brilhante e o pequeno trenó de atrelar, e deixou-os coçar, com maçarocas, as costas gordas e brancas de Lucy. Disse que podiam ver o Estrelado, desde que não fizessem barulho e o não assustassem.

172 173

O bonito potro sacudiu a cauda e aproximou-se airosamente deles. Mas sacudiu a cabeça e recuou quando viu a mão de Frank metida pelo meio das traves.

- Deixa-o em paz! - ordenou Almanzo.

- Aposto que não és capaz de entrar ali e montá-lo - desafiou Frank.

- Sou capaz, mas não sou idiota - replicou-lhe Almanzo. - Não cometerei a tolice de estragar este belo potro.

- Estragá-lo como? - perguntou Frank. - Tens é medo que ele te aleije! Tens medo daquele potrozinho!

- Não tenho medo nenhum - afirmou Almanzo. - Mas o meu pai não me deixa.

- Acho que, no teu lugar, eu o fazia, se quisesse - teimou Frank. - O teu pai não saberia.

Almanzo não lhe respondeu e Frank subiu para as traves da baia.

- Desce daí! - ordenou Almanzo, e agarrou numa perna do primo. - Não assustes o potro!

- Assusto-o se me apetecer - respondeu Frank, a espernear.

Almanzo não o largou. Estrelado corria à volta da baia e Almanzo desejava gritar por Royal. Mas sabia que isso ainda assustaria mais o animal.

Cerrou os dentes, puxou com todas as forças e Frank caiu de cambalhada. Todos os cavalos saltaram, assustados, e Estrelado empinou-se e chocou com a manjedoura.

- Desanco-te por causa disto - ameaçou Frank, a levantar-se.

- Experimenta e verás! - respondeu-lhe Almanzo.

Royal chegou a correr, vindo do estábulo do sul. Agarrou Almanzo e Frank pelos ombros e levou-os para fora dos estábulos. Fred, Abner e John seguiram-nos silenciosamente. Os joelhos de Almanzo tremiam, com medo de que Royal contasse ao pai.

- Eu que volte a apanhá-los a fazer idiotices perto daqueles potros, e digo ao pai e ao tio Wesley - ameaçou Royal. - Eles estripam-nos.

Sacudiu o irmão com tanta força, que Almanzo nem pôde ver como estava a sacudir Frank, e depois bateu com as cabeças dos garotos uma na outra. Almanzo viu estrelas.

- Isto é para aprenderem a não brigar. E no dia de Natal, que vergonha!

- Eu só não queria que ele assustasse o Estrelado - defendeu-se Almanzo.

174

- Cala a boca! - ordenou-lhe Royal. - Não sejas queixinhas. Agora portem-se como deve ser, se não querem arrepender-se. Vão lavar as mãos, que são horas de almoçar.

Foram todos à cozinha lavar as mãos. A mãe, as tias e as primas estavam a tirar o almoço. A mesa da sala de jantar tinha sido virada ao contrário e aberta, até ficar quase do comprimento da sala, e estava cheia a mais não poder de coisas boas para comer. Almanzo baixou a cabeça e fechou os olhos com força, enquanto o pai dizia as graças. Foi uma oração comprida, visto ser o dia de Natal. Mas, por fim, Almanzo pôde abrir os olhos e olhou silenciosamente para a mesa. Olhou para o leitão tostadinho e estaladiço que estava na travessa azul, com uma maçã na boca. Olhou para o gordo ganso assado, com os ossos das pernas espetados para cima e bocadinhos de recheio a espreitar...

175

O ruído do pai a afiar a faca na pedra de amolar deu-lhe ainda mais fome. Olhou para a grande taça de geleia de uvas-do-monte e para a fofa montanha de puré de batata, com manteiga a derreter-se escorrendo-lhe pelos lados. Olhou para o monte de puré de nabos, e para a dourada abóbora assada, e para os pálidos rábanos fritos...

Engoliu em seco e tentou desviar os olhos. Mas não pôde deixar de ver as maçãs fritas com cebola e as cenouras cristalizadas, nem de deitar o rabo do olho para os triângulos de tarte que esperavam junto do seu prato: a condimentada tarte de abóbora, a tarte de creme, que se derretia na boca, o succulento e escuro picadinho que espreitava das fendas das crostas folhadas da tarte de picado...

Apertou as mãos entre os joelhos. Tinha de estar calado e esperar, mas sentia-se dorido e vazio por dentro.

Todos os adultos da cabeceira da mesa deviam ser servidos primeiro. Estavam a passar os pratos uns aos outros, a conversar e a rir desalmadamente. O tenro leitão desfazia-se em fatias debaixo da faca de trinchar do pai. O peito branco do ganso saía, bocadinho a bocadinho, do osso do peito e deixava-o nu. Colheres iam devorando a geleia de uvas-do-monte, penetrando fundo no puré de batata e distribuindo os molhos castanhos.

Almanzo teve de esperar para o fim de tudo. Era o mais novo de todos, tirando Abner e os bebés; mas Abner era uma visita.

Por fim, o seu prato ficou cheio. A primeira garfada causou-lhe uma sensação agradável, no interior, sensação que foi aumentando enquanto ele comia, comia, comia... Comeu até mais não poder e sentiu-se muito bem por dentro. Durante um bocado, mordiscou vagarosamente a segunda fatia de bolo de frutas. Depois meteu-a na algibeira e saiu para brincar.

Royal e James estavam a escolher os lados para brincarem ao forte de neve. Royal escolheu Frank e James escolheu Almanzo.

Depois de todos escolhidos, puseram-se ao trabalho, rolando bolas de neve dos declives de neve amontoada junto aos estábulos. Rolavam-nas até as bolas estarem quase do tamanho de Almanzo e depois amontoavam-nas numa muralha. Metiam neve bem acamada entre eles e faziam um bom forte.

Em seguida, cada lado fazia as suas bolas de neve pequenas. Respiravam para a neve e apertavam-na bem, até ficar sólida.

Fizeram dúzias de bolas de neve duras. Quando estavam prontos para o combate, Royal atirou um pau ao ar e apanhou-o na queda. James agarrou o pau acima da mão de Royal, e depois Royal acima da mão de James, e assim sucessivamente até ao fim do pau.

A mão de James foi a última, o que significa que o forte era do seu grupo.

Como as bolas de neve voaram! Almanzo encolhia-se, desviava-se e gritava, além de atirar bolas de neve o mais depressa que podia, até se esgotarem. Royal avançou contra o forte com todo o inimigo atrás, e Almanzo levantou-se e atirou-se a Frank. Caíram de cabeça na neve, do lado de fora da muralha, e foram rebolando e batendo um no outro com quanta força tinham.

A cara de Almanzo estava coberta de neve e ele tinha também a boca cheia dela, mas não largava o primo e continuava a bater-lhe.

Frank passou-lhe para cima, mas Almanzo conseguiu libertar-se.

A cabeça de Frank atingiu-lhe o nariz, que começou a sangrar, mas Almanzo não se importou, Estava por cima de Frank e a bater-lhe com todas as forças, na neve alta. Não parava de repetir: Grita, basta! Grita, basta!"

Frank gemeu e mexeu-se. Conseguiu dar meia volta ao corpo, mas Almanzo continuou em cima dele. Como podia continuar em cima dele e bater-lhe, enterrou a cara do primo na neve, cada vez mais fundo, com todas as ganas. E Frank disse, ofegante:

"Basta!" Almanzo pôs-se de joelhos e viu a mãe à porta de casa, a chamar:

- Meninos, meninos! Parem de brincar. São horas de virem para dentro, aquecer-se.

Quentes estavam eles. Quentes e ofegantes. Mas a mãe e as tias achavam que os primos deviam aquecer-se antes de regressar a casa, com aquele frio. Entraram todos, cobertos de neve, e ao vê-los a mãe ergueu as mãos e exclamou:

- Valha-nos Deus!

Os adultos estavam na sala, mas os rapazes tiveram de ficar na sala de jantar, para a neve não se derreter na carpete da sala. Nem se podiam sentar, porque as cadeiras estavam cobertas de cobertores e mantas, a aquecer junto do fogão. Mas comeram maçãs e beberam sidra, de pé, e Almanzo e Abner foram à despensa e petiscaram dos pratos que lá se encontravam.

Depois, tios, tias e primas vestiram os agasalhos e foram buscar os bebés ao quarto onde dormiam, embrulhados em xales.

Os trenós iam, a guizalhar, dos estábulos e o pai e a mãe ajudaram a estender os cobertores e as mantas sobre as saias de balão. Toda a gente dizia: "Adeus! Adeus."

A música dos guizos dos trenós ouviu-se durante um bocadinho depois fez-se silêncio. O Natal terminara.

27 - TRANSPORTE DE MADEIRA

Quando a escola abriu, como de costume, em Janeiro, Almanzo não teve de ir: andava a transportar madeira do bosque de corte.

Nas manhãs geladas, antes de nascer o Sol, o pai atrelava os bois adultos ao trenó grande e Almanzo atrelava os vitelos de um ano ao seu pequeno trenó. Estrela e Brilhante já eram demasiado grandes para a pequena canga, ao passo que a maior era pesada de mais para Almanzo se avir sozinho com ela. Pierre ajudara-o a levantá-la para o pescoço de Estrela e Louis ajudara-o a empurrar Brilhante para debaixo do outro lado.

Os vitelos tinham estado ociosos todo o Verão, nas pastagens, e agora não gostavam de trabalhar. Sacudiam a cabeça, puxavam e recuavam. Foi difícil colocar os aros no seu lugar e enfiar as cavilhas. Almanzo tinha de ser paciente e brando. Fazia festas aos vitelos (embora às vezes tivesse vontade de lhes bater), dava-lhes cenouras e falava-lhes apaziguadoramente. Mas o pai já se tinha posto a caminho do bosque quando ele conseguiu, finalmente, pôr-lhes a canga e atrelá-los ao trenó.

Almanzo seguiu-o. Os vitelos obedeciam-lhe quando gritava "Giddap!" e viravam para a direita ou para a esquerda consoante gritava "gi!" ou "cHó!"

Calcorrearam a estrada, subiram e desceram encostas, e Almanzo viajou sentado no seu trenó, com Pierre e Louis atrás.

Já tinha 10 anos, conduzia os próprios bois atrelados ao seu próprio trenó e ia à floresta carregar madeira.

178

Na floresta a neve amontoava-se, alta, contra as árvores. Os ramos mais baixos dos pinheiros e dos cedros estavam enterrados nela. Não havia nenhuma estrada nem quaisquer marcas na neve, a não ser os rastos, que pareciam plumazinhas, dos pássaros e as pequenas concavidades onde tinham saltado coelhos. No coração da floresta silenciosa vibravam machados.

Os bois grandes do pai avançavam, a abrir uma estrada na neve, e os vitelos de Almanzo seguiam-nos, com dificuldade.

Embrenharam-se mais e mais na floresta, até chegarem à clareira onde Joe Francês e John Preguiçoso abatiam árvores.

Havia troncos a toda a volta, meio enterrados na neve. John e Joe tinham-nos serrado para ficarem com 4,5 metros de comprimento e alguns mediam 60 centímetros de diâmetro. Os troncos grandes eram tão pesados que nem seis homens os poderiam levantar, mas o pai tinha de os carregar no trenó.

179

Parou ao lado de um desses troncos e John e Joe foram ajudá-lo. Tinham três pranchas fortes, chamadas rampas, que metiam debaixo do tronco e que depois assentavam, em declive, no trenó. Em seguida, pegavam nos empurradores. Os empurradores eram varas com pontas aguçadas e grandes ganchos de ferro pendurados, na parte de baixo.

John e Joe colocavam-se junto das extremidades do toro, encostavam-lhe as extremidades aguçadas dos empurradores e quando os levantavam os ganchos cravavam-se no toro e rolavam-no um bocadinho para cima. Então o pai travava o meio do toro com o seu empurrador e o respectivo gancho, impedindo-o assim de rolar para trás, enquanto John e Joe soltavam rapidamente os seus ganchos e os deixavam cravar-se outra vez. O toro subia assim mais um bocadinho e o pai voltava a travá-lo, e por aí fora.

Empurraram um toro, pouco a pouco, pelas rampas inclinadas até ao trenó.

Mas Almanzo não tinha empurradores com gancho e precisava de carregar o seu trenó.

Arranjou 3 pranchas e depois, com umas varas mais pequenas, começou a empurrar por elas acima alguns dos troncos mais pequenos. Tinham 20 ou 22,5 centímetros de diâmetro e uns 3 metros de comprimento e eram torcidos e difíceis de manobrar.

Almanzo mandou Pierre e Louis para as extremidades de um tronco e ele colocou-se no meio, como o pai. Empurraram, puxaram e ofegaram, para rolar o tronco pelas pranchas acima. Trabalho difícil, porque as suas varas não tinham ganchos e, por isso, não agarravam o toro. Conseguiram carregar seis toros, mas tinham de carregar mais por cima desses, o que obrigava a colocar as pranchas ainda mais ingrememente. O trenó do pai já estava carregado e Almanzo apressou-se. Estalou o chicote e levou Estrela e Brilhante.

para o tronco mais próximo.

Um dos lados desse tronco era maior do que o outro, o que o impedia de rolar normalmente. Almanzo mandou Louis para o lado mais estreito e disse-lhe que não rolasse demasiado depressa.

Pierre e Louis empurraram o tronco uns 2 ou 3 centímetros e depois Almanzo enfiou a sua vara por baixo e travou-o, enquanto Pierre e Louis empurravam de novo. Conseguiram chegar com o tronco a boa altura de rampas íngremes. Almanzo aguentava com todas as suas forças. Tinha as pernas abertas e os pés fincados no chão, os dentes cerrados, o nariz tenso e a impressão de que os olhos lhe iam saltar das órbitas... quando, de repente, o tronco escorregou.

180

A vara saltou-lhe das mãos e bateu-lhe na cabeça. O tronco ia cair-lhe em cima. Tentou desviar-se, mas sentiu-se arremessado para a neve.

Pierre e Louis fartaram-se de gritar. Almanzo não podia levantar-se, pois o tronco estava em cima dele. O pai e John levantaram-no e Almanzo saiu, de rastos, e levantou-se.

- Estás ferido, filho? - perguntou-lhe o pai.

Almanzo estava com receio de vomitar. Conseguiu dizer:

- Não, pai.

O Pai apalpou-lhe os ombros e os braços.

- Bem, não há ossos partidos - anunciou, alegremente.

- Foi uma sorte a neve ser funda - observou John. - Caso contrário, poderia ter ficado gravemente ferido.

- Às vezes há acidentes - disse o pai. - para a próxima vez tem mais cuidado. Os homens têm de olhar por si mesmos na floresta.

Almanzo tinha vontade de se deitar. Doía-lhe a cabeça e o estômago e o pé direito nem se falava. Mas ajudou Pierre e Louis a endireitar o tronco e desta vez não tentou apressar-se. Conseguiram colocar o tronco no trenó, mas não antes de o pai ter partido com o seu carregamento.

Almanzo resolveu não carregar mais troncos daquela vez.

Subiu para a carga, estalou o chicote e gritou:

- Giddap!

Estrela e Brilhante puxaram, mas o trenó não se mexeu.

Depois Estrela tentou puxar outra vez, e desistiu. Brilhante tentou também, e desistiu no momento em que Estrela fazia nova tentativa. Pararam ambos, desencorajados.

- Giddap! Giddap! - continuou Almanzo a gritar, enquanto estalava o chicote.

Estrela tentou de novo, depois Brilhante e novamente Estrela. O trenó, nada. Estrela e Brilhante imobilizaram-se e deixaram sair a respiração pelo nariz. Almanzo tinha vontade de chorar e praguejar.

- Giddap! Giddap! - gritou.

John e Joe pararam de serrar e Joe aproximou-se.

- A carga é muita - disse. - Vocês, rapazes, desçam e vão a pé. Tu, Almanzo, fala brandamente com os animais e vai-os conduzindo assim. Ainda os tornas teimosos, se não tens cuidado.

Almanzo desceu da carga. Esfregou o pescoço aos vitelos e coçou-os á volta dos chifres. Levantou a canga um bocadinho, passou a mão por baixo e voltou a baixá-la, devagarinho.

Enquanto assim procedia, ia falando sempre aos vitelos.

181

Depois colocou-se ao lado de Estrela, estalou o chicote e gritou:

- Giddap!

Estrela e Brilhante puxaram ao mesmo tempo e o trenó arrancou. Almanzo foi a pé todo o caminho para casa. Pierre e Louis caminhavam nos rastos lisos deixados pelos patins, mas Almanzo tinha de abrir caminho pela neve macia e alta, ao lado de Estrela.

Quando chegou ao monte da lenha, em casa, o pai disse-lhe que fizera bem em apear-se.

- Para a próxima vez, filho, não carregarás uma carga tão grande, antes de a estrada estar batida. Estragas uma junta se a deixas descoordenar-se. Os animais convencem-se de que não podem puxar a carga e desistem de tentar. Depois disso, não prestam.

Almanzo não conseguiu almoçar. Estava agoniado e doía-lhe o pé. A mãe achou que talvez fosse melhor interromper o trabalho, mas Almanzo não permitiu que um pequeno acidente o detivesse.

No entanto, tornou-se mais lento. Antes de chegar ao bosque, viu o pai regressar com uma carga. Como sabia que um trenó vazio devia dar sempre passagem a um carregado, estalou o chicote e gritou:

- Gi!

Estrela e Brilhante desviaram-se para a direita e, quase antes de ele se aperceber do que estava a passar-se, começaram a enterrar-se na neve funda da vala. Não sabiam preparar caminho, como os bois adultos. Mugiram, escorregaram e enterraram-se, enquanto o trenó também se enterrava na neve.

Os pequenos vitelos tentaram virar-se, pois a canga torcida quase os asfixiava.

Almanzo debateu-se com a neve, para tentar chegar à cabeça dos animais. O pai virou-se e olhou, enquanto passava. Depois olhou de novo em frente e seguiu direito a casa.

Almanzo agarrou a cabeça de Estrela e falou-lhe brandamente.

Pierre e Louis agarraram Brilhante e os animais cessaram de se enterrar. Só se lhes viam a cabeça e o lombo acima da neve.

- Raios partam! - praguejou Almanzo.

Tiveram de desenterrar os vitelos e o trenó. Não tinham pá e, por isso, viram-se obrigados a remover toda aquela neve com as mãos e os pés. Não podiam fazer outra coisa.

Levaram muito tempo nesse trabalho, mas afastaram toda a neve da frente do trenó e dos vitelos e calcaram-na bem, até ficar lisa e firme, defronte dos patins. Almanzo endireitou o varal, a corrente e a canga.

Depois teve de se sentar e descansar um momento. Quando se levantou, afagou Estrela e Brilhante e falou-lhes encorajadoramente. Tirou uma maçã a Pierre, partiu-a ao meio e deu-a aos vitelos. Quando acabaram de comer, estalou o chicote e gritou alegremente:

-- Giddap!

Pierre e Louis empurraram o trenó com toda a sua força. O trenó moveu-se.

Almanzo gritou e estalou de novo o chicote.

Estrela e Brilhante arquearam as costas e puxaram. E assim saíram da valeta e o trenó atrás deles, com um arranco.

Pronto Almanzo resolvera aquele problema sozinho.

A estrada da floresta já estava razoavelmente batida e, dessa vez, Almanzo não carregou tantos troncos no trenó. Por isso, regressou a casa empoleirado na carga, com Louis e Pierre sentados atrás dele.

Ao fundo da estrada, viu o pai aproximar-se e disse para consigo que, desta vez, era o pai que tinha de se desviar, para lhe dar passagem.

Estrela e Brilhante andavam depressa e o trenó deslizava sem dificuldade pela estrada branca abaixo. O chicote de Almanzo estalava ruidosamente no ar gelado. Os bois do pai aproximavam-se cada vez mais, com o pai a conduzi-los no trenó grande.

Claro que os bois deviam ter dado passagem à carga de Almanzo.

Mas talvez Estrela e Brilhante se lembrassem que se tinham afastado antes... ou talvez achassem que deviam ser corteses para com bois maiores e mais velhos... Ninguém esperava que saíssem da estrada, mas a verdade é que, subitamente, saíram.

Um dos patins assentou em neve mole e lá foram o trenó, a carga e os rapazes, qual de baixo qual de cima, numa grande confusão.

Almanzo foi pelo ar e estatelou-se ao comprido na neve.

Conseguiu libertar-se e levantar-se, com muito esforço. O trenó estava de cutelo e os troncos espalhados pela neve.

Viam-se pernas e flancos castanhos enterrados na neve.

Entretanto, os bois grandes do Pai passavam calmamente.

Pierre e Louis levantaram-se da neve, a praguejar em francês. O Pai parou e apeou-se.

- Então, filho, parece que nos encontrámos outra vez...

Almanzo e o pai olharam para os vitelos. Brilhante estava caído em cima de Estrela, as pernas, a corrente e o varal estavam numa grande confusão e a canga deslizara para cima das orelhas de Estrela. Mas os animais tinham o bom senso de não tentarem mover-se.

182 183

O pai ajudou a desfazer a confusão e a levantá-los. Não estavam feridos.

Ajudou também a endireitar o trenó e, com as varas do seu trenó a servirem de rampas, voltou a carregar os troncos.

Depois recuou e não disse nada enquanto Almanzo colocava a canga a Estrela e a Brilhante, os afagava e encorajava e os fazia puxar a carga inclinada da beira da valeta para a segurança da estrada.

- Assim é que é, filho! - disse o pai. - Caímos e levantamo-nos de novo.

Seguiu o seu caminho para o bosque e Almanzo foi em sentido contrário para casa.

Durante toda essa semana e a seguinte transportou madeira do bosque para casa. Estava a aprender a ser um excelente condutor de bois e transportador de madeira. Cada dia o pé lhe doía menos e no fim já quase não coxeava.

Ajudou o pai a transportar uma enorme quantidade de troncos, para serem serrados, partidos e empilhados no telheiro da lenha.

Até que, uma noite, o pai disse que tinham carregado toda a lenha necessária para esse ano, e a mãe observou ser mais que tempo de Almanzo ir à escola, se queria aprender alguma coisa naquele Inverno.

Almanzo disse que havia a debulha para fazer e os bezerros novos para adestrar, e perguntou:

- Para que preciso de ir à escola? Sei ler e escrever e contar e não quero ser professor nem gerente de armazém.

- Sabes ler, escrever e contar - observou o pai, devagar -, mas sabes fazer contas?

- Sei, pai. Sei fazer contas... um bocadinho.

- Um agricultor precisa de saber mais do que isso, filho. É melhor ires à escola.

Almanzo não disse mais nada; sabia que seria inútil. Na manhã seguinte, pegou na lancheira e foi para a escola.

Nesse ano o seu lugar era mais atrás e, por isso, tinha uma carteira para os livros e para a ardósia. E estudou com aplicação, para aprender a aritmética toda, pois quanto mais depressa a aprendesse, mais depressa poderia deixar de ir à escola.

184

28 - A CARTEIRA DO SR. THOMPSON

O pai tinha tanto feno, nesse ano, que o gado não poderia comê-lo todo e, por isso, resolveu vender algum na cidade. Foi à floresta e trouxe um tronco de freixo direito e liso. Tirou-lhe a cortiça e, com um malho de madeira, foi-o virando - foi-lhe batendo até amaciar a camada de madeira que crescera no último Verão e poder soltar a camada inferior, que crescera no Verão anterior.

Depois, com a faca, abriu compridos golpes de ponta a ponta do tronco, com cerca de 3,5 centímetros de afastamento uns dos outros. Soltoou então essas

camadas finas e duras de madeira, em tiras de cerca de 3,5 centímetros de largura. Eram tiras de freixo.

Quando Almanzo as viu empilhadas no piso do celeiro grande, calculou que o pai ia enfardar o feno e perguntou:

- Precisarás de ajuda?

Os olhos do pai brilharam.

- Sim, filho, precisarei. Podes faltar à escola. Nunca se aprende a enfardar feno cedo de mais.

Na manhã seguinte, o Sr. Weed, o enfardador, chegou com a sua prensa e Almanzo ajudou-o a pô-la no piso do celeiro grande. Era uma resistente caixa de madeira, com o comprimento e a largura de um fardo de feno, mas com 3 metros de altura. A tampa podia fechar-se mais firmemente e o fundo era móvel.

185

Tinha duas alavancas de ferro presas ao fundo móvel, alavancas que se deslocavam sobre pequenas rodas, em carris de ferro que saíam de cada extremidade da caixa.

Os carris lembravam pequenos carris de comboio e era esse pormenor que dava o nome à prensa: prensa caminho de-ferro.

Era uma boa máquina nova de enfardar feno.

No pátio, o pai e o Sr. Weed montaram um cabrestante com uma vara comprida. Uma corda que partia do cabrestante entrava por um anel debaixo da prensa e era atada a outra corda que ia ter às rodas da ponta das alavancas.

Quando estava tudo pronto, Almanzo atrelou Bess à vara. O pai meteu feno na caixa e o Sr. Weed foi-o pisando, calcou bem até a caixa não comportar mais. Em seguida, colocou a tampa e o pai gritou:

- Pronto, Almanzo!

Almanzo bateu com as rédeas em Bess e gritou por sua vez:

- Giddap, Bess!

A égua começou a andar à volta do cabrestante e o cabrestante começou a enrolar a corda. Esta puxava as extremidades das alavancas para a enfardadeira, enquanto as extremidades interiores das alavancas empurravam o fundo móvel para cima. O fundo foi subindo lentamente, a comprimir o feno.

A corda estalava e a caixa gemia, até o feno estar tão comprimido que não era possível comprimi-lo mais. Então o pai gritou: "Aí!" E Almanzo gritou também: "Aí, Bess!"

O pai subiu para a enfardadeira e enfiou tiras de freixo pelas estreitas aberturas da caixa. Puxou-as bem à volta do fardo e atou-as firmemente.

O Sr. Weed abriu a tampa e o fardo de feno subiu, parecendo inchado entre as tiras de freixo bem apertadas. Pesava à volta de 120 kg, mas o pai levantou-o facilmente.

Depois o pai e o Sr. Weed repuseram a enfardadeira como devia ser, Almanzo desenrolou a corda do cabrestante e recomeçaram a fazer outro fardo de feno. Trabalharam durante todo o dia e à noite o pai disse que tinham enfardado o suficiente.

Almanzo sentou-se para jantar e desejou não ter de voltar para a escola. Começou a pensar em cálculos, e pensou de tal maneira que sem dar por isso as palavras lhe saíram da boca:

- Trinta fardos por carregamento a dois dólares o fardo, 60 dólares por carga...

Calou-se, assustado. Sabia muito bem que não devia falar à mesa, a não ser que lhe falassem primeiro.

186

- Valha-nos Deus, escuta o rapaz! - exclamou a mãe.

- Muito bem, filho - disse o pai. - Verifico que tiraste algum proveito do estudo. - Bebeu o chá que tinha no pires, pousou-o e olhou outra vez para Almanzo. - Não há melhor coisa do que pôr em prática o que se aprende. Que dirias a ir amanhã à cidade comigo e vender o carregamento de feno.

- Oh, sim! - quase gritou Almanzo. - Por favor, pai!

Não teve de ir à escola na manhã seguinte. Amarinhou para cima da carga de feno e deitou-se de bruços, a bater com os pés.

O chapéu do pai estava lá muito em baixo e mais em baixo ainda os lombos gordos dos cavalos. Estava tão alto como se estivesse empoleirado numa árvore.

A carga oscilava um bocadinho, a carroça gemia e os cascos dos cavalos produziam um som surdo na neve dura. O ar estava claro e frio, o Sol muito azul e os campos nevados cintilavam.

Logo a seguir à ponte sobre o rio das Trutas, Almanzo viu uma pequena coisa preta caída na estrada. Quando a carroça passou por ela, debruçou-se por cima do feno e viu que era uma carteira. Gritou e o pai parou, para ele descer e a apanhar.

Era uma carteira preta e volumosa.

Almanzo voltou a amarinhar pelos fardos de feno e os cavalos prosseguiram. Olhou para a carteira, abriu-a e viu que estava cheia de notas. Não continha nada que indicasse a quem pertencia.

Deu-a ao pai, que lhe entregou as rédeas. A parelha parecia encontrar-se muito em baixo, com as rédeas a inclinar-se para as coleiras, e Almanzo sentiu-se muito pequeno. Mas gostava de conduzir. Empunhou as rédeas cautelosamente e os cavalos continuaram a avançar firmemente. O pai examinava a carteira e o dinheiro.

- Estão aqui 1500 dólares - disse. - A quem pertencerá? Deve tratar-se de um homem que tem medo dos bancos, pois de contrário não traria tanto dinheiro consigo. Vê-se pelos vincos das notas que estão na carteira há algum tempo. São notas grandes e foram dobradas todas juntas, o que talvez signifique que as recebeu todas ao mesmo tempo. Vejamos quem é desconfiado, agarrado ao dinheiro e que vendeu qualquer coisa de valor ultimamente?...

Almanzo não sabia, mas o pai também não esperava que ele respondesse. Os cavalos contornaram uma curva na estrada tão bem como se o pai os conduzisse.

- Thompson! - exclamou o pai. - Vendeu umas terras, no Outono. Tem medo de bancos, é desconfiado e tão avarento que esfolapa uma mosca para lhe aproveitar a pele e o sebo. É do Thompson!

187

Guardou a carteira na algibeira e voltou a tomar conta das rédeas.

- Veremos se o encontramos na cidade.

O pai dirigiu-se primeiro ao Armazém de Venda e Cocheira. O dono veio ter com ele, mas o pai deixou, realmente, que fosse Almanzo a vender o feno. Recuou e não disse nada, enquanto o rapaz mostrava ao homem que o feno era composto por boa erva e trevo limpos e secos e que todos os fardos estavam bem prensados e tinham o peso-certo.

- Quanto queres por eles? - perguntou o dono do armazém.

- Dois dólares e um quarto cada fardo - respondeu Almanzo.

- Não pago esse preço. Não o vale.

- Que preço consideraria, então, justo? - perguntou Almanzo.

- Nem um centimo mais acima de dois dólares.

- Está bem, aceito dois dólares - disse Almanzo, muito depressa.

O dono do armazém olhou para o pai e depois empurrou o boné para trás e perguntou a Almanzo por que começara por pedir dois dólares e um quarto.

- Compra-o por dois dólares? - indagou Almanzo, e o homem confirmou que sim.

- Bem, pedi dois dólares e um quarto porque se tivesse pedido dois o senhor só teria pago um e setenta e cinco.

- O seu rapaz é esperto! - disse o dono do armazém ao pai, a rir.

- O tempo dirá. Muitos bons princípios têm tido maus fins.

Veremos o que ele dá, com o tempo.

O pai não aceitou o dinheiro do feno: deixou Almanzo recebê-lo, contá-lo e certificar-se de que eram 60 dólares.

Depois foram ao armazém do Sr. Chase. O armazém estava sempre cheio, mas era lá que o pai se abastecia, porque o Sr.

Chase vendia mais barato do que os outros comerciantes. O armazenista costumava dizer:

- Prefiro ganhar seis dinheiros depressa a um xelim devagar.

Almanzo ficou à espera, com o pai, que o Sr. Chase aviasse quem chegara primeiro. O Sr. Chase tratava todos com a mesma cortesia e amizade - tinha de ser assim, porque eram todos seus clientes. O pai também era cortês com toda a gente, mas mostrava-se menos amigo de certas pessoas do que de outras.

Passados momentos, o pai deu a carteira a Almanzo e disse-Lhe que procurasse o Sr. Thompson; ele tinha de ficar no armazém, à espera da sua vez. Não podia perder tempo, se queriam chegar a casa a horas de tratar dos animais...

188

Não se viam outros rapazes na rua; estavam todos na escola.

Almanzo gostou de descer a rua com todo aquele dinheiro e a pensar como o Sr. Thompson se sentiria contente por voltar a pôr-lhe os olhos em cima.

Procurou nas lojas, na barbearia e no banco. Depois viu a parelha do Sr. Thompson parada numa rua transversal, defronte da oficina de carruagens do Sr. Paddock. Abriu a porta da construção comprida e baixa e entrou.

O Sr. Paddock e o Sr. Thompson estavam parados junto do fogão bojudo, a olhar para uma prancha de nogueira e a falar a seu respeito. Almanzo esperou, pois sabia que não devia interrompê-los.

Estava quente, ali dentro, e havia um cheiro agradável a aparas, couro e tinta. Para lá do fogão, dois operários faziam uma carroça e outro pintava finas linhas encarnadas nos veios das rodas de uma carruagem nova, cuja pintura preta reluzia orgulhosamente. Havia aqui e ali montes de aparas encaracoladas e o estabelecimento era tão agradável como um estábulo num dia de chuva. Os operários assobiavam enquanto mediam, marcavam, serravam e aplainavam a odorosa madeira.

O Sr. Thompson discutia o preço de uma carroça nova. Almanzo achou que o Sr. Paddock não gostava do cliente, mas esforçava-se por Lhe vender a carroça. Calculava o preço, com o seu grande lápis de carpinteiro, e tentava brandamente convencer o Sr. Thompson.

- Compreende, tenho de pagar aos meus homens, não posso baixar mais o preço - dizia. - Estou a fazer o mais barato que posso. Garanto-Lhe que a carroça Lhe agradará, pois de contrário não será obrigado a ficar com ela.

- Bem, talvez volte a procurá-lo, se não encontrar quem me faça melhores condições noutro lado - respondeu-Lhe o Sr. Thompson, desconfiado.

- Terei prazer em servi-lo em qualquer altura - declarou o Sr. Paddock.

Depois viu Almanzo e perguntou-lhe que tal ia a porca.

Almanzo gostava do gordo e alegre Sr. Paddock, que lhe perguntava sempre por Lucy.

- Já deve pesar uns 70 kg - respondeu-lhe o rapaz, e depois voltou-se para o Sr. Thompson e perguntou-lhe:

- Perdeu uma carteira?

O Sr. Thompson deu um salto, levou a mão ao lugar da carteira e deve-se dizer que gritou:

189

- Perdi, sim! E continha 1500 dólares! Porquê? Que sabes a esse respeito?
 - É esta? - indagou Almanzo.
 - Sim, sim, é essa! - exclamou o Sr. Thompson, e deitou a mão à carteira. Abriu-a e contou apressadamente o dinheiro. Contou as notas todas duas vezes e pareceu mesmo um homem a esfolar uma mosca para Lhe aproveitar a pele e o sebo...
 Por fim, soltou um grande suspiro de alívio e comentou:
 - Bem, o demónio do rapaz não roubou nada!
 Almanzo sentiu o rosto a arder e teve vontade de bater no Sr. Thompson. Este levou a mão magra à algibeira das calças e, depois de muito remexer, tirou qualquer coisa.
 - Toma - disse, e pôs um níquel na mão de Almanzo.
 O rapaz estava tão furioso que nem via. Detestava o Sr. Thompson e só lhe apetecia fazer-lhe mal. O Sr. Thompson tratara-o por «o demónio do rapaz» e chamara-lhe praticamente ladrão. Almanzo não queria a porcaria do seu níquel para nada.
 De súbito, acudiu-lhe o que devia dizer:
 - Tome, guarde o seu níquel. Não tenho troco para lhe dar.
 O rosto mesquinho e magro do Sr. Thompson corou. Um dos operários não se conteve e soltou uma gargalhada breve e trocista, Mas o Sr. Paddock acercou-se, zangado, do Sr. Thompson e disse-lhe:
 - Não chame ladrão a este rapaz, Thompson! E fique sabendo que ele também não é nenhum pedinte! É assim que o trata, hem?
 Ele traz-lhe 1500 dólares que você perdeu e em troca chama-Lhe ladrão e dá-Lhe um níquel, hem?
 O Sr. Thompson recuou, mas o Sr. Paddock foi atrás dele e sacudiu o punho debaixo do seu nariz.
 - Avarento esganado! - gritou. - Com meu conhecimento, não fará semelhante coisa! No meu estabelecimento, nunca! Um rapazinho honesto e decente, e você... Se não fosse por coisas, eu... Entregue-lhe cem dólares desse dinheiro, e depressa! Não, cem ou duzentos! Dê-lhe duzentos dólares, se não quer sofrer as consequências!
 O Sr. Thompson tentou dizer qualquer coisa e Almanzo também, Mas os punhos do Sr. Paddock cerraram-se e os seus músculos ficaram tensos.
 - Duzentos! - gritou. - Dê-lhos depressa, se não quer que eu o obrigue!

190

O Sr. Thompson encolheu-se todo, a olhar para o Sr. Paddock, estendeu o polegar e contou apressadamente algumas notas, que estendeu a Almanzo.
 - Sr. Paddock... - começou o rapaz a dizer.
 - Agora ponha-se a andar daqui para fora, se sabe o que lhe convém! Rua!

191

Sem ter tempo de dizer nada, Almanzo deu consigo parado no meio da oficina, com o dinheiro na mão, enquanto o Sr. Thompson saía e batia com a porta.
 Almanzo estava tão agitado que começou a gaguejar. Disse não lhe parecer que o pai fosse gostar daquilo. Sentia-se estranho por aceitar todo aquele dinheiro, mas ao mesmo tempo queria ficar com ele. O Sr. Paddock disse-lhe que falaria com o pai dele. Baixou as mangas da camisa, vestiu o casaco e perguntou:
 - Onde está ele?

Almanzo quase teve de correr, para poder acompanhar as longas passadas do Sr. Paddock. Levava as notas bem apertadas na mão. O pai estava a arrumar embrulhos na carroça e o Sr.

Paddock contou-lhe o que se passara.

- Não sei como não lhe parti o demónio da cara! Mas depois pensei que nada o magoaria mais do que ter de dar dinheiro.

Além disso, acho que o rapaz tem direito a ele.

- Não creio que alguém tenha direito a alguma coisa por ser pura e simplesmente honesto - declarou o pai. - No entanto, devo dizer que aprecio a sua atitude, Sr. Paddock.

- Não digo que o rapaz merecesse mais do que uma gratidão decente por ter devolvido a Thompson o seu dinheiro. Mas acho demasiado pedir-lhe que, ainda por cima, aceite insultos. Acho que Almanzo tem direito aos duzentos dólares.

- Bem, tem uma certa razão no que diz - concordou o pai e, finalmente, acrescentou: - Está bem, filho, podes ficar com o dinheiro.

Almanzo endireitou as notas e olhou-as. Duzentos dólares.

Tanto quanto o comprador de cavalos pagara por um dos potros de quatro anos do pai.

- Muito obrigado, Sr. Paddock, por ter defendido o rapaz da maneira que defendeu - acrescentou o pai.

- Bem, posso dar-me ao luxo de perder um cliente de vez em quando, por uma boa causa - respondeu o Sr. Paddock, e em seguida perguntou a Almanzo: - Que vais fazer com todo esse dinheiro?

Almanzo olhou para o pai e perguntou-lhe:

- Posso depositá-lo no banco?

- É aí que se guarda o dinheiro - respondeu o pai, e acrescentou: - Duzentos dólares, quem diria! Eu só consegui tanto quando tinha o dobro da tua idade.

- E eu... ou mais velho, até - observou o Sr. Paddock.

O pai e Almanzo foram ao banco. Almanzo mal chegava ao balcão do caixa, que estava sentado num tamborete alto e tinha uma caneta atrás da orelha. O homem esticou o pescoço, para ver bem Almanzo, e depois perguntou ao pai:

- Não seria melhor depositá-lo na sua conta, Sr. Wilder?

- Não. O dinheiro é do rapaz, ele que trate do assunto.

Nunca se é novo de mais para aprender.

- Sim, senhor.

Almanzo teve de escrever o seu nome duas vezes. Depois o caixa contou cuidadosamente as notas e escreveu o nome de Almanzo num livrinho. Escreveu os números -\$200- e entregou o livrinho ao rapaz.

Almanzo saiu do banco com o pai e perguntou-lhe:

- Como recebo outra vez o dinheiro?

- Pedes que to dêem e eles dão-to. Mas lembra-te de uma coisa, filho: enquanto o dinheiro estiver no banco, estará a trabalhar para ti. Cada dólar no banco rende-te 4 cêntimos por ano. Não há nenhuma outra maneira mais fácil de ganhares dinheiro. Todas as vezes que te apetecer gastar um níquel, pensa quanto trabalho é preciso para ganhares um dólar.

- Sim, pai.

Almanzo estava a pensar que tinha dinheiro mais que suficiente para comprar um potrozinho. Era capaz de adestrar um potrozinho seu, de lhe ensinar tudo. O pai nunca o deixaria adestrar um potro dos seus.

Mas aquele dia emocionante ainda não tinha acabado.

O Sr. Paddock encontrou de novo Almanzo e o pai fora do banco. Disse ao pai do rapaz que tinha uma ideia na cabeça:

- Há algum tempo que tenho sentido vontade de conversar consigo, aqui a respeito do seu pequeno.

Almanzo ficou surpreso.

- Alguma vez pensou em fazer dele carpinteiro de carros? - perguntou o Sr. Paddock.

- Bem, não - respondeu o pai, devagar. - Confesso que não.

- Pois pense agora, hem? É um negócio em desenvolvimento, Wilder. O país está a crescer, a população é cada vez maior e as pessoas precisam de carroças e carruagens, têm necessidade de viajar de um lado para o outro. Os caminhos-de-ferro não nos prejudicaram; cada vez temos mais clientes. É uma boa oportunidade para um jovem inteligente.

- Sem dúvida.

- Eu não tenho filhos meus, mas o senhor tem dois - prosseguiu o Sr. Paddock. - Não tarda, terá de pensar em iniciar Almanzo na vida. Coloque-o como meu aprendiz, e tratá-lo-ei bem. Se ele vier a ser aquilo que espero, não haverá razão nenhuma para não ficar com o meu negócio, a seu tempo. Então será um homem rico, talvez com meio cento de homens a trabalhar às suas ordens. Vale a pena pensar no assunto.

- Vale a pena, com certeza - concordou o pai. - Estou-lhe grato pelo que disse, Paddock...

O pai não falou, no caminho para casa. Almanzo, sentado no banco a seu lado, também não disse nada. Tinham acontecido tantas coisas que pensava nelas todas, misturadas umas com as outras.

Pensou nos dedos sujos de tinta do caixa do banco, na boca fina e descaída aos cantos do Sr. Thompson, nos punhos do Sr.

Paddock e na quente e agradável oficina de construção de carros. E pensou que, se fosse para aprendiz do Sr. Paddock, não teria de ir para a escola.

Invejara muitas vezes os operários do Sr. Paddock. O seu trabalho era fascinante. As aparas compridas e encaracoladas a cair das arestas das tábuas. Passavam os dedos pela madeira lisa e Almanzo também gostava de fazer isso. Gostaria de pintar, com o pincel largo, e de fazer riscos finos e direitos, com o pincelinho de ponta fina.

Quando uma carruagem ficava pronta, ou uma carroça acabada, todas de boa madeira de nogueira ou de carvalho, com as rodas pintadas de encarnado e a caixa de verde e uma figurinha na parte de trás, os operários sentiam-se orgulhosos. Faziam carroças tão resistentes como os trenós de atrelar do pai e muito mais bonitas.

Depois Almanzo sentiu, na algibeira, o livrinho do banco e pensou num potro. Queria um potro com pernas esbeltas e grandes olhos meigos e admirados, como os do Estrelado. Queria ensinar-lhe tudo, como ensinara a Estrela e a Brilhante.

Assim, o pai e Almanzo percorreram todo o caminho para casa, sem dizerem nada. O ar estava parado e frio e as árvores pareciam riscos pretos feitos na neve e no céu.

Eram horas de tratar dos animais, quando chegaram a casa.

Almanzo ajudou o pai, mas perdeu algum tempo a admirar o Estrelado. Afagou-lhe o focinho aveludado e passou a mão ao longo da curva firme do pescoço, sob a crina. Estrelado percorreu-lhe a manga com os beiços macios, como se mordiscasse.

- Onde estás, filho? - perguntou, de longe, o pai, e Almanzo foi a correr mungir as vacas.

Ao jantar, comeu tranquilamente, enquanto a mãe falava do que acontecera. Disse: "Nunca na minha vida imaginei!..." E disse também que estava banzada e que não compreendia porque era tão difícil arrancar tudo ao pai. Este respondia às suas perguntas, mas, como Almanzo, estava atarefado a comer. Por fim, a mãe perguntou-lhe:

- Que te preocupa, James?

O pai disse-lhe, então, que o Sr. Paddock queria tomar Almanzo como aprendiz.

Os olhos castanhos da mãe coruscaram e as suas faces tornaram-se tão vermelhas como o seu vestido de lã encarnado.

Pousou a faca e o garfo e exclamou:

- Nunca tinha ouvido semelhante coisa! Quanto mais depressa o Sr. Paddock tirar daí o sentido, melhor! Espero que lhe tenhas dito o que pensavas! Gostaria de saber porque haveria o Almanzo de viver na cidade, às ordens de qualquer!

- Paddock ganha bom dinheiro - lembrou o pai. - Acho que, se a verdade fosse dita, se ficaria a saber que ele deposita todos os anos no banco mais dinheiro do que eu. Falou por considerar que se tratava de uma boa oportunidade para o rapaz.

- Ora! - exclamou a mãe, que parecia uma galinha eriçada, toda zangada. - O mundo segue por um lindo caminho se qualquer homem pensa que é subir um degrau na vida deixar uma boa quinta e ir para a cidade! Como é que o Sr. Paddock ganha o seu dinheiro, a não ser trabalhando para nós? Creio que se não fizesse carroças ao gosto dos agricultores, não duraria muito!

- Isso é verdade, mas...

- Não há mas nenhum - interrompeu a mãe. - Como se não bastasse ver o Royal descer para ser apenas um gerente de armazém! Talvez ganhe dinheiro, mas nunca será o homem que tu és. Passar os dias todos a servir outros, para ganhar a vida... Nem à própria alma poderá nunca chamar sua!

Por momentos, Almanzo receou que a mãe fosse chorar.

- Pronto, pronto - disse o pai, tristemente. - Não leves as coisas tanto a peito. Talvez, no fim, seja tudo pelo melhor.

- Não quero que o Almanzo siga o mesmo caminho! - gritou a mãe. - Não consinto, ouviste?

- Sinto o mesmo que tu - respondeu o pai. - Mas o rapaz é que terá de decidir. Podemos, legalmente, obrigá-lo a ficar aqui na quinta até aos 21 anos, mas isso não serviria de nada se ele se quisesse ir embora. Claro que não. Se Almanzo pensa como o Royal, o melhor será colocá-lo como aprendiz do Paddock, enquanto ele é novo.

Almanzo continuava a comer. Ouvia o que diziam, mas saboreava o gostinho bom da carne de porco assada e do molho de maçã em todos os cantinhos da sua boca. Bebeu um grande golo de leite frio, respirando fundo, segurou melhor o guardanapo e estendeu a mão para a sua tarte de abóbora.

196

Cortou a ponta trémula da tarte castanho-dourada, com especiarias e açúcar. Derreteu-se-lhe na língua e sentiu na boca e no nariz o gosto dos condimentos.

- Ele é muito novo para saber o que quer - discordou a mãe.

Almanzo comeu outro grande bocado de tarte. Não podia falar enquanto Lhe não dirigissem a palavra, mas achava que já tinha idade suficiente para saber que nada Lhe agradava mais do que ser como o pai e não como qualquer outro homem. Nem sequer como o Sr. Paddock. Este tinha de agradar a um homem mesquinho como o Thompson, se não queria deixar de vender uma carroça. O pai, livre e independente: se se esforçava por agradar a alguém, era Ele que queria.

De súbito, compreendeu que o pai lhe falara. Engoliu e quase se engasgou com a tarte.

- Diga, pai - pediu.

O pai estava com ar solene:

- Filho, ouviste o que o Paddock disse a respeito de seres seu aprendiz?

- Sim, pai.

- E que dizes?

Almanzo não sabia exactamente que dizer. Não imaginara sequer que pudesse dizer alguma coisa. Teria de fazer o que o pai mandasse.

- Bem, filho, pensa no assunto - continuou o pai. - Quero que sejas tu a decidir. Com o Paddock, terias uma vida fácil, em certos aspectos. Não terias de estar fora de casa fizesse o tempo que fizesse. Nas noites frias de Inverno poderias ficar quentinho na cama, sem teres de te preocupar com o gado novo, em riscos de gelar. Com chuva ou sol, vento ou neve, estarias abrigado. Estarias fechado, com paredes à volta.

Provavelmente, terias sempre bastante que comer e vestir e dinheiro no banco.

- James! - protestou a mãe.

- É a verdade, e nós devemos ser leais - respondeu o pai. - Mas há também o outro lado das coisas, Almanzo. Na cidade, terias de depender de outras pessoas. Tudo quanto precisasses e consumisses, teria de ser comprado a outros.

Um agricultor depende de si próprio, da terra e do tempo.

Quando somos agricultores criamos o que comemos e o que vestimos e aquecemo-nos com lenha das nossas próprias árvores.

Trabalhamos duramente, mas como nos agrada e nenhum homem tem nada a ver com isso ou nos pode mandar fazer assim ou assado.

Numa quinta, somos livres e independentes, filho.

Almanzo encolheu-se. O pai estava a olhá-lo muito atentamente. E a mãe também. Almanzo não queria viver fechado entre paredes, nem agradar a pessoas de quem não gostava, nem passar a vida sem ter cavalos, vacas e campos. Queria ser como o pai. Mas não queria dizê-lo.

- Podes levar o teu tempo, filho. Pensa bem - acrescentou o pai. - Decide o que queres. Diz, filho.

- Posso? Posso realmente dizer o que quero?

- Podes, sim, filho - encorajou-o o pai.

- Quero um potro. Posso comprar um potro só meu, com aqueles duzentos dólares, e depois deixa-me adestrá-lo?

A boca do pai abriu-se lentamente num sorriso. Tirou o guardanapo, recostou-se na cadeira e olhou para a mãe. Depois voltou-se para Almanzo e disse:

- Deixa ficar o dinheiro no banco, filho.

Almanzo sentiu o coração cair-lhe aos pés. Mas, de repente, o mundo transformou-se num grande e luminoso clarão de luz pois que o pai acrescentou:

- Se é um potro que queres, dou-te o Estrelado.

- Pai! - exclamou o rapaz, sufocado. - Para mim?

- Sim, filho. Podes adestrá-lo, conduzi-lo e quando ele tiver 4 anos poderás vendê-lo ou ficar com ele, como preferires. A primeira coisa que vamos fazer, amanhã de manhã, é tirá-lo cá para fora com uma corda, para começares a ensiná-lo.

* * *